


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

FELIPE SOUSA DE ANDRADE

O COMENTÁRIO NO *SITE*
WWW.PAPODEHOMEM.COM.BR: REFLEXÃO
SOBRE PRÁTICA DE ESCRITA E LEITURA, GÊNERO
DISCURSIVO E CONTÍNUO DIALÓGICO



ARARAQUARA – S.P.
2016

FELIPE SOUSA DE ANDRADE

**O COMENTÁRIO NO *SITE*
WWW.PAPODEHOMEM.COM.BR: REFLEXÃO
SOBRE PRÁTICA DE ESCRITA E LEITURA, GÊNERO
DISCURSIVO E CONTÍNUO DIALÓGICO**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Marina Célia Mendonça

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2016

Andrade, Felipe Sousa de

O comentário no *site* www.papodehomem.com.br:
reflexão sobre prática de escrita e leitura, gênero discursivo e
contínuo dialógico / Felipe Sousa de Andrade – 2016
144f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Marina Célia Mendonça

1 Internet. 2. Contínuo. 3. Gênero discursivo. 4. Escrita. 5.
Leitura. I. Título.

FELIPE SOUSA DE ANDRADE

O COMENTÁRIO NO SITE
WWW.PAPODEHOMEM.COM.BR: reflexão sobre prática de
escrita e leitura, gênero discursivo e contínuo dialógico

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais

Orientador: Marina Célia Mendonça

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 30/05/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profª Drª. Marina Célia Mendonça
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Prof Dr. Arnaldo Cortina
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Profª Drª. Maria Isabel de Moura
Universidade Federal de São Carlos

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

A mim, para não ter que responsabilizar, pelas palavras que aqui coloco, aqueles que grande importância tiveram neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, com uma gratidão e um amor que talvez nunca consiga lhes demonstrar;
A Marina, de sincero coração, a quem devo todo o meu processo de formação como estudante e como pessoa durante todo o período da graduação e pós-graduação.
A CAPES, pelo apoio e incentivo.

“- Os senhores querem saber como se deu esse caso do veado, uma história que apontei outro dia? perguntou Alexandre às visitas, um domingo, no copiar. Ora muito bem. Olhem aquele monte ali na frente. É longe, não é?”

- Muito longe, respondeu o cego preto Firmino.

-Como é que o senhor sabe, seu Firmino? grunhiu o narrador. O senhor não vê.

- Não sei não, seu Alexandre, voltou o negro. Eu disse que era longe porque o senhor é o dono da casa e deve saber. O senhor achou que era longe e eu concordei. Não está certo?”

Graciliano Ramos (2011, p. 91)

RESUMO

O trabalho que se apresenta tem por objetivo refletir sobre a prática de escrita e leitura na internet, particularmente no *site* www.papodehomem.com.br. A partir dessas práticas, refletimos também sobre o típico comentário como gênero discursivo e como enunciado que possui uma continuidade dialógica com os outros enunciados. Essas intenções se deram pelo fato de encontrarmos no *site* referido particularidades estilísticas, composicionais e temáticas peculiares ao comentário: os internautas não apenas comentam os textos de maneira breve e casual; eles complementam o texto comentado. Complementam a partir de processos semelhantes e de processos particulares ao suporte computador. A partir de um cotejamento de enunciados, selecionamos cinco tutoriais em que as peculiaridades se dão de maneira mais aparente. São esses tutoriais: *Como engraxar e dar brilho aos seus sapatos, passo-a-passo*; *Como fazer ceviche, passo-a-passo*; *Como fazer feijão, passo-a-passo*; *Aprenda a assoviar como seu avô*; *Receita de hambúrguer do MEATS! Como fazer o hambúrguer mais matador de todos*. Nosso cotejamento se dá através de ideias propostas pelo círculo de Bakhtin. Noções de gêneros do discurso, de acabamento e ato responsável nos são basilares e fundamentais para entender o diálogo que há entre os enunciados e a proposta de contínuo que propomos.

Palavras – chave: Comentário. Prática de escrita e leitura. Contínuo dialógico. Gênero discursivo. Internet.

ABSTRACT

The paper that is presented aims to reflect on the practice of reading and writing on the internet, particularly in www.papodehomem.com.br webpage. From these practices, we also reflect on the typical comment as discursive genre and as a statement that has a dialogical continuity with the other statements. These intentions are given by the fact that we found on the site stylistic peculiarities, unique compositional and thematic on the comments: commentators not only commented on the text in a brief and casual way; they complemented the commented text. They supplemented from similar processes and the computer support particular processes. From a listed readback, we selected five tutorials that peculiarities are given in more apparent way. Are these tutorials: *Como engraxar e dar brilho aos seus sapatos, passo-a-passo*; *Como fazer ceviche, passo-a-passo*; *Como fazer feijão, passo-a-passo*; *Aprenda a assoviar como seu avô*; *Receita de hambúrguer do MEATS!* *Como fazer o hambúrguer mais matador de todos*. Our readback is through ideas proposed by the Bakhtin circle. Notions of speech genres, finishing and responsible act are basic and fundamental to understand the dialogue that exists between the statements and the proposed continuum that we propose.

Keywords: Comment. Practice Reading and writing. Continuous dialogical. Discursive genre. Internet

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	29
Figura 2	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	30
Figura 3	Homem-homem	61
Figura 4	Papodehomem não é papo de hétero	62
Figura 5	Coleções	64
Figura 6	Percurso	65
Figura 7	Mecenas	66
Figura 8	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	67
Figura 9	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	69
Figura 10	Comentário de <i>Receitas de Hamburger do MEATS</i> (Anexo 5)	69
Figura 11	Comentário de <i>Como fazer ceviche, passo-a-passo</i> (Anexo 4)	70
Figura 12	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	70
Figura 13	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	71
Figura 14	Comentário de <i>Aprenda a assoviar como seu avô</i> (Anexo 2)	73
Figura 15	Comentário de <i>Como fazer ceviche, passo-a-passo</i> (Anexo 4)	73
Figura 16	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	74
Figura 17	Comentário de <i>Como fazer ceviche, passo-a-passo</i> (Anexo 4)	75
Figura 18	Comentário de <i>Como fazer ceviche, passo-a-passo</i> (Anexo 4)	75
Figura 19	Comentário de <i>Aprenda a assoviar como seu avô</i> (Anexo 2)	76
Figura 20	Comentário de <i>Como engraxar e dar brilho a seus sapatos, passo-a-passo</i> (Anexo 3)	76
Figura 21	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	77
Figura 22	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	78
Figura 23	Comentário de <i>Como engraxar e dar brilho a seus sapatos, passo-a-passo</i> (Anexo 3)	80
Figura 24	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	81
Figura 25	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	82
Figura 26	<i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	85
Figura 27	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	87
Figura 28	<i>Como engraxar e dar brilho a seus sapatos, passo-a-passo</i> (Anexo 3)	88
Figura 29	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	90
Figura 30	Comentário de <i>Aprenda a assoviar como seu avô</i> (Anexo 2)	90
Figura 31	Comentário de <i>Receitas de Hamburger do MEATS</i> (Anexo 5)	91
Figura 32	Comentário de <i>Receitas de Hamburger do MEATS</i> (Anexo 5)	91
Figura 33	Comentário de <i>Como fazer feijão, passo-a-passo</i> (Anexo 1)	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PdHwww.papodehomem.com.br

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. PRÁTICAS DE ESCRITA	20
2.1. Escrita	20
2.2. Letramentos: práticas sociais de escrita	26
2.3. Suporte	33
3. CONCEITOS BAKHTINIANOS	40
3.1. Dialogismo	40
3.2. Ato responsável	42
3.3. Acabamento	46
3.4. Gêneros do discurso	52
4. ANÁLISE	61
4.1. Escrita e leitura: práticas a partir do comentário	68
4.2. Suporte de textos e o comentário na internet	79
4.3. O contínuo dialógico entre comentários e textos comentados	84
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	99
ANEXO 1	102
ANEXO 2	107
ANEXO 3	114
ANEXO 4	126
ANEXO 5	139

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho olharemos para as práticas de escrita e de leitura do sujeito que, através de suas ações, emite valores. Não o tomaremos como onipotente, mas como um sujeito que, apesar de sua inclusão em um ambiente e tempo socioculturais, obtém uma singularidade e uma responsabilidade.

Desde a Iniciação Científica, financiada pela FAPESP entre 2011 e 2013, cujo título da pesquisa foi *Análise discursiva de comentários de internautas em sites sertanejos: reflexões sobre identidade e representação escrita de produção cultural de tradição oral*, viemos nos relacionando a essas práticas, mas sem, no entanto, olharmos para o suporte em que o sujeito agia. Nesse momento, esse olhar nos é particular, uma vez que notamos como o computador, nesse caso, através de suas providências, permite que o internauta aja de uma maneira particular.

Através do agir do sujeito, através de seu ato responsável e de sua singularidade, percebemos como ele infere em seu contexto mais imediato e como é por ele influenciado. Podemos, assim, refletir sobre como ele utiliza a escrita, sobre o que a escrita representa e sobre como ela se apresenta.

A partir desse nosso interesse, nos detemos ao site www.papodehomem.com.br, pois vimos nele uma singularidade do agir do sujeito relacionado às práticas de escrita e de leitura.

Como *corpus*, selecionamos, do site, cinco tutoriais e seus respectivos comentários. São os tutoriais: *Como engraxar e dar brilho aos seus sapatos, passo-a-passo*; *Como fazer ceviche, passo-a-passo*; *Como fazer feijão, passo-a-passo*; *Aprenda a assoviar como seu avô*; *Receita de hambúrguer do MEATS! Como fazer o hambúrguer mais matador de todos*.

Neles, os comentários e os textos comentados parecem se complementar, de modo que, ao lê-los, os tomamos como um amálgama, como um único enunciado, pois percebemos uma continuidade – lembram, inclusive, uma conversa.

Esse mesmo aspecto não aparece, por exemplo, no site www.naterradapadroeira.blogspot.com.br, objeto de estudo em nossa Iniciação Científica. Primeiro, porque o texto publicado pelo autor do blog se encontra em página diferente da dos comentários; segundo, porque raramente os comentários se relacionam diretamente ao *post*. Por esse segundo aspecto, não há complementaridade de informações, de conhecimento, e a similaridade entre os aspectos estilísticos, temáticos e composicionais não são aparentes; pelo

primeiro, há uma quebra substancial de contínuo, pois as informações estão em locais diferentes (ao acessar os comentários, o internauta é direcionado a outra página).

No site www.papodehomem.com.br (daqui em diante, PdH), diferentemente, os comentários seguem logo abaixo do texto comentado, não sendo o internauta direcionado a outro “lugar”, e as informações entre os dois, em grande escala, são correspondentes. No que diz respeito à similaridade do estilo, do modo composicional e do tema – aspectos importantes para se considerar nos gêneros do discurso, segundo Bakhtin (1997) –, ela aparece em quantidade considerável.

Mesmo que os dois sites tenham o mesmo objeto como suporte, ou seja, o computador, suas configurações são diferentes, como posto acima. Essa diferenciação é o que nos chama a atenção, pois mostra outras possibilidades de ações do sujeito.

O suporte permite que o sujeito utilize, ou não, uma expressão e/ou uma linguagem compatível e aproximada com os outros enunciados, pois é possível comentar, por exemplo, utilizando-se de vídeos, de imagens, assim como manter uma atemporalidade entre os enunciados.

O texto eletrônico, no caso, tem como característica a maleabilidade (CHARTIER, 2002): é um enunciado aberto que o sujeito é capaz de modificar, seja copiando-o, recortando-o, alterando-o em trechos específicos etc. através das ferramentas que o computador oferece.

A partir dessas considerações, nosso objetivo é analisar como, então, a escrita e, conseqüentemente, a leitura se dão nesse ambiente, referindo-se tanto ao site PdH quanto ao suporte computador. Analisar, além disso, como o comentário, em particular, se configura, pois, diferentemente do que é passado através do ensino formal e normativo, ele aparece aqui com um alto nível de instabilidade.

Essa questão, particularmente, sobre a configuração do comentário é algo que toma nossa atenção justamente por experiência própria: durante o ano de 2014, lecionando sobre gêneros textuais com foco em vestibular, percebemos que, prioritariamente, o que há nas apostilas é um fazer estabilizado em nível de estrutura e estilo, distanciando-se da funcionalidade real e social dos gêneros discursivos. Como exemplo, pode-se acessar o vídeo intitulado *Aulas de redação – Como fazer um comentário | Almanaque da Rede* no site www.youtube.com.br¹. Nele, a professora, em aula de tipologia textual, diz que em um comentário deve haver, por exemplo, um vocativo, uma argumentação evidenciando uma

¹ Acesso através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=jAXVmrh7Rk0>

premissa do texto principal e alguma crítica, alguma colocação do autor. Além disso, faz supor que comentários simples, como “Lindo”, não é uma maneira correta de expressão.

Tenhamos noção que as dicas, os pontos abordados no vídeo, têm como pano de fundo o vestibular, o que direciona as atividades de escrita para uma forma particular de composição dos gêneros discursivos. Entretanto, essa forma, muitas vezes, acaba sendo passada e reproduzida no ensino como regra.

Consideramos, entretanto, que um sujeito que interaja através das redes sociais, como *facebook* e *instagram*, ao comentar, faria uso principalmente de comentários como “lindo”, simplesmente. Caso contrário, se utilizasse o estilo de uma linguagem rebuscada, formal, estaria sendo, no mínimo, incoerente com o tipo de linguagem vigente nesses lugares. Claro que essa última maneira de se expressar também existe nesses lugares, mas em ocasiões que particularmente requerem essa forma. O que queremos colocar é que para cada caso, para cada lugar, há uma maneira coerente de agir perante as práticas de escrita.

No caso do PdH, a coerência acontece pelas variadas formas de se comentar – o que nos é interessante –, pois no *site* encontramos não apenas uma forma instável de estilo, de modo composicional ou temática no típico comentário, mas também outros gêneros discursivos fazendo o papel de comentário. Dessa forma, a função social do comentário é estabelecida ao ser, de fato, uma resposta real, aplicável a um contexto natural e não fictício.

Considerando o exposto, o objetivo principal dessa pesquisa é refletir sobre a possibilidade de um contínuo entre os enunciados postados no PdH nas práticas de escrita e leitura dos internautas. Assim, refletiremos sobre as seguintes questões: a) é possível argumentar que há um contínuo entre os enunciados de forma que as fronteiras entre eles sejam minimizadas?; b) o que se pode inferir sobre as práticas de escrita e leitura a partir da relação dos enunciados?; c) qual a influência do suporte material na relação entre os enunciados e nas práticas de leitura e escrita?; d) o que se pode dizer sobre o gênero discursivo comentário e sua configuração?

Para essas reflexões, temos como arcabouço teórico ideias desenvolvidas pelo círculo de Bakhtin.

Para Bakhtin (1997), sempre que enunciamos utilizamos um gênero discursivo originado pela esfera de comunicação mais imediata. O enunciado carrega em si os valores sociais, culturais e históricos dessa esfera: é a partir dela que ele se configura como um gênero. Enunciado e gênero discursivo, para o autor, são indissociáveis: quando há enunciado, há gênero. Este é tomado como forma relativamente estável de enunciado, pois varia em tema, estilo e modo composicional.

Em uma esfera de comunicação há sempre um sujeito que enuncia e um que responde ativamente ao enunciado produzido. O enunciado daquele nada mais é do que uma resposta ao enunciado do outro. Na relação entre os sujeitos, os enunciados do outro são previamente concebidos para respondê-los. As respostas, por sua vez, são adequadas às características, aos valores do sujeito outro: adota-se um tema, um estilo e um modo composicional supostamente compatível a eles. Essa adequação, então, demonstra que o enunciado é constituído por outros enunciados e sempre remete a outros que estarão por vir (BAKHTIN, 1997); demonstra o reflexo e a refração dos valores ideológicos construídos pelos sujeitos num determinado contexto histórico, social e cultural (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009)

A partir dessa concepção sobre enunciado, pautamo-nos também em outra característica interessante: suas fronteiras claramente delimitadas. Para Bakhtin,

quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades de comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, *fronteiras claramente delimitadas*. (BAKHTIN, 1997, p. 294)

Segundo o autor, essas fronteiras se dão pela alternância dos sujeitos enunciadoreis. Quando um deles toma a palavra, o enunciado do outro é tido como acabado e é esse acabamento que delimita a fronteira. Este vai sinalizar o fim de um enunciado e o começo do outro.

Nesse caso, quando um internauta comenta um texto, supostamente há uma fronteira entre os dois enunciados – assim como um diálogo. Mas se adotamos a ideia de que os dois se complementam, essa fronteira é minimizada. Quando um sujeito coteja os enunciados em sua leitura, há um contínuo, de forma que é possível lançar a hipótese de que os comentários são partes integrantes dos textos comentados.

Além disso, centramo-nos também sobre as concepções de ato responsável. O sujeito, perante um enunciado, age sempre ativamente sobre ele, no sentido de lhe conceber um valor. Essa atitude, esse agir, é uma ação ética que o compromete e o responsabiliza, não lhe outorgando álibi nenhum.

Isso nos interessa à medida que pensamos no sujeito como alguém ativo na sociedade, que, além de ser trespassado por discursos e ser condicionado por eles, também cria, impulsiona novos valores e condiciona.

Através da escrita, o sujeito, imerso em seu contexto, utiliza-a estabelecendo-lhe uma funcionalidade. Entendemos isso como letramento.

No caso do computador, através da internet e de todos os programas, plataformas de que faz uso, um internauta age responsabilmente evidenciando um condicionamento e uma

condição da escrita. Ela lhe permite, hoje, um engajamento mais tecnológico, por exemplo: é preciso conhecer seu funcionamento e desenvolvê-la como um objeto para fazer parte de uma sociedade que está diariamente conectada. Através do letramento do sujeito, do seu agir perante a escrita, evidenciam-se valores e significações historicamente constituídos a partir dos quais se produz uma resposta.

A partir dessas ideias, nossa postura perante o *corpus*, perante os enunciados é de intérprete, uma vez que para Bakhtin (1997) só compreendemos os enunciados a partir de outros enunciados. Seria completamente contrário aos princípios bakhtinianos julgar que nossas conclusões obtivessem uma verdade única; elas são, na verdade, apenas respostas possíveis. Afinal, “o pesquisador também é um leitor que interpreta, que constrói hipóteses provisórias sobre o material sobre o qual se debruça em sua análise.” (MENDONÇA, 2012, p. 114). O que estabelecemos é uma significação possível de ser ressignificada.

O diálogo que se forma na atividade de pesquisa é sempre muito particular, muito singular de cada sujeito. Justamente pelo fato de um enunciado ser constituído por outros enunciados, ele se torna único, pois, quando compreendido por um sujeito, este possui sua própria cadeia de enunciados.

Nas palavras de Mendonça,

o enunciado se produz no diálogo com outros enunciados, por um sujeito em compreensão responsiva das palavras do outro, que inicialmente são palavras alheias, e depois são sentidas como palavras próprias. É um sujeito já prenhe de palavras próprias, que antes foram alheias. (MENDONÇA, 2012, p. 112)

Somente a partir desse diálogo entre enunciados é possível cotejá-los.

Cotejar é

dar contextos a um texto [...] recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem. (GERALDI, 2012, p. 33)

A partir dessa recuperação, analisam-se os enunciados; confronta-os, compara-os. A partir do cotejamento, postulamos semelhanças e diferenças. Evidenciam-se singularidades. É esse procedimento metodológico que adotaremos nesse trabalho.

Estamos dispostos a dar maior atenção para as diferenças, mas sem as semelhanças não chegaríamos a elas. Se, para Bakhtin (1997), enunciados são relativamente estáveis, não podemos deixar de olhar para aquilo que os estabiliza, uma vez que as particularidades recorrentes são o que nos permite adequarmo-nos a uma situação de comunicação (é preciso entender o funcionamento e as características de um comentário para poder usá-lo, por exemplo). Precisamos conhecer o que se repete para, só assim, visualizar o que se diferencia.

Quando olhamos para a diferença, para a singularidade de um enunciado, damos lugar para a alteridade, para o outro, o que nos permite, “como a arte, escutar o estranhamento” (GERALDI, 2010, p. 89)

As ações do outro, os dizeres do outro, prenes de sua cultura, quando confrontados com objetos e fenômenos que nos escondem as valorações que nós mesmos lhes atribuímos, mostram-nos o que não mais conseguimos enxergar. (GERALDI, 2010, p. 89)

Queremos enxergar as valorações que muitas vezes são escondidas pela repetição, mas sem abrir mão desta.

Enfim, o percurso que tomamos neste trabalho começa com uma reflexão sobre a escrita, no capítulo dois. Tomamos inicialmente algumas concepções a seu respeito para poder entendê-la sob a perspectiva do letramento. Olharemos para a relação entre sujeito e escrita e refletiremos sobre como ele a utiliza, evidenciando uma prática de escrita e leitura em ambiente virtual.

Em seguida, no capítulo três, trazemos as ideias bakhtinianas, iniciando pela noção de dialogismo, que perpassa as ideias do círculo de Bakhtin e que é base e centro para nossas discussões. Elas dão base para as noções de ato responsável e de acabamento que utilizamos. Estas duas, já brevemente referidas acima, permitem-nos olhar para o sujeito que tem responsabilidade ética pelos seus atos, dialogando assim com a noção de letramento, e também para o enunciado como um todo de sentido que recebe um acabamento provisório e que delimita fronteiras. A seguir, trazemos reflexões sobre os gêneros do discurso e suas concepções. Nosso objetivo é entender o funcionamento do típico comentário, que é nosso foco.

Por fim, no capítulo quatro, expomos informações preliminares sobre o *site* PdH para que possamos situar o leitor, de forma a acompanhar melhor as análises. Logo depois, desenvolvemos a análise de nosso *corpus*.

A partir dessa análise e de toda a discussão anterior, como já referido, procuraremos evidenciar a prática de escrita e de leitura do sujeito no ambiente virtual. Práticas que evidenciam um letramento. Assim, teremos base para refletir sobre a continuidade entre os enunciados.

Para melhor esclarecimento, trata-se de uma continuidade dialógica. Isso quer dizer que queremos olhar para os enunciados em níveis discursivos: estilisticamente, composicionalmente, tematicamente, culturalmente, socialmente e historicamente, levando em consideração o diálogo que existe entre eles. Quando dizemos que há uma continuidade,

trata-se, pois, de semelhanças quanto a esses aspectos, os quais os aproximam um do outro e lhes permite tomá-los como um único enunciado.

Reconhecemos que nem todos os enunciados são tão próximos assim, nem todos possuem semelhanças. Mas mais interessante isso se torna pelo fato de que quando olhamos para todos eles como algo global, mais uma vez minimizam-se as divergências. Analogamente, não olhamos para os capítulos de um livro separadamente, mas, antes, para todos como uma obra única. Ao fazer isso, notamos que se os enunciados se aproximam muito de uma conversa.

Em função dessa aproximação e das particularidades dos comentários, que por vezes apresentam-se com características de outros gêneros, como veremos, fica-nos uma questão final, que discutiremos em conclusão: tratam-se, de fato, de um gênero discursivo os comentários do *site* www.papodehomem.com.br?

2. PRÁTICAS DE ESCRITA

A transição que queremos traçar é da escrita como um objeto que detém valor por si próprio para um objeto cujo sujeito o utiliza e do qual se beneficia para produzir valor. A partir disso, podemos entender a relação entre sujeito e escrita como letramento, o que nos dá margem para desenvolver e espaço para entender isso como um ato ético. O percurso que tomamos nos serve como base e fundamentação para chegarmos a essa concepção.

2.1. A escrita

O ato de tomar a escrita como um objeto detentor de valor por si próprio é evidenciado desde a Grécia Antiga, em momentos que possuía um uso não racional, não vinculada a uma função mnemônica ou de registro.

Para Thomas (2005), a escrita podia receber uma função simbólica, monumental e mágica. Quanto às duas primeiras, são percebidas em esculturas antigas, como na estatueta de bronze dedicada a Apolo por Mânticlos, em que letras são grafadas nos membros inferiores do corpo. Esse processo é evidenciado como parte artística do trabalho do artista, a julgar pela simetria da inscrição. Quanto à terceira função, a escrita “era usada para maldições públicas e para tabuletas de maldição [...], que parecem mais próximas de conjuros mágicos” (THOMAS, 2005, p. 111). É certo que essa prática de amaldiçoar e sua respectiva eficácia não eram dependentes da escrita; esse tipo de ação era mais comum a uma prática oral. O que a escrita dessas maldições representa, então, é uma potencialização. “A escrita possibilitava ao amaldiçoador dar forma visível e física à maldição [...]” (THOMAS, 2005, p. 111).

Nesses casos, o que podemos considerar é que a escrita toma um poder relativamente sobre-humano, no sentido de que ela, em si, se torna praticamente uma entidade. “A própria inscrição parece ser dotada de algum tipo de poder simbólico ou real” (THOMAS, 2005, p. 113).

Essa ideia se destaca, por exemplo, já pela crítica à escrita quando se a toma como suficiente ao entendimento, à interpretação do leitor. Platão chamava a atenção para o fato de não haver um interlocutor imediato, empírico, o qual pudesse questionar ou com o qual pudesse concordar, manter uma atitude dialética.

É como se não fosse necessário à palavra alguém que a verbalizasse, que lhe desse sentido, que lhe incutisse valor. Pela escrita, o homem é quem deveria ir até ela para buscar o sentido que ela obtinha.

Nesse sentido, a escrita, quando posta ao lado da fala, tende a ser vista como um objeto de desenvolvimento. Ong (2006), por exemplo, ao fazer considerações sobre a fala e a escrita sob suas diferentes atuações nas sociedades, designa maior prestígio à última. Quando o autor põe em questão os processos pelos quais uma sociedade oral primária, ou seja, uma sociedade que não tem relação nenhuma com a escrita, consegue memorizar pensamentos mais complexos e desenvolvidos, considera que isso é possível através de processos mnemônicos.

Assim, considera a fala como acumulativa. Isso se exemplifica quando se constata que, oralmente, usa-se potencialmente a conjunção introdutiva *e* nas orações, ao invés de outras como *então*, *entretanto* etc., e ao se caracterizar, exaltar algo, usam-se adjetivos, ao invés de se utilizar de um processo analítico.

Além disso, considera que a fala é redundante, conservadora e tradicional. Redundante porque, enquanto pela escrita, se a compreensão do sujeito é comprometida, lhe é possível retornar ao texto imutável, pela fala, pelo discurso oral, entretanto, aquilo que é dito “desaparece enquanto articulado” (ONG, 2006, p. 46, tradução nossa). Assim, a necessidade de se repetir aquilo o que se diz. Quanto a conservadora e tradicional, temos nas próprias palavras do autor:

Dado que em uma cultura oral primária o conhecimento conceituado que não se repete em voz alta desaparece rápido, as sociedades orais devem dedicar grande energia a repetir uma e outra vez o que se tem aprendido arduamente através dos séculos. Esta necessidade estabelece uma configuração altamente tradicionalista ou conservadora da mente que, com boa razão, reprime a experimentação intelectual. O conhecimento é precioso e difícil de obter, e a sociedade respeita muito aqueles anciãos e anciãs sábios que se especializam em conservá-lo, que conhecem e podem contar as histórias dos dias de anos passados [...]. (ONG, 2006, p. 47, tradução nossa);

Mais: considera que a fala está restrita ao mundo vital humano e que possui uma matriz agonística. Na oralidade primária a proximidade com a realidade, a estreiteza, a assimilação do mundo com o homem, faz-se necessária. O homem fala sobre aquilo que lhe é real, palpável, conhecido. Nas disputas intelectuais, no combate verbal, os enigmas e provérbios são utilizados como armas, e não apenas como armazém ao conhecimento.

Por fim, considera a fala como empática e participante e homeostática. Na sociedade oral primária, o sujeito que detém o saber possui uma relação direta com esse saber; não há separação. Um existe no outro. Em uma sociedade letrada, no entanto, aquilo que se sabe

pode ser encontrado fora do sujeito, fora do homem. Ou seja, na escrita. Essa separação é o que o autor considera como passível de objetividade – a escrita tem o seu próprio sentido, não lhe é necessário alguém para lhe inculcar valor, interpretação, sentido. Ao que diz respeito à homeostase, a sociedade primária oral não se prende a recordações que já não têm pertinências atuais, vivendo, então, em um presente que guarda o equilíbrio.

Através dessa categorização da fala em sociedades orais primárias, percebe-se que a

escrita representa um avanço na capacidade cognitiva dos indivíduos e, como tal, uma evolução nos processos noéticos (relativos ao pensamento em geral), que medeiam entre a fala e a escrita. (MARCUSCHI, 2001, p. 29)

Nessa perspectiva, que Marcuschi (2001) denomina fenomenológica de caráter culturalista, a cultura oral possui pensamento concreto, raciocínio prático, atividade artesanal, cultivo da tradição e ritualismo, e a cultura letrada possui pensamento abstrato, raciocínio lógico, atividade tecnológica, inovação constante e analiticidade (MARCUSCHI, 2001).

Em cima desses tipos de concepções sobre a escrita, alguns mitos são construídos, os quais Olson (1997), por exemplo, tenta desconstruir, ou, pelo menos, relativizar.

Os mitos a que o autor se refere são seis, mas interessa-nos apenas três, pois relaciona-se desenvolvimento à escrita: “a escrita é o órgão do progresso social” (OLSON, 1997, p. 21); “a escrita como instrumento do desenvolvimento cultural e científico” (OLSON, 1997, p. 23); “a escrita como um instrumento de desenvolvimento cognitivo” (OLSON, 1997, p. 23).

A escrita como sinônimo de progresso social é assim considerada já em tempos de outrora como em tempos atuais. Se os bárbaros já eram considerados como tais por não se adequarem à escrita alfabética, no século XVI, vinculando alfabetização a desenvolvimento, Lutero considerava que o descaso com a educação, com o aprendizado, resultaria em “a ira divina, a inflação, a praga e a sífilis, tiranos sanguinolentos, guerras e revoluções [...]” (STRAUSS *apud* OLSON, 1997, p. 22). A essa concepção de educação, por extensão à alfabetização e à escrita, liga-se a ideia de urbanização e de intercâmbio comercial. Eis “o compromisso da UNESCO de “erradicar o analfabetismo” até o ano 2000 como um passo para a modernização (Graff, 1986)” (OLSON, 1997, p. 22). Olson ainda chama a atenção para o discurso editorial do jornal nacional canadense (*Globe and Mail*), que afirma que o analfabetismo é uma das pragas dos países em desenvolvimento e que os analfabetos estão condenados a uma vida medíocre e sem esperança por não terem o instrumento alavancador, a escrita.

Entretanto, muitas vezes a escrita é vista como um meio de escravização, de controle social (STRAUSS; ARIES *apud* OLSON, 1997).

A educação universal e compulsória raramente (talvez nunca) foi procurada pelas pessoas sem instrução como um fator de libertação, mas, ao contrário, lhes foi imposta por uma classe dirigente bem-intencionada, na esperança de torná-las produtivas no trabalho e cidadãos bem-comportados. (OLSON, 1997, p. 26)

Segundo Cipolla e Graff (*apud* OLSON, 1997), da Idade Média ao século XIX, o desenvolvimento econômico, o progresso comercial e industrial muitas vezes se deram em contextos de baixo grau de alfabetização.

Quanto à escrita como instrumento de desenvolvimento cultural e científico, tem-se que a partir da escrita, a partir da invenção do alfabeto pelos gregos, estes foram capazes de desenvolver “modalidades de pensamento caracteristicamente modernas, como filosofia, ciência, justiça e medicina [...]” (OLSON, 1997, p. 23). Entretanto, hoje já é sabido que grande parte do desenvolvimento intelectual grego não se apoiou na escrita; a prática oral, a dialética, possuía grande valor e era responsável pela construção do saber mesmo na era de Platão. Aqui, a difusão da escrita não era universal; ao contrário, era muito limitada.

Já em relação à escrita como um instrumento de desenvolvimento cognitivo, presume-se, por vezes, que o verdadeiro saber só se dá com a alfabetização, com a aquisição da escrita, com as habilidades básicas de leitura e escrita (aprendidas na escola). Tem-se que “o conhecimento da escrita dá ao pensamento o grau de abstração que não existe no discurso oral e nas culturas orais” (OLSON, 1997, p. 24). Entretanto, há de se considerar que por vezes essas habilidades têm como pretexto, inicialmente, a decodificação da escrita. Quando isso, o conteúdo, o conhecimento, é posto de lado. Dessa maneira, é questionável correlacionar a escrita, a sua aquisição, com um desenvolvimento cognitivo. “O conhecimento pode ser transmitido de várias maneiras: pela fala, a escrita, gráficos, diagramas, gravações de som e de vídeo” (OLSON, 1997, p. 29).

Essas considerações levantadas sobre os mitos e concepções sobre a escrita nos são interessantes porque são indicadores de que ela não é aceita unanimemente como uma ferramenta de progresso e desenvolvimento. Pois se dava a impressão que, como nos usos não-rationais da escrita na Grécia Antiga, ela era uma entidade, que possuía ela um poder e que esse poder dominava o homem. Estranho pensar que por trás de todos os fatos, concepções, ideias que se construíram a respeito da escrita, a protagonista é a própria escrita. Ela como o dominador e o homem como o dominado. Ela o utilizando.

O conhecimento do homem, a sabedoria dos aedos na Grécia Antiga (THOMAS, 2005), já eram desenvolvidos bem antes da atuação do alfabeto grego, ou mesmo da atuação da escrita. Segundo estudos de Milman Parry (THOMAS, 2005; ONG, 2006), as duas épicas homéricas, Odisseia e Ilíada, são poemas orais de tradição, tendo como autor um poeta que

não faz uso da escrita – os trabalhos foram compostos, trabalhados e guardados apenas no pensamento e disseminados apenas oralmente (as duas obras só foram escritas por volta de quinhentos anos após a sua composição). Tal feito foi realizado pela ajuda de um processo mnemônico que consistia em adaptar construções formulaicas a diferentes versos do poema. O hexâmetro, sistema métrico utilizado, possibilitava e determinava diferentes construções, diferentes fórmulas, dependendo da *performance* do poeta.² Este, atuando de maneiras diversas perante seu público, utilizava um ou outro epíteto, por exemplo, que melhor coubesse à métrica de seu poema. Não apenas epítetos, mas também estrofes foram conservadas para essa intenção formulaica.

A escrita, quando utilizada, era feita também com esse intento: de guardar, auxiliar a memória. Como processo mnemônico. Como um suporte à fala. Quando se falava em público, o orador se utilizava da escrita para se apoiar, pois falar bem era um sinal de civilidade, de inteligência. Isso demonstra que já na antiguidade o instrumento era a escrita e não o homem.

Com a imprensa, com a propagação da escrita, na Idade Média fez-se pensar que outros que não a Igreja possuíam o poder, a autonomia de leitura, a própria conclusão (OLSON; TORRANCE, 1995). Quer dizer que, se antes, quando a palavra escrita, a Palavra, era lida ou proferida por um sacerdote, a “leitura” era a mesma para todo público.

Não apenas as Escrituras foram propagadas, mas também as Ciências. E no caso destas, supõe-se que houve uma validação consensual, uma objetividade do que era escrito. Objetividade pelo fato de em um texto haver tanto a *forma* quanto o *significado* (OLSON; TORRANCE, 1995). A primeira Olson e Torrance (1995) classificam como a parte “dada”, “fixa”, “permanente”; o segundo, como “intenção”, “interpretação”. A escrita, pois, “é o instrumento para separá-los, ao congelar a forma em um texto” (OLSON; TORRANCE, p. 116). Imagina-se, assim, que a palavra escrita pode ser desvinculada de uma intenção, de um dizer, de um modo de dizer. O que ela é, o é por si. Quanto à interpretação, à intenção que o leitor é capaz de vincular à escrita, elas ainda soariam como um desmembramento da escrita. Como um produto gerado por ela, mediado pelo homem.

Neste trabalho, nosso interesse é colocar a escrita em outro plano. Levá-la ao segundo plano e o sujeito ao primeiro. Entender que, por trás da escrita, há sempre um sujeito que, em determinado espaço e tempo, exerce uma ação sobre ela, e não o contrário. Nessa perspectiva, consideraremos a interação entre sujeito e escrita como práticas sociais, como *letramentos*.

² David Shive, segundo Thomas (2005), alega que Homero utiliza-se de expressões formulaicas, mas que por trás há um forte trabalho de reflexão e meditação para a composição. Não consiste o trabalho do poeta em apenas utilizar expressões pré-fabricadas.

Antes de adentrarmos nessa abordagem, passemos rapidamente sobre o que consistem, para Marcuschi (2001), a fala, a escrita, a alfabetização, a escolarização, a oralidade e o letramento, para, então, discorrermos mais sobre este.

O autor entende que a fala e a escrita são “formas de produção textual-discursiva para fins comunicativos” (MARCUSCHI, 2001, p. 25;26). A primeira se dá na modalidade oral e

caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. (MARCUSCHI, 2001, 25)

A segunda tem como característica a sua constituição gráfica, além de envolver também recursos relativos à ordem pictórica. Ela pode se manifestar através de unidades alfabéticas, símbolos gráficos ou desenhos que representam uma ideia ou um objeto (ideografia) e também através de imagens pictóricas que se relacionam a, ou ilustram, um tema (iconografia), sendo essas manifestações complementares à fala (MARCUSCHI, 2001).

A alfabetização, por sua vez, é *comumente* dada através de instituições escolares, pois também são dadas às suas margens, que visam o aprendizado da escrita e da leitura (MARCUSCHI, 2001). E a escolarização é

uma prática formal e institucional de ensino que visa a uma formação integral do indivíduo, sendo que a alfabetização é apenas uma das atribuições/atividades da escola. A escola tem projetos educacionais amplos, ao passo que a alfabetização é uma habilidade restrita. (MARCUSCHI, 2001, p. 22)

Quanto à oralidade, ela é também uma manifestação comunicativa que se apresenta em várias formas. Ela faz parte da esfera sonora, podendo se realizar de maneira mais, ou menos, formal dependendo do contexto de uso (MARCUSCHI, 2001).

E o letramento

envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas, etc., mas como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita (MARCUSCHI, 2001, p. 25)

Embora Marcuschi faça uma tipologia dessas categorias e facilite a compreensão de cada uma, há de se considerar que as linhas que as delimitam estão apenas exercendo uma ação didática. Consideramos que um sujeito, quando fala, pratica uma atividade oral; que quando escreve, pratica um letramento, exerce uma prática letrada. Na mesma perspectiva, quando ele ouve ou lê, também exerce essas práticas. Não consideramos que dentro do

letramento podemos pensar na escrita pictórica, na escrita alfabética etc. A escrita pictórica, a escrita alfabética *são* letramentos. O sujeito, quando escreve ou lê, exerce uma prática letrada.

2.2. Letramentos: práticas sociais de escrita

Se entendemos *letramento* como práticas sociais de escrita, consideramos a escrita instrumento pelo qual um sujeito é capaz de se englobar na sociedade, pelo qual é capaz de desenvolver ações. Não retornamos à concepção de escrita como um instrumento, por si só, mas compreendemos que o homem, o sujeito, relaciona-se com ela e isso promove resultados, frutos. Além disso, compreendemos também que cada vez mais que um sujeito, uma sociedade, relaciona-se com ela, a sua demanda é maior. E quem não exerce práticas letradas em sociedades letradas tende a ser posto à margem. Geraldi (2010), por exemplo, considera a escrita “como modalidade de circulação de discursos entre nós” – mas muitas vezes o discurso não “circula”.

No texto intitulado *Culturas orais e sociedades letradas – três retratos três por quatro* de Geraldi (2010), o autor faz referência, dentre outras, à pesquisa de Machado (2000), e relata uma entrevista de um menino de rua, a qual tem o objetivo de “detectar [...] representações [...] a propósito da família, da polícia, da desigualdade social e da escola” (GERALDI, 2010, p. 134). O menino entrevistado, por sua vez, tem plena consciência que, a respeito dessas representações, sua “opinião não tá circulando” (GERALDI, 2010, p. 135). O que Geraldi traz com esse exemplo é uma caracterização de cultura oral e cultura letrada. Esta, socialmente implementada ao cotidiano, socialmente concebida, pelas camadas mais altas da sociedade, como mais apropriada, resiste sobre a outra. A cultura oral é negligenciada.

Se, conforme o autor, longo “foi e está sendo o processo de integração de diferentes grupos sociais à cultura oficial, escrita e letrada” (GERALDI, 2010, p. 137), parte do processo relaciona-se à Educação. Entendendo o conceito de escolarização e alfabetização acima mencionados, e levando em conta uma análise estatística sobre os anos de escolaridade que pessoas de dez anos e mais vivenciam feita por Geraldi (2010), da qual é evidenciado um baixo percurso, uma baixa porcentagem, tem-se que “a baixa escolaridade do brasileiro não permite que a cultura escrita circule amplamente entre nós” (GERALDI, 2010, p. 131). É preciso considerar que, embora não seja ampla a circulação, ela é dominante, e a sua falta faz

com que a invisibilidade social aconteça. Faz com que o menino de rua, sua identidade e sua opinião sejam “camuflados”.

Se por um lado temos a camuflagem, por outro temos também a evidenciação. No mesmo texto, Geraldi (2010) traz o exemplo da sociedade Jarawara e a sua adaptação à escrita. Essa sociedade foi levada a “querer aprender a escrever, a ter a escrita” (GERALDI, 2010, p. 133). Pelo uso dessa ferramenta, disseminou-se a prática letrada: a escrita foi sendo ensinada aos companheiros. Eles começaram a escrever cartas com intenções variadas, que muitas vezes faziam-se públicas e intencionalmente comunitárias. Porém, como muitos não tinham domínio sobre a escrita, outros o faziam para os inexperientes. Estes, ao invés de se acomodarem, se inteiravam para aprender e escrever suas próprias cartas.

Esse exemplo, em nossa concepção, mostra como o sujeito, exercendo uma prática letrada, se engaja na sociedade. Por meio da escrita, ele se constitui, constrói uma identidade, se insere. Primeiramente, o interesse dos inexperientes em aprender: ao se utilizar dessa tecnologia, ele não mais terá que depender dos outros para escrever suas próprias vontades; o que ele disser, será dito por si. Eis uma nova desenvoltura do sujeito. Em segundo lugar, a comunidade escrevendo cartas a propósito de interesses comuns: uma nova maneira de se relacionarem. O que houvesse de ser discutido, dito verbalmente, é agora escrito. Por escrito, tem-se, talvez, a sensação de invulnerabilidade.

Dessa maneira, a escrita, como prática social, age como índice de identidade. Ela repercute na maneira de agir dos sujeitos e os sujeitos se definem. É isso que parece repercutir na fala de uma migrante, residente no Paranoá, que frequentava o Curso de Alfabetização de Adultos na década de 1990, chamada Mariana:

“Vixe a gente não pode viver sem a escrita. Se você/ vai arrumar um serviço, vou arrumar um serviço de/ que? Trabalhar pros outros, faxina. Não posso trabalhar/ assim, que tem que marcar o carimbo lá né, tem/ que assinar o nome. Aí fica difícil, assinar o nome,/ toda se tremendo [...]” (Paranoá, entrevista 25-A, 1992 apud MAGALHÃES, 1999, p. 219)

Nesse caso, saber escrever o próprio nome significa identificar-se, significa existir dentro de uma atividade. É não ser mais um, mas ser Mariana.

O que queremos com esses exemplos é uma rápida contextualização da escrita como prática social. Interessa-nos, aqui, abordar o sujeito utilizando-a em ambiente virtual.

Como dissemos, estar em relação com a escrita, conseguir ao menos um pouco exercer ações e promover sentidos com esse instrumento é engajar-se em uma (de várias) sociedade(s). Não é apenas um estado ou uma condição (SOARES, 2006); exercer uma prática social com a escrita é promover um acontecimento. Novos acontecimentos.

Acontecimentos que se desenvolvem, que repercutem, que dão prolongamentos. Prolongar-se à esfera virtual, ao mundo digital. A uma esfera de aplicativos, de *sites*, de conexões, de emaranhamentos. E da mesma forma que uma cultura oral precisa utilizar a escrita para se engajar em uma cultura letrada, sujeitos que não fazem parte da cultura digital precisam utilizar-se de mecanismos para inserir-se nela. A escrita, novamente, é um desses mecanismos e evidencia-se, através dela, uma nova forma de os sujeitos se relacionarem, evidenciam-se novas constituições.

Komesu, em alguns de seus artigos (2001; 2010;) (KOMESU; ARROYO, 2014), analisando a escrita de sujeitos em *home pages* na internet, chama a atenção para novas maneiras de enunciar, ou, pelo menos, maneiras diferentes, se comparadas com a do “papel”, ou com a da fala. Longe de dicotomizar fala e escrita, a autora mostra-nos um contínuo textual, centrada nas ideias de Marcuschi (2001) de que os gêneros textuais mantêm uma configuração em que é permitido evidenciar uma relação entre aspectos da fala e da escrita, em maior ou menor grau, dependendo do gênero. Ao invés de considerarmos os gêneros como textuais, trataremos eles como discursivos, considerando que por trás de uma ação enunciativa um sujeito em um determinado espaço e tempo se posiciona de uma maneira ou de outra inculcando valores em seu discurso. Assim, adotamos não gêneros textuais, mas *gêneros discursivos* (BAKHTIN, 1997).

A ideia de contínuo³ é vista nas *home pages* quando a autora traz noções de gênero discursivo primário (simples) e secundário (complexo) (BAKHTIN, 1997), em que o primeiro é mais vinculado ao discurso do cotidiano, e o segundo aos discursos que são mais “complexos” e que se produzem no campo da ciência, da cultura, do Estado... Aquele “caracteriza-se por situações de comunicação verbal espontânea, em que há relação imediata com a realidade existente e a realidade dos enunciados alheios” (KOMESU, 2001, p. 3), e este “é mais diretamente ligado à escrita, integrando e transformando os gêneros primários” (KOMESU, 2001, p. 3). Respectivamente: comentário, bilhete, carta; tratado filosófico, literatura, artigo científico. No caso das *home pages*, a autora aborda um caso em que o sujeito, ao se identificar, o faz de maneira mais informal, mais descontraída, de maneira mais íntima ao leitor, o que o aproxima de uma situação de conversação. Por outro lado, é uma “conversa” registrada elaborada, pela escrita, graficamente normativamente bem construída. Essas duas características é o que permite dizer que a *home page* possui um caráter de gênero

³ Trata-se aqui ainda a respeito da ideia de contínuo entre fala e escrita e não a respeito da de contínuo discursivo, a que propomos.

intermediário, pois se presencia um contínuo de características ora de uma esfera de comunicação, ora de outra.

Nessa perspectiva, é possível perceber uma relação entre sujeitos que configura uma prática social de letramento. Um sujeito que enuncia, que estabelece uma “intimidade amigável” (KOMESU, 2001, p. 4) com seu leitor, que disponibiliza informações de sua vida privada em uma esfera pública, faz do outro um “ouvinte” potencial. Aproximando-se de uma maneira de enunciar qual diário, estipula um leitor que se interesse por si, pela sua vida; estipula um leitor que se permita manter uma relação de proximidade a partir da informalidade. Esse outro é o que diagnostica a diferença entre diário e *home page*: naquele, o suposto leitor é o próprio escritor; neste, alguém além dele mesmo. E para isso, a maneira de dizer: a informalidade, a intimidade, a elaboração.

Não apenas um gênero intermediário, emergente, é evidência de uma prática social de letramento, mas também uma diferente configuração de escrita lexical exercida pelo sujeito. Se a informalidade já aparece na forma discursiva em relação ao outro, como na expressão “Valeu, e que a força esteja com você!” (KOMESU, 2001, p. 5), marcada pelo uso de “valeu”, está ela presente também quando se tem, ao invés de *você*, *vc*; invés de *não*, *n*; de *quando*, *qnd*. Percebe-se nessas “abreviações” uma não preocupação com a norma por supor que o sujeito outro seja alguém cuja imagem não seja de autoridade e permita, assim, manter uma relação próxima, íntima, informal.

Não apenas essa configuração enunciativa, mas outras podem ser vistas em enunciados divulgados na internet. Komesu (2010), ao analisar um anúncio publicitário de “divulgação de serviços e lojas no *Shopping Villa-Lobos*, localizado em área nobre da cidade de São Paulo” (KOMESU, 2010, p. 5), publicado pela *Folha de São Paulo* no *Caderno 2*, no dia 6 de julho de 2005, aponta enunciações características do *internetês*, como: abreviaturas (como mencionado acima); uso de *emoticons*; rébus; uso não convencional da pontuação; ausência do uso convencional da acentuação; e grafia não convencional de palavras que (supostamente) pretendem reproduzir características dos enunciados falados.

No comentário abaixo, publicado no site www.papodehomem.com.br, podemos ver algumas das características mencionadas por Komesu.

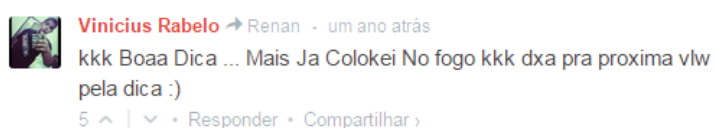


Figura 1 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Segundo a autora, os *emoticons*

são usados com certa regularidade em enunciados na rede, embora sejam marcadamente reconhecidos em práticas letradas/escritas de *chats* e mensagens instantâneas, em *e-mails*, em *blogs*, *microblogs* e em demais ferramentas em que o modo de enunciação pressupõe proximidade, familiaridade ou intimidade entre os interlocutores. Os *emoticons* são construídos a partir de sinais de pontuação utilizados na escrita alfabética e são empregados para a expressão de sentimentos humanos, como os de alegria :-) ou de tristeza :-([...]. (KOMESU, 2010, p. 6)

No comentário em questão, encontra-se o uso do sinal de dois pontos seguido pelo sinal de fecha parênteses (:)) que simbolizam uma “carinha” (KOMESU, 2010), cujo sentimento representado é o de felicidade, podemos supor.

Além disso, há a abreviação de *deixa* por *dxa* e de *valeu* por *vlw*. Essa característica revela a “possibilidade de representação escrita da língua, dada uma prática social letrada/escrita” (KOMESU, 2010, p. 9) e que não é “escrita “fonetizada”” (KOMESU, 2010, p. 9).

O uso não convencional da pontuação é percebido, por exemplo, pela ausência de vírgulas ou ponto final. No comentário, esperava-se, normativamente, ao menos, um ponto final depois de *dica* e uma vírgula ou ponto final depois de *próxima*. Komesu (2010), ao comparar esse uso na internet e em textos de cento e vinte alunos do Ensino Fundamental, indica-nos que não se trata de problemas na aquisição da escrita. Nos textos, a não convenção se relaciona a uma “complexidade enunciativa dos gêneros do discurso aos quais os alunos buscam alçar” (KOMESU, 2010, p. 7). Conclui, então, que a motivação dos usos e desusos da pontuação no texto desses alunos, escrito fora da internet, não é “atribuída às práticas de escrita na internet [...]” (KOMESU, 2010, p. 7)

Quanto ao uso não convencional da acentuação, temos, no exemplo do comentário citado anteriormente, o desvio normativo em *Ja* e em *proxima*, em que se esperaria acento na palavra monossílaba terminada em “a” e acento na palavra proparoxítona.

A grafia não convencional de palavras, por sua vez, aparece em *Colokei*, em que o registro do grafema <k> pretende representar som de dígrafo <qu>, que representa o som [k].

O rébus, enfim, que consiste no jogo de representação fônica análoga por meio de desenho, pode ser evidenciado no seguinte comentário:

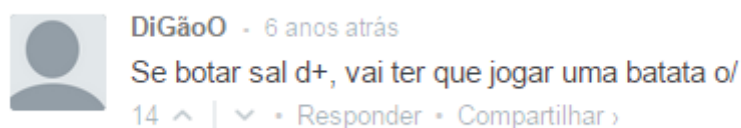


Figura 2 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Aqui, a formação *d+*, através da representação do sinal gráfico de adição que faz analogia fônica ao grafema *mais*, posposto à quarta letra do alfabeto romano que representa o som [de], evidencia essa característica.

Esses modos de enunciação, essas atitudes perante a escrita nos demonstram uma prática de letramento outra, uma relação social e cultural com a escrita. Não apenas a abreviação, como colocado acima, evidencia ora uma intimidade com o sujeito outro, mas também essas não convenções, os emoticons. Há ali presente uma não preocupação com a norma, seja em função do espaço virtual, seja em função da imagem que se tem do outro, seja em benefício de um projeto estético. Mas trata-se de um letramento diferente daquele evidenciado numa relação social estabelecido na escrita de um artigo científico, de um tratado filosófico. Não consideramos tratar apenas de uma relação entre fala e escrita, em que esta tenta representar aquela, mas sim de um diferente modo de dizer. E essa diferença também não se trata apenas de uma questão de intimidade, mas antes de um diálogo entre os sujeitos discursivos, entre os enunciados.

Mas falar de letramento digital não é apenas a constituição de novos gêneros e um modo de dizer, simplesmente como dito acima. Em Marcuschi (2010), nos é chamada a atenção para o fato de podermos estar *on-line*. E isso estabelece um paradigma interessante. Se pensarmos em gêneros discursivos, como o *e-mail*, bate-papo aberto (como o da UOL, em que várias pessoas podem entrar deliberadamente em uma sala e se comunicarem), bate-papo agendado (como ICQ, MSN, Messenger, em que as pessoas que se interagem o fazem em momentos determinados), notamos uma relação assíncrona ou síncrona. No primeiro, por exemplo, quando, empiricamente, o sujeito produz seu enunciado e o envia ao seu outro, comumente não há uma resposta imediata: a relação entre os dois não se dá em tempo real. Trata-se, nesse caso, de um *e-mail* cujo objetivo não seja estabelecer uma discussão imediata em que se presencia momentaneamente as mensagens com o intuito de respondê-las. Quando o é, entretanto, pode haver, sim, uma relação síncrona. Os bate-papos, por sua vez, comumente estabelecem uma relação em tempo real entre os sujeitos. À medida em que um enuncia, espera-se do outro que este também o faça no momento seguinte, como em uma conversa face a face. Marcuschi (2010) nos evidencia outros “gêneros textuais” abordando essas características, como: lista de discussão, weblog, videoconferência interativa, entre outros.

Quando se pensa em “*on-line*”, considera-se uma interação entre os sujeitos imediata. E esse imediatismo, sobre a concepção da escrita, é interessante:

um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. Assim, nessa era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os *bate-papos virtuais* são síncronos, ou seja, realizados em tempo real e essencialmente escritos. (MARCUSCHI, 2010, p. 21)

Quer dizer: a escrita, exterior à virtualidade, é o espaço para o distanciamento; inserida, para a aproximação.

O que podemos considerar a essa formulação são dois pontos: a abrangência e a pluralidade. Se considerarmos aspectos do mundo real e aspectos do mundo virtual, aquele, por vezes, se torna limitado e esse ilimitado. Em uma conversa face a face ou em uma interação através da escrita, os participantes constituem, relativamente, um número menor. No mundo virtual, um número maior. No primeiro, poucas pessoas de uma mesma região, ou regiões próximas, estariam em contato. No segundo, há a possibilidade de pessoas de lugares os mais diversos estarem em contato e em maior número.

Levamos em consideração, dessa forma, a *potencialização*. Entendemos por potencialização a característica de possibilitar ampla a variedade dos modos de enunciação, dos constituintes dos enunciados e, também, a quantidade de enunciados. Segundo Marcuschi,

pode-se dizer que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. (MARCUSCHI, 2010, p. 16)

Parece haver muito de tudo. E em relação. Não é um comentário, por exemplo, tradicionalmente constituído apenas de escrita alfabética, mas também de imagem e/ou vídeo. Não é apenas uma revista com escrita e imagem, mas com áudio. São vídeos em que se inserem a escrita. E são vários vídeos, várias revistas, vários comentários, cada um estabelecido de maneira diferente que se interliga, que se conecta.

Esses recursos, como referenciado, interferem na natureza dos recursos linguísticos – lembremos sumariamente das características apontadas acima. Do ponto de vista de Crystal (*apud* MARCUSCHI, 2010), quanto aos

usos da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética. (MARCUSCHI, 2010, p. 22)

Que tenhamos cautela ao nos posicionar perante essa opinião e de fato tomar a linguagem como “bizarra”, “pouco ortodoxa” e “semialfabética”, no sentido pejorativo. Há diferenças, quanto a uma ou outra forma de expressão, mas que elas não nos levem ao preconceito. Komesu (2007), ao analisar discursos sobre a escrita na internet por meio de comunidades criadas no *Orkut*, reporta-nos a posições puristas, em que a diferença, o novo, é visto como desvio, como transgressão.

Consideramos que não se trata nem mesmo de uma forma de dizer impregnada pela fala, ou uma dicotomia fala/escrita. Antes, uma enunciação constituída de outras, mas única. Difícil caracterizar os *emoticons* como característica de uma modalidade enunciativa ou de outra. Assim como o rébus. Na internet, por exemplo, encontramos grafias como *peh*, referindo-se a *pé*, em que a letra “h” torna-se equivalente ao acento agudo, ou mesmo palavras grafadas alternadamente com letras maiúsculas e minúsculas, como *PaiXÃO*. Poderíamos, no caso, restringir esses exemplos à fala? Difícil categorizar a escrita na internet tentando encontrar em suas frestas apenas refrações de outras linguagens. O sujeito, ao exercer a prática letrada referente a ela, promove um acontecimento singular.

E perante esse acontecimento, devemos olhar também para aquilo que o engloba. Se o letramento vincula-se à sociabilidade das práticas, seria redutor olhar para o sujeito apenas em relação à escrita. Nesse sentido, interessa-nos a questão do suporte.

2.3. Suporte

Tradicionalmente, caracterizamos o suporte como o objeto que veicula o enunciado, o aparato em que este se insere. Meio pelo qual o enunciado é transmitido. Olha-se para aquilo que é material, paupável, concreto. Eis a dificuldade de se estabelecer qual seria o suporte da fala (MARCUSCHI, 2003). Mas em relação ao enunciado escrito, a tarefa torna-se menos conflitante: é possível fazer determinações.

Para Marcuschi (2003), um enunciado pode tomar proporções diferentes dependendo do lugar em que ele se encontra. Utilizando o mesmo exemplo dado pelo autor, a acepção de “Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder. Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica” (MARCUSCHI, 2003, p. 19) varia conforme o lugar em que se encontra. Se em um papel encima de uma mesa, destinando-se a Paulo, um bilhete; se em um outdoor, uma declaração de amor; se em uma secretária eletrônica, um recado.

Em parte, concordamos que a acepção é uma variante, mas não somente em função do suporte. O sujeito e aquele a quem ele se destina são inseridos em um espaço, em um tempo, os quais implicam no sentido do enunciado. Se tomamos o seguinte trecho, extraído da música *Regra três*, cuja autoria pertence a Vinícius de Moraes e Toquinho, “Tantas você fez que ela cansou, porque você, rapaz, abusou da regra três, onde menos vale mais” e a imaginamos no suporte lousa, não consideramos que ela valha algum sentido apenas em

função de seu receptáculo. Mas, se a consideramos inserida em uma lousa destinando-se a uma aula de matemática, com alunos e professor presentes, e, ainda, com o intuito de refletir sobre teoria e interpretação matemáticas, então, sim, ele se valerá de um sentido mais fundamentado. Primeiro porque professores exercem atitudes valorativas, intenções sobre um enunciado; segundo porque alunos também o exercem em suas recepções. Cada um, entretanto, de uma maneira diferente. Essas atitudes são ligadas a situações sociais, culturais e históricas. Se imaginarmos o mesmo trecho em um *outdoor*, não será apenas este suporte que determinará sua aceção, mas também quem o enuncia, quem o recebe; o local onde o *outdoor* se encontra, o ano em que é produzido e os acontecimentos sociais da época, isso também influencia.

Olhemos para alguns suportes utilizados na Grécia Antiga, conforme os apontamentos de Thomas (2005). O chumbo, por exemplo, era utilizado vezes para tabuletas de maldições. Nesse caso, a escolha do material e sua forma eram decorrentes da possibilidade de se dobrá-los. Dobradas em formas de “cartas”, as tabuletas podiam ser enviadas ao mundo inferior, enterradas ou depositadas em alguma fenda. Se ora o chumbo era utilizado para maldições, ora ele o era para outras ocasiões, em benefício da ideia da “carta dobrável” (THOMAS, 2005, p. 115) e de seu baixo custo.

Ele era usado para cartas privadas (atualmente atestadas a partir do século VI), talvez para cartas importantes com a dobradura necessária, e também para consultas enviadas ao oráculo em Dodona, placas lembrando empréstimos em Corcira (c. 500 a.c.) e para os curiosos registros de cavalos do “arquivo da cavalaria” ateniense. (THOMAS, 2005, p. 115)

Tabuletas enceradas eram utilizadas para o ensino e se esperava que seu conteúdo fosse efêmero. Provavelmente, elas eram reaproveitadas, apagando-se constantemente a escrita, analogamente à relação de nossos papéis, lápis e borrachas. Quanto às tábuas esbranquiçadas, eram elas utilizadas para propostas de decretos.

Àqueles que Thomas dá maior prestígio, encontram-se os de metal e pedra. O ouro, por exemplo, era utilizado para inscrições religiosas preciosas podendo abordar instruções sobre a vida após a morte. Embora o uso do bronze fosse variado, este também o era para as mesmas associações. A pedra, por sua vez, era um material de memorial:

usada para monumentos funerários deste tempos remotos, a pedra tornou-se o *médium* para os documentos permanentes que deveriam ser exibidos publicamente. Entretanto, era mais do que a perenidade que a *stéle* de pedra oferecia. (THOMAS, 2005, p. 117)

É verdade que os pontos colocados não nos mostram muito – assim mesmo reflete Thomas – mas o problema é justamente as poucas informações que se tem hoje sobre esses “objetos”. Entretanto, a partir dessas apresentações, podemos elaborar algumas reflexões.

Primeiramente, ao falar de suportes, olha-se para o material que os constitui, seja o chumbo, o ouro, o bronze, a pedra, e não somente para a sua forma e para a maneira como o texto, o enunciado, é inscrito em si. Segundo, esses materiais e seus usos vezes se ligam a funções e simbologias sociais. O ouro, por exemplo, certamente não era inserido em túmulos de homens comuns, mas sim de heróis, reis, representando a sua importância, sua magnitude. O valor de ambos era proporcional. Além disso, ligava-se ao aspecto religioso, de onde podemos inferir soar como uma oferenda ou devoção aos deuses. Hipótese ou não, a ligação entre religiosidade e metal precioso nos leva a considerar, ao menos, uma apreciação ao “divino”. O uso das tábuas enceradas, por sua vez, evidencia a prática social de ensino: através desse suporte, ensinava-se poesia, e a escrita, enquanto processo mnemônico, servia de apoio para a memorização, o que permitia, então, o apagamento da inscrição (THOMAS, 2005).

Podemos supor que para cada um desses suportes havia uma *performance* diferente, mesmo que mínima. Mesmos os antigos aedos, que não se valiam do suporte tradicional, apoiavam-se na memória para recitar os relatos conforme a realidade. Na verdade, apoiavam-se nas *Musas*, filhas de *Mnemosine*, deusa da memória, para relatar os fatos como realmente ocorridos.

Dizei-me agora, ó Musas, que habitais o Olimpo,
Pois sois celestiais, e estais em toda a parte,
E tudo vos é conhecido – ao passo que nós
Podemos apenas ouvir as histórias e nunca conhecer –
Quais eram os líderes e os chefes dos dânaos? (HOMERO⁴ *apud* THOMAS, 2005,
p. 162)

Por esse apoio recitavam poemas, recitava-se Odisseia, recitava-se Ilíada. Articulava-se a voz, o corpo. Conforme demandasse o público. Improviso, reconfiguração do poema.

Em relação ao papiro, por exemplo, por ser ele guardado em rolo, esperava-se que a sua leitura demandasse a utilização de ambas as mãos, sendo impossível escrever algo enquanto o lia (CHARTIER, 2009). Se problematizarmos e nos indagarmos como, então, se escrevia em um papiro, podemos imaginar ainda outra *performance*, em que apoios eram utilizados para que o papiro permanecesse estendido e se inserisse escritos. Consideremos,

⁴ A tradução é de Robert Fitzgerald.

ainda, que o enunciado que contém um papiro pudesse ser ditado por um sujeito e escrito por outro.

Onde queremos chegar é que, tratando-se de enunciados, não podemos nos restringir apenas a conteúdo e suporte. Temos por nós que demais aspectos são também importantes. Foquemos o suporte, mas sempre em relação com outros constituintes.

Se colocamos em evidência o suporte computador, entendendo-o como tal, por que parece ser ele tão inovador, ou, ao menos, diferente? Ele evidencia uma relação de letramento entre sujeito e sociedade diferente de outras relações.

A proporção que o computador toma hoje pode ser vista em decorrência de ideias já antes postuladas. A capacidade de se selecionar arquivos (texto, som, imagem) por associação é idealizada já em 1945 por Vannevar Bush, matemático e físico, através do *Memex (memory index)*. O *Memex* nada mais é do que um dispositivo de armazenamento de memória, de conhecimento, em que se resultaria um rápido acesso às informações desejadas (KOMESU, 2005). Em função da grande produção de saberes e da baixa capacidade de armazenamento dos dispositivos convencionais, Bush se inspirou na figura da mente humana como receptáculo.

Hoje, na verdade, de maneira mais desenvolvida, temos os hiperlinks, que possuem esse trabalho de armazenamento, de ligação entre informações. Clicando em um, o sujeito é levado a outros lugares, a outros compartimentos, a outros saberes. Trata-se de conexões, de vários textos a partir de um.

Pela Linguística Cognitiva, encontramos analogia à concepção dos *espaços mentais*. *Espaços mentais* “são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos” (FAUCONNIER *apud* COSCARELLI, 2005, p. 291), “são, provavelmente, ativações que são estabelecidas no cérebro [...]” (FAUCONNIER *apud* COSCARELLI, 2005, p. 291). Isso quer dizer que para cada ideia construímos um espaço mental que lhe dá sentido, forma, que a ilustra, que a conceitua – ações essas que se remetem aos nossos próprios conhecimentos. Quando, então, entramos em contatos com essa ideia, seu espaço mental é ativado e a sua memória vem à tona. Se lermos o título de uma fábula, como *A raposa e as uvas*, ativaremos espaços mentais para *raposa e uvas*. Para cada “espaço”, haverá ideias, conceitos, memórias, que construímos ao longo de nossa competência linguística e para as quais haverá outros espaços mentais.

Mas não é simplesmente a capacidade de criação de textos, de imagens, de sons, e a ligação desses, em que consiste a diferença do computador, mas antes na permissão de que

“comunidades constituam de forma progressiva e de maneira cooperativa um contexto comum (dispositivo todos-todos)” (LÉVY, 1999, p. 63)

O hipertexto é visto como espaço para que o sujeito leitor, a partir das conexões que ele faz, promova seu próprio percurso e, assim, torna-se participante na redação do texto que lê: o sujeito

não apenas irá escolher quais links preexistentes serão usados, mas irá criar novos links, que terão um sentido para ele e que não terão sido pensados pelo criador do hiperdocumento (LÉVY, 1999, p. 57)

Mesmo que ponderemos que esse processo de criar seu próprio percurso não seja particular à internet, ao hiperlink, uma vez que cada sujeito possui uma singularidade e, ao se deparar com um enunciado, projetará um percurso diferente de qualquer outro sujeito, devemos reconhecer a importância do computador: ele facilita essa ação; ele a materializa.

Através do computador também se torna mais fácil a mistura de palavras nesse sentido perceptivo. Curcino (2012) mostra-nos como um texto na internet pode ser (des)materializado no sentido de as palavras de um autor se imbricarem nas de outro e, assim, a autoria de tais palavras ser perdida, ou, pelo menos, diferente da verdadeira. No caso, Curcino mostra uma “corrente” que circula em forma de *powerpoint* e que abarca palavras de uma escritora popular na internet nos *slides*. Ao final do poema da autora, é acrescentado um verso de Fernando Pessoa. Entretanto, ao que se percebe nos comentários a respeito desse *powerpoint*, o poema é tido como inteiramente de Pessoa.

É verdade que fora da virtualidade também encontramos processos parecido, como o caso de provérbios, de ditados populares, que circulam oralmente. Geraldi (2010), por exemplo, nos aponta como o mito da Cobra Norato é contado por ribeirinhos adequando-o ao seu contexto de vida. E dentro de cada adequação, uma mutação propícia. Ademais, a questão da autoria desse mesmo mito é algo que já não se sabe ou não se pode dizer com certeza.

Mas mais uma vez olhamos para o computador como um lugar que possibilita exponencialmente esse processo. Diríamos que isso é possível pelo fato de se poder estar *online*, em contato com várias pessoas e poder ter acesso a várias maneiras de enunciação.

Tem-se também que o leitor no computador é capaz de interagir com o texto, de modifica-lo, de reconstruí-lo (CHARTIER, 2002). Tem-se o texto como algo aberto, em que é possível copiar, recortar, confrontar.

O texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável, aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. (CHARTIER, 2002, p. 25)

Novamente, isso não é particular ao computador: quando se coteja textos em prol de uma intenção particular, o mesmo processo se realiza. Dentro de nossa mentalidade reconstruímos, deslocamos, recortamos, estendemos as informações, afinal, somos passíveis de articular atitudes críticas sobre os textos, seja na esfera virtual ou não. Mas novamente devemos ter em mente que o computador é um potencializador de tal processo.

Tem-se, também, que com o computador, de que com a suposta liberdade da palavra, todos podem exercer críticas sobre determinados textos, enunciados (CHARTIER, 2009). Mas essa concepção de que com o computador é possível dizer o que se quer também deve ser vista com cautela. Ou esse discurso pode não ser aceito pelos outros, ou ele pode não aparecer por não ser reconhecido. Pode ele não ter legitimidade. Em analogia, discursos em prol da homossexualidade nem sempre foram aceitos em nosso cotidiano e, por isso, pouco circularam. Mas o discurso existia. É como dizer que por causa da ditadura, pela falta de liberdade de expressão, não houvesse discursos, atitudes contra o regime.

Há ainda que, no mundo do texto eletrônico,

um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores: graças à rede eletrônica, esta difusão é imediata. Daí, o abalo na separação entre tarefas e profissões que, no século XIX, depois da revolução industrial da imprensa, a cultura escrita provocou: os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam então claramente separados. Com as redes eletrônicas, todas estas operações podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas das outras. (CHARTIER, 2009, p. 16-17)

Por fim, tende-se a olhar para o computador também como um suporte em que se torna contínuo o fluxo dos enunciados, no sentido de que agora existe um suporte apenas para vários gêneros discursivos e que se torna difícil estabelecer delimitações (CHARTIER, 2009). Se antes tinha-se um livro que abarcava um gênero em particular, ou uma carta que abarcasse outro, agora essas delimitações lhes escapam. Novamente seria não considerar a mescla de gêneros discursivos em apenas um suporte ou considerar que para cada gênero discursivo exista ao menos um suporte em particular. Olhemos, por exemplo, para o jornal, que traz em si gêneros como tirinhas, artigos de opinião, editoriais, imagens, gráficos, tabelas: trata-se, pois, também de um fluxo contínuo.

É a partir dessas considerações, dessa relação entre sujeito, escrita e suporte que refletiremos sobre o *corpus*. Quisemos tratar sobre a escrita, inicialmente, para desenvolvermos a ideia de que seu uso é intermediado, levando em consideração as possibilidades que uma cultura, uma sociedade conduzem.

Os conceitos bakhtinianos, em seguida, servem-nos de fundamentação para entender o sujeito como alguém responsável pelos seus atos, o qual se encontra em um contexto histórico social e que reflete e refrata valores em diálogo.

3. CONCEITOS BAKHTINIANOS

A noção de diálogo, ou dialogismo, perpassa os trabalhos de autores do círculo de Bakhtin, mas não é tema tratado com particularidade. A partir de estudos de sua obra é que se chega a ele e com ele entendemos melhor a obra do círculo e suas ideias principais.

3.1. Dialogismo

O dialogismo dentro da perspectiva bakhtiniana toma sempre como base a relação do eu com o outro. O eu nunca é sozinho, nunca se configura como tal isoladamente. É sempre necessária a figura do outro para que a sua exista, pois é a partir dele que o eu se constitui (BAKHTIN, 1997). Essa relação pode ser vista, por exemplo, em quatro pontos: no signo ideológico, na palavra, no enunciado e nos gêneros do discurso.

A interação de sujeitos em um mesmo contexto sócio-histórico cultural permite a produção de valores para os signos, que são “fenômeno[s] do mundo exterior” (BAKHTIN\VOLOCHINOV, 2009, p. 33). Esses signos refletem o mundo desses sujeitos e a maneira como eles o veem, o interpretam. Quando esses mesmos signos atingem sujeitos de outro contexto sócio-histórico cultural, eles refratam outra realidade de mundo. Na medida em que esse processo se realiza, os signos são ressignificados. Isso se dá porque os dois grupos de sujeitos constituíram valores próprios que são incutidos nos mesmos signos.

A ressignificação é, assim, produto da relação entre os signos:

compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos. (BAKHTIN\VOLOCHINOV, 2009, 33)

Quando o sujeito compreende o signo através de outros, ele constrói uma significação de maneira dialógica. Essa maneira, entretanto, permite que a compreensão do sujeito seja singular, uma vez que os signos que lhe servem de resposta não são servidos da mesma maneira ou pelos mesmos signos a outro sujeito. Essa relação dialógica entre os signos, então, é o que permite suas ressignificações.

Na perspectiva bakhtiniana, o signo é, por excelência, representado pela palavra (BAKHTIN\VOLOCHINOV, 2009). Ela é o objeto principal detentor de ideologia, detentor de valor e que reflete a interação social.

A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligada a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN\VOLOCHINOV, 2009, p. 36)

É a partir dela que se constitui o enunciado verbal, que é “unidade real da comunicação [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 286). Consequentemente, o enunciado verbal também é dotado de valor ideológico, também reflete e refrata a visão de mundo do sujeito e a maneira como ele o vê.

Nesse sentido, o enunciado também obtém caráter dialógico. Ele, sendo “um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 291), se constrói na interação dos sujeitos do discurso. Nessa interação, os enunciados são sempre respostas a enunciados já produzidos e a que ainda se formularão. A estes, em função da atividade responsiva ativa do sujeito outro; àqueles, por serem eles a origem de um novo discurso.

Essa atividade responsiva ativa é a capacidade de produzir um juízo de valor sobre um enunciado, de se posicionar valorativamente diante dele. Nessa posição, o sujeito que enuncia pondera e determina seu enunciado considerando o enunciado que terá como resposta. Assim, o enunciado é uma resposta a um enunciado que ainda está por vir.

Quanto à origem, todo enunciado também tem um ponto de partida na memória. Ele nunca é o primeiro na cadeia dialógica; há sempre enunciados anteriores, aos quais um novo se relaciona e responde.

É a partir desses diálogos entre os enunciados que podemos pensar a constituição do sujeito através do outro. Aquele, à medida que enuncia, tem sempre a figura do outro, que também enuncia, como norteador de seu discurso, consciente ou inconscientemente. O sujeito constitui-se do outro quando, além de enunciar, compreende qualquer enunciado, visto que ideologias, valores são construídos pelos sujeitos em interação.

Assim, podemos pensar em uma memória do futuro e em uma memória do passado. Esta está relacionada àqueles enunciados anteriores àquele que se faz presente. A memória do futuro, por sua vez, diz respeito àqueles enunciados que serão concebidos através do enunciado presente. Vale ressaltar que ambas as memórias são responsáveis pela constituição do enunciado. Sempre que enunciamos, utilizamo-nos de enunciados anteriores que são resquícios de valores em nós incutidos. Ao mesmo tempo, sempre pensamos em um

interlocutor, ao qual criamos uma identidade discursiva e, ao enunciarmos, tentamos ser coerentes e condizentes com suas características.

Essa constituição dialógica, entretanto, não significa que o sujeito não possua uma singularidade. Pelo contrário: quando ele ressignifica um signo ideológico – e um enunciado, então –, através da refração, podemos dizer que o sujeito é, ao menos, dialogicamente singular. Há aí a constituição de um valor, de um enunciado, de um discurso, de um sujeito, a partir de dois ou mais.

Essas noções de diálogo nos dão maior base para entendermos os conceitos que utilizaremos como categorias de análise que serão abordados em seguida.

3.2. Ato responsável

Conforme pudemos perceber, a partir da breve reflexão sobre a escrita, que esta carrega em si ações e intenções do sujeito que a utiliza, podemos nos deter sobre a responsabilidade do sujeito perante ela.

Não apenas perante a escrita, obviamente, mas perante qualquer ato.

O sujeito, para Bakhtin (1997, 2010), nunca o é passivo, de maneira a não exercer, por si próprio, um pensamento, uma atitude participante. Pelo contrário, ele, enquanto sujeito, participa das ações em que se encontra, emite valores, emoções. Ele obtém singularidade em seus atos.

Essa singularidade evidencia um acontecimento que não se pode repetir com o mesmo sentido, com os mesmos valores. Mesmo que determinado ato seja reproduzido, será sempre em outro momento, perante circunstâncias diferentes, por sujeitos diferentes.

As condições do ato têm como correlato na obra de Bakhtin o tempo, englobando seu espaço. Ou seja, a historicidade. Não é possível separar um ato de seu contexto histórico, social e cultural, pois é isso que o determina e sem isso

[...] o ato perde precisamente o seu valor, a sua unidade de vivo vir a ser e de autodeterminação. Somente na *sua totalidade* tal ato é verdadeiramente real, participa do existir-evento; só assim é vivo, pleno e irreduzível, existe, vem a ser, se realiza. (BAKHTIN, 2010, p. 42,)

Não se pode, pois, separar o “[...] conteúdo-sentido de um determinado ato-atividade e a realidade histórica de seu existir, sua vivência realmente irrepitível [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 24)

O ato como realidade, como acontecimento, como evento, não se submete à condição de uma realização deslocada; enquanto teorização, enquanto no plano da objetivação, há abertura. Para a validade teórica do juízo, a assertiva de que todo homem é mortal, aludida pelo próprio autor, por exemplo, é verdade, mas há de se compreender que cada morte é um acontecimento único.

Assim, não podemos tomar a escrita, por sua vez, como um ato que não reflete e refrata condições, sentidos ou/e valores. Não apenas a organização sintática, morfológica a definem, mas, antes, o lugar em que ela se encontra, o sujeito que a realiza e com a sua realização os valores incutidos, o estilo, sua organização em relação ao todo. É preciso levar em conta que um sujeito a realiza e que esse sujeito têm valores que são passados e evidenciados na sua obra. Não podemos tomá-la como um objeto teórico, desprovido de sentido, desprovido de intenção: há sempre um *dever*.

O dever é uma categoria original do agir-ato [...] (e tudo é um ato meu, inclusive o pensamento e o sentimento), é uma certa atitude [...] da consciência [...]. Não existem normas morais determinadas e válidas em si, mas existe o sujeito moral com uma determinada estrutura (não, obviamente, uma estrutura psicológica ou física) [...]: ele saberá em que consiste e quando deve cumprir o seu dever moral ou, mais precisamente, o dever (porque não existe um dever especificamente moral) (BAKHTIN, 2010, p. 47-48)

Esse dever é uma característica do mundo real, do mundo vivido historicamente. No mundo teórico ele não existe. No mundo teórico, o ato, enquanto evento, não existe. Neste, “não é possível viver, agir responsabilmente” (BAKHTIN, 2010, p. 52)

O mundo teórico se obtém por uma abstração que não leva em conta o fato da minha existência singular e do sentido moral deste fato, que se comporta “como se eu não existisse” [...]; e tal conceito de ser, que é indiferente ao fato, para mim central, da minha encarnação concreta e singular no existir (aí estou também eu), não pode, por princípio, acrescentar nada a ele, nem tirar nada dele, já que este mundo teórico permanece igual e idêntico a si mesmo no próprio sentido e significado, exista eu ou não; ele não pode oferecer nenhum critério para a minha vida como agir [...] responsável, não pode fornecer nenhum critério para a vida da práxis, para a vida do ato, porque *nele eu não vivo*: e se fosse tal mundo o único, eu não existiria. (BAKHTIN, 2010, p. 52.)

Se entendêssemos a escrita como uma entidade, como um “objeto” mágico, que por si só possui ou obtém valor, desconsideraríamos a responsabilidade do sujeito perante seu objeto. Não apenas a responsabilidade daquele que o produziu, mas também a responsabilidade daquele que o recebe. Entenderíamos a escrita no plano teórico, onde o *eu* não existe. Mas, uma vez que não vivemos e não nos encontramos no mundo da teoria, no campo das generalizações, produzimos significações em todo ato, em todo existir-evento.

Quando saímos do campo da teorização, do lugar em que todo evento possui o mesmo valor, e nos adiantamos ao campo do real, cada ato estabelece uma arquitetura diferente do mundo. Se lá digo que “o homem é bom”, tal expressão não se volta para cada evento-singular que proporciona sua determinada valoração, e, mesmo assim, ela se coloca como a verdade. Aqui, entretanto, parte-se exatamente das condições, das situações em que a expressão foi produzida para se chegar a *uma* verdade.

Não há uma lei, não há uma estagnação da verdade; há sempre uma variação. O ato é “produtivamente ativo somente no momento da incorporação da verdade válida em si no ser histórico [...]: o ato é ativo no produto real único que ele criou [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 78)

Cada verdade é única, mas não *a* única. A historicidade de sua validade é o que lhe garante singularidade e por isso mesmo parcialidade. Ela é criada a todo momento pelo sujeito que age, pelo sujeito que pensa. Ela é, a cada momento, ressignificada.

Percebamos que o centro, mesmo que tomado sob outra perspectiva, não é o “objeto” em si, mas o sujeito. Este constitui-se perante a história, perante uma cultura e uma sociedade e assim impregna-se de valores. A sua subjetividade é formada a partir do exterior. Perante um corpo externo, ele exerce uma postura que lhe permite interioriza-lo e compreendê-lo. A compreensão, por sua vez, é marca do diálogo que se deu entre o mundo exterior e o mundo interior do sujeito. É a marca da realização de um ato, de um fazer. Marca de um evento.

Em Bakhtin (1997), “[...] toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente o produz [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 290). Aqui, toma-se a noção de gêneros dos discursos (logo mais abordada) para a noção de *atividade responsiva ativa*, o que também nos interessa à medida que a entendemos também como um ato responsável, pois é ela uma resposta do interlocutor perante um enunciado.

Para o autor, por exemplo,

o ouvinte que recebe e compreende a significação [...] de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma *atitude responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso [...] (BAKHTIN, 1997, p. 290)

Aqui, Bakhtin refere-se a um contexto de diálogo, entre locutores e interlocutores, mas a atitude responsiva ativa se faz presente perante qualquer discurso, verbal ou não verbal, perante qualquer enunciado.

Entendemo-la, pois, também como um ato responsável, também como um dever. O que está por trás dessas três noções é o que o autor chama de *tom emotivo-volitivo*.

O tom emotivo-volitivo envolve o conteúdo inteiro do sentido do pensamento na ação e o relaciona com o existir evento singular. É este mesmo tom emotivo-volitivo que orienta no existir singular, que orienta e afirma realmente o conteúdo-sentido. A experiência real de um vivido possível é precisamente a sua inserção, a sua colocação em comunhão com o existir evento singular. (BAKHTIN, 2010, p. 87)

Ou seja, é não ser indiferente a uma experiência, a um objeto, a uma situação; é produzir, seja qual for, um valor perante eles.

Trata-se de um movimento da consciência responsabilmente consciente, que transforma uma possibilidade na realidade de um ato realizado, de um ato de pensamento, de sentimento, de desejo, etc. (BAKHTIN, 2010, p. 91)

É somente a partir desse tom emotivo-volitivo que o vivido se torna real, que um enunciado existe, que um evento se torna singular. Sem ele, caímos novamente no campo da teorização.

[...] Para tornar-se realmente realizado e incorporado ao ser histórico do conhecimento real, o conteúdo válido em si de uma possível experiência vivida (de um pensamento) precisa entrar em uma ligação essencial com a valoração efetiva; somente como valor efetivo ele é por mim experimentado (pensado), isto é, somente posso pensá-lo verdadeiramente e ativamente em tom emotivo-volitivo. (BAKHTIN, 2010, p. 86-87)

Interessante é que tal concepção, colocada como está, nos leva a considerar a ausência de um tom emotivo-volitivo. Mas como pensar em algo não “realmente realizado”? A responsabilidade de meu pensamento, mesmo perante a teorização, é um ato vivido. A própria indiferença, por exemplo, é uma entoação de meu sentimento, é uma postura crítica. Entenderíamos indiferença, então, posta por Bakhtin, como morte do ser. Enquanto vivo, realizo valores, realizo atitudes, respondo ativamente aos enunciados. Se “vivencio” algo sem então produzir um tom emotivo-volitivo, não o vivo de fato. Se não o vivo, ele de fato não existe para mim. Eu só vivo perante aquilo que existe. Mesmo perante um pensamento que nunca se realizou, uma abstração, uma imagem criada em nossa mente, exercemos um tom emotivo-volitivo. Ou, na verdade, são eles frutos de uma entoação minha e que reverberam meu interior. Como dito, interior que refrata os valores de uma cultura. Desse modo, todo tom emotivo-volitivo é, antes, uma resposta dos valores interiorizados no *eu*. Não é possível, assim, pensar em atitudes isoladas, há sempre algo com o qual estabelecer um diálogo.

O tom emotivo-volitivo se dá precisamente em relação à unidade singular concreta no seu conjunto, expressa a inteira completude do estado-evento em um momento preciso, e o expressa como o que é dado e como o que está por ser concluído – a partir do interior de mim mesmo enquanto participante obrigatório. Portanto ele não pode ser isolado, separado do contexto unitário e singular de uma consciência viva, como se se conectasse a um objeto particular enquanto tal; não se trata de uma valoração geral de um objeto independentemente daquele contexto singular no qual ele me é dado naquele momento, mas expressa a verdade inteira da proposição na sua totalidade, como momento único e irrepetível do que tem caráter de evento. (BAKHTIN, 2010, p. 90-91)

Heráclito dizia que não se pode banhar no mesmo rio duas vezes, pois as águas já não serão as mesmas a cada nova inserção. Para Bakhtin, o ato também é irrepitível: outros momentos, outras entoações, outros aspectos, outras condições. O diálogo que se estabelece entre ato e seu contexto é indissociável.

O que encontramos em cada caso é uma constante <?> singularidade na responsabilidade, não a permanência de um conteúdo, nem uma lei constante do ato – todo o conteúdo não é mais que um componente, e somente um determinado fato real de conhecimento, singular e irrepitível, emotivo-volitivo e concretamente individual. (BAKHTIN, p. 94, 2010)⁵

Essa singularidade torna o sujeito responsável por seus atos, no sentido de que não lhe existe álibi. Ele participa no existir como ator único. A cada ato, ele se afirma inconfundível e indivisivelmente. O sujeito tem um *dever*, pois não pode ele, nem sequer por um momento, “não ser participante da vida real, inevitável e necessariamente [...] singular” (BAKHTIN, 2010, p. 98).

No seu não álibi, o sujeito, perante todo enunciado, todo discurso, todo evento, manifesta-se ativamente e, por meio dessa postura, lhes dá acabamento, ou seja, complementa, através de sua resposta, de seus valores, seu “objeto”. O ato enquanto evento-singular estabelece diálogo, tanto com a memória do passado quanto com a memória do futuro, e, ao fazê-lo, provisoriamente as completa.

3.3. Acabamento

Em Bakhtin (1997), acabamento é definido, sob o ponto de vista do enunciado, como a “alternância dos sujeitos falantes vista do interior” (BAKHTIN, 1997, p. 299). Essa alternância ocorre porque “o locutor disse (ou escreveu) *tudo* o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas” (BAKHTIN, 1997, p. 299). É, na verdade, “*a possibilidade de responder* – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva” (BAKHTIN, 1997, p. 299)

Entendamos que o enunciado não se restringe à conversação, da fala cotidiana. Enunciado é tomado como um produto dotado de significação perante o sujeito. Uma pintura, um vídeo, uma música, uma bandeira, uma poesia, um pensamento, todos o são à medida que produzem valores. Nesse sentido, quando temos uma atividade responsiva ativa, exercemos

⁵ O ponto de interrogação na citação referência a um problema de ilegibilidade do documento original pelos tradutores.

um acabamento, pois tivemos a oportunidade de resposta ao enunciado. Quando se tem uma pessoa vindo à nossa direção e fazemos uma leitura de sua gesticulação e percebemos que ela intenta nos cumprimentar, nesse exato momento de percepção exercemos um acabamento: deciframos sua intenção. A nossa percepção é uma resposta ao ato do outro; não precisamos necessariamente estender-lhe a mão para responder. Isso seria apenas uma materialização da nossa resposta. Quando percebemos, quando exercemos um significado a um enunciado, ou quando o enunciado se valoriza para nós, nos é dada a *possibilidade de resposta*. E isso é um acabamento, pois alterna-se o turno dos enunciadores: produzimos uma significância.

Vê-se aqui uma relação muito íntima entre o *eu* e o *outro*: apenas este é possível exercer um acabamento ao todo de significado. Em seu ato de resposta, ele vê o que o *eu* não vê em si. E nós, enquanto *outro*, vemos o que o outro, enquanto *eu*, em si também não vê.

Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto –, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (BAKHTIN, 1997, p. 43)

Da mesma forma, perante um enunciado, o *outro* sempre exerce um acabamento diferente do acabamento do *eu*, pois seus mundos interiores são diferentes. Os lugares de onde se olha são diferentes. Temos assim uma concepção de *excedente de visão*, de um olhar de fora: para se ter uma totalidade, precisa-se do *outro*, precisa-se de um sujeito que não se situe no lugar interior donde se produziu o todo de valor. Perante um quadro, somente nós, enquanto *outro*, podemos dar-lhe um sentido, um significado, exercer uma singularidade, um tom emotivo-volitivo diferente dos do pintor e diferente dos de quaisquer outros sujeitos.

Ao mesmo tempo, devemos nos pôr no lugar do outro para que possamos enxergar com totalidade. O acabamento não se dá apenas com a nossa visão, enquanto visão do *outro*, perante um objeto alheio; é preciso que nos coloquemos fora de nós mesmo, e, depois, retornemo-nos a nós.

Devo identificar-me com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, tal como ele o vê; devo colocar-me em seu lugar, e depois, de volta ao meu lugar, completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldura-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento. (BAKHTIN, 1997, p. 45)

É como, perante uma atitude malevolente de uma criança, pensarmos o porque de seu ato e depois exercermos uma postura crítica perante isso. É necessário esse deslocamento para que não se tenha a parcialidade; para que se possa ver, até certo ponto, a totalidade do objeto. Entretanto, é bem querido que não se permaneça apenas na visão do outro, o que acarretaria a

perda da própria subjetividade. Não podemos, assim, ver apenas com nossos olhos, ou apenas com os olhos alheios. Deve haver o deslocamento: é a partir dele que entendemos, que vemos, percebemos, aquilo que não nos é permitido somente do interior.

Se partirmos apenas do *eu*, é como se nos olhássemos perante o espelho: veríamos uma imagem vazia, pois ela, na sua essência, não possui tonalidades, não é capaz de produzir valores. “Não temos, a respeito dessa imagem, a abordagem emotivo-volitiva adequada que poderia dar-lhe vida e incluí-la na unidade exterior do mundo plástico-pictural” (BAKHTIN, 1997, p. 50). Trata-se apenas de um reflexo, de uma imagem, em que não se encontra um *eu*, ou, antes, um *outro*, capaz de emitir singularidade.

É necessário que saibamos ser como o artista que é capaz de “*eliminar a expressão do rosto refletido*” (BAKHTIN, 1997, p. 53) em seu autorretrato colocando-se fora de si mesmo. É necessário que vejamos não apenas aquilo que a imagem, por si própria, delinea; antes, que vejamos o que ela *quer*, ou *pretende*, representar.

Para Bakhtin (1997), “nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse” (p. 55). Por nós próprios, não somos capazes de contemplar nossa expressividade externa. Temos, sim, um caráter de *contemplador*, mas em relação ao outro; a nós mesmos, falta-nos um “princípio valorativo interno” (BAKHTIN, 1997, p. 55). Podemos resgatar o conto de Machado de Assis intitulado *O espelho* (2004) como exemplo próximo: aqui, Jacobina, que fora alferes quando moço, vira sua imagem construída pelos entes queridos de maneira tão garbosa que passou a dar-lhe demasiada importância a ponto de vivê-la intimamente e sem a qual seria o mesmo que desintegrar-se de si; desintegrando-se, viu como solução a própria contemplação no espelho, o que fez que todos os valores pelo entes emitidos voltassem à tona e instituíssem-lhe o sentido de outrora. Ou seja, o alferes apenas existia perante o olhar do outro; para si, enquanto sozinho, não possuía valor algum. Mesmo que toda a garbosidade fosse relacionada ao posto de Jacobina e ele tivesse se apegado a ela a ponto de contentar contemplando-se perante o espelho vestido com sua farda, Jacobina se olha perante o olhar do outro, perante o olhar daqueles que lhe inculcaram valores.

Tratando a respeito do autor e do herói (BAKHTIN, 1997), encontramos basicamente as mesmas reflexões sobre o acabamento – o que é que de fato nos interessa, e não exatamente e tão somente o poder de criação estética.

Para Bakhtin, autor refere-se ao “portador da visão artística e do ato criador” (BAKHTIN, 1997, p. 204). O que circunda essa concepção é a ideia de que o autor, ao sê-lo, projeta-se fora do contexto de criação daquilo que cria. O autor, tido como artista,

[...] é precisamente aquele que sabe situar sua atividade fora da vida cotidiana, aquele que não se limita a participar da vida (prática, social, política, moral, religiosa) e a compreendê-la apenas do seu interior, mas aquele que também a ama do exterior – no ponto em que ela não existe para si mesma, em que está voltada para fora e requer uma atividade situada fora de si mesma e do sentido. (BAKHTIN, 1997, p. 204-205)

Quando se pensa nesse “estar fora”, não se considera que o autor não tenha conhecimento sobre aquilo que cria, mas que ele se distancia para que veja aquilo que não se vê de dentro; para que, através do olhar de um outro sujeito, que não faz parte daquele contexto, perceba as diferenças, as sutilezas, as minúcias que por vezes se tornam invisíveis. Na verdade, o autor torna-se esse sujeito deslocado.

O quadro de Picasso, intitulado *Mulher Chorando*, de 1937, nos reflete essa ideia à medida que entendemos o quadro pelos olhos não de Picasso, mas de uma mulher que viveu o período da Guerra Civil Espanhola. Inspirado por Dora Maar, fotógrafa e sua companheira, ele a retrata de maneira oposta ao que se convencionou como belo – beira ao grotesco. Entretanto, a beleza encontra-se nesse aspecto: aquilo que incomoda, o feio que é mostrado, a tristeza presente, a atrocidade evidenciada não é simplesmente a “interpretação” do artista, mas, antes, a própria visão da mulher que chora. Picasso enxerga com os olhos do outro; ele pinta a catástrofe, a dor que Dora vê e sente perante a guerra (AMORIM, 2006). Ele não pinta somente perante a sua impressão, somente perante aquilo que sente; ele se abstém parcialmente de sua subjetividade e enxerga a subjetividade do outro, e a partir de ambas, retrata o mundo.

Para Bakhtin,

o autor está no todo da obra – e está no mais alto grau – mas nunca poderia tornar-se parte integrante dela no plano das imagens (objetos). Não é a *natura creata*, e tampouco a *natura naturata et creans*, mas puramente a *natura creans et non creata*. (BAKHTIN, 1997, p. 337)

Tem-se que o autor é aquele que cria e não aquele que é criado. É nesse sentido que se diz que ele está no todo da obra, pois esta é sua criação, e, ao ser criada, passa pelas mãos de seu criador. Entretanto, esse criador não se coloca como objeto, como matéria de seu produto; ele se encontra a parte, afastado.

Assim,

o ato estético engendra a existência num novo plano de valores do mundo; nasce um novo homem e um novo contexto de valores – um novo plano do pensamento sobre o mundo. (BAKHTIN, 1997, p. 205)

Quando há o afastamento do autor, ele se aproxima do outro; aquele vê com os olhos deste e se constitui dele e de sua visão. Impregna-se dos valores dele.

O autor, sozinho, não é capaz de dar acabamento à sua obra, pois não enxerga na sua totalidade. Sua visão é limitada: vê apenas o que a sua cultura, o que os seus valores lhe permitem. A diferença só se percebe quando em conflito, quando em contraste: quando os espanhóis chegaram em Cuba em 1492 e, meses mais tarde, perceberam a relação que os nativos possuíam com o tabaco, julgaram que tratava-se de uma relação satânica, demoníaca; para os nativos, era um meio para a expurgação, para o prazer e para um contato com seus deuses (GATELY, 2001). Percebe-se que um suposto acabamento sobre o tabaco deu-se com a concepção das duas culturas: sem os portugueses, o tabaco seria sempre algo bom; sem os nativos, sempre algo ruim. Até poderíamos pensar que o suposto acabamento estaria mais predisposto à totalidade com apenas uma das concepções, mas seria considerar um “objeto” sempre fora de relação com outros objetos, com outros sujeitos – o que é inverossímil.

Quando Bakhtin reflete sobre a relação entre sujeitos, entre autor e herói, temos o seguinte:

apenas o outro pode receber uma forma *substancial* e um acabamento, pois todas as modalidades de acabamento – no espaço, no tempo, no sentido – são valores transcendentais à autoconsciência ativa e não fazem parte de uma relação de valor consigo mesmo: se quero continuar eu mesmo para mim, não posso ser ativo num espaço e num tempo esteticamente significantes nos quais não existo enquanto valor para mim: neles não me crio, não assumo uma forma e não me determino; no mundo da minha autoconsciência, entre meus valores, não figura o valor estético significante de meu *corpo* e de minha *alma* e da unidade artística orgânica deles que confere *integridade* ao homem; meu corpo e minha alma se inserem em minha atividade que se desenvolve em meu horizonte, e esse horizonte não pode fechar-se e abarcar um eu tranquilizado, e constituir um ambiente de valores para mim: *ainda não* existo no mundo de meus valores enquanto dado positivo, tranquilo, igual a si mesmo. (BAKHTIN, 1997, p. 204)

O acabamento só é possível a partir do outro, pois no próprio interior, não se é capaz de produzir valor estético.

Não podemos limitar essas reflexões apenas aos objetos acima aludidos, ora ao diálogo, ora ao sujeito, ora ao herói, ora ao autor. Entendamo-los todos como enunciados, como “objetos” dotados de significação na relação com o outro. Tendo essa postura perante o “objeto”, a sua significação, seu tom emotivo-volitivo só existem a partir do sujeito. Não percamos de vista o posicionamento que adotamos acerca da escrita anteriormente. Da mesma maneira, a escrita comporta-se como um enunciado quando, e somente quando, o sujeito lhe dá valor, ou, podemos dizer agora, *acabamento*, em cada enunciação.

Tendo isso em mente, detenhamo-nos em três fatores indissociavelmente ligados que proporcionam a compreensão de modo responsável do enunciado e que indicam sua totalidade acabada (BAKHTIN, 1997): “1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o

querer dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento” (BAKHTIN, 1997, p. 299).

Quanto ao primeiro, a exaustividade do enunciado para Bakhtin é quase total mais em algumas esferas do que em outras. Na vida cotidiana, na vida militar, na vida prática, os enunciados são mais padronizados e a criatividade é quase inexistente. Já na esfera criativa, a exaustão do enunciado é menor – “exatamente um mínimo de acabamento capaz de suscitar uma atitude responsiva” (BAKHTIN, 1997, p. 300). Neste último caso, o objeto torna-se mais acabado quando é *tema* do enunciado, quando está “dentro dos limites de um *intuito definido*” (BAKHTIN, 1997, p. 300) do sujeito.

Nota-se que Bakhtin focaliza um acabamento mais vinculado à totalidade do objeto produzida pelo sujeito agente, pelo autor, assim digamos; um acabamento que ele próprio dá ao enunciado com relação ao sujeito outro para que este, por sua vez, seja capaz de respondê-lo. Mais uma vez tenhamos noção que esse acabamento do enunciado só é possível no diálogo entre “sujeito agente” e “sujeito respondente”: aquele produz uma exaustão ao objeto em relação à memória do futuro, em relação à possível resposta do sujeito outro; este, por sua vez, lhe responde exercendo uma atividade responsiva ativa que também produz exaustão.

Quanto ao segundo fator, trata-se justamente da intenção do sujeito impregnada no enunciado. Quando o sujeito age, há um *querer-dizer* “que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras” (BAKHTIN, 1997, p. 300). Esse

[...] intuito, [...] elemento *subjetivo* do enunciado, entra em combinação com o objeto do sentido – *objetivo* – para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados. (BAKHTIN, 1997, p. 300)

E é devido a essa combinação e a essa vinculação que os sujeitos no diálogo “captam com facilidade e prontidão o *intuito discursivo*, o querer-dizer do locutor” (BAKHTIN, 1997, p. 301), e, já no mais breve contato com o enunciado, percebem seu todo em processo de desenvolvimento.

Devido a essa intenção, o sujeito se abarca do gênero discursivo utilizado, ou das formas típicas de estruturação do gênero do acabamento – terceiro e último fator.

Para Bakhtin, sempre falamos, ou, antes, enunciamos, através de gêneros discursivos: se queremos instruir alguém a cozinhar, a preparar um prato, fazemo-lo através de uma receita, um tutorial, por exemplo. E para isso adotamos formas muitas vezes já estabelecidas. Mesmo que essas formas possam variar, há sempre uma forma típica de fazê-lo. Há, para o bem ou para o mal, certa constância no gênero. Isso, na verdade, é o que nos permite nos

comunicar, o que nos permite produzir e reproduzir enunciados, uma vez que, se a cada momentos tivéssemos que reinventar, reelaborar os gêneros do discurso, a comunicação seria impossível. Somos predispostos a reconhecer um gênero discursivo pelo qual o outro enuncia e, assim, compreender suas intenções, seus valores, seu ato.

Podemos entender aqui a questão do acabamento uma vez que, a partir do gênero utilizado pelo enunciador, deciframos sua intenção, seu querer-dizer. Perante uma fábula, por exemplo, sei que Esopo pretende passar alguma moral, algum ensinamento, e não apenas pelas palavras explícitas quando presentes, mas pelo tom, pelo estilo, pelo modo composicional do enunciado, por seus constituintes, pelo tempo e espaço da narrativa, pelos personagens, pelo diálogo, etc. Há toda uma forma de dizer que me indica a intenção.

Para que essas reflexões possam se tornar mais concretas, adentremos nas concepções sobre gênero discursivo e, até mesmo antes, sobre enunciado.

3.4. Gêneros Discursivos

Para Bakhtin (1997), e como já dito acima, o enunciado é um todo de significado, é um “objeto” dotado de sentido. É, assim, a “unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 286) e também não verbal. Um quadro, uma palavra, um slogan, uma música o são à medida que estabelecem entre os sujeitos uma relação de valores, de significação. Nesse processo de estabelecimento, tem-se que cada enunciado é uma resposta a outro enunciado, que cada um traz em si, como já dito acima, uma memória do futuro e uma do passado: se se tem, por exemplo, perante um jogo de futebol, “Os times terminaram empatados e é hora do voto de Minerva!” referindo-se ao momento dos pênaltis, podemos considerar como memória do passado o julgamento de Orestes – em que Orestes é acusado pelo assassinato de sua mãe, Clitemnestra, e do amante, como vingança à morte de seu pai, Agamenon – que terminou empatado por um júri de doze cidadãos atenienses e decidiu-se através do voto da deusa Atena (Minerva em latim) considerando-o inocente; como memória do futuro, as possíveis respostas a esse enunciado, as quais lhe dão acabamento no sentido de prepará-lo pensando em um sujeito que conhece o mito. Nesse sentido, “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 291). Nas palavras de Bakhtin,

o enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma determinada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. (BAKHTIN, 1997, p. 316)

A noção de sentido é completamente importante para o enunciado, pois se ele não o comporta, não é possível compreendê-lo; se não o compreende, não há diálogo entre o mundo exterior e o mundo interior do sujeito; se não há diálogo, não há comunicação. Mas dificilmente o sentido do enunciado não será projetado. Ou melhor, *um* sentido, seja ele qual for, em função do acabamento dado a si.

Imaginando uma situação em que um estrangeiro, cuja língua não dominamos, tenta pegar um táxi e não consegue há trinta minutos, e, por conta disso, a cada taxi que passa, vocifera indignado, podemos não decodificar suas palavras, mas compreendemos seu estado, compreendemos que ele se encontra alterado devido à falha e exercemos um valor perante essa situação. Não somente as palavras seriam um enunciado, até porque, na verdade, não as compreendemos, mas, antes, toda a situação trabalha como um enunciado, pois, em sua totalidade, relacionando as palavras indecifráveis com as passíveis gesticulações do sujeito, com as entoações verbais, com as expressões físicas, com o ambiente em que o sujeito se encontra, com cada táxi que passa e não lhe garante uma corrida, a situação detém sentido, significação. Mas, se for possível imaginar alguma manifestação, algum objeto fora de contexto e que não suscite compreensão nenhuma, não será um enunciado.

Nesse sentido, o enunciado compreendido o é perante sua completude, o que faz dele um *enunciado concreto*. A sua compreensão faz com que levemos em consideração toda a realidade que o circunda, ou toda a virtualidade; que levemos em consideração tudo aquilo que é externo tanto quanto o modo como esse externo é composto. Uma notícia de jornal, por exemplo, deverá ser analisada em meio a todas as outras notícias que a circundam e para isso dever-se-á também levar em conta como estas notícias são editadas e organizadas no plano textual. Além disso, analisa-se também quando essa notícia foi publicada, por qual jornalista escrita, por qual jornal veiculada, a fim de que se tenha uma compreensão do enunciado em seu todo, em sua relação com outros enunciados, com outros discursos.

Desse modo,

o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao

mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos, etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante. (BRAIT; MELO, 2010, p.67)

Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Consequentemente, um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (1) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida [...]. A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá este enunciado. (VOLOSHINOV apud BRAIT; MELO, 2010, p. 67)

Assim, enunciado deve ser analisado em sua concretude, para que não seja visto separado de sua realidade e de sua natureza social.

A partir dessa noção de enunciado, podemos refletir sobre gêneros discursivos.

Gêneros do discurso, para Bakhtin, “são tipos relativamente estáveis de enunciado” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Cada enunciado proferido, manifestado, pertencerá a uma esfera de atividade humana; cada um refletirá as condições e finalidades de cada uma das esferas através do estilo, do tema e do modo composicional. Como já aludido, será a esfera de atividade humana que determinará o gênero discursivo do enunciado (BAKHTIN, 1997). Assim, “falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade” (FIORIN, 2008, p. 61).

Referindo-se à influência da atividade humana, temos que uma pessoa que estando na igreja, ao fazer uma oração, posicionará e utilizará um modo de falar diferente de uma pessoa que se proferirá em um discurso político. E tanto a oração como o discurso político certamente variarão em estilo, modo composicional e tema conforme a situação em que se encontram e a época.

Referindo-se à relatividade estável de um enunciado, o “gênero dissertativo”, por exemplo, ensinado na sala de aula muitas vezes é passado como uma forma padrão: no primeiro parágrafo deve-se escrever a introdução do texto a ser discorrido; no corpo do texto, argumentar a favor da tese; e no último parágrafo, escrever a conclusão do que foi escrito antes. Comumente, passa-se a lição de que deve haver cinco parágrafos, cada um composto de cinco ou seis linhas, sendo um para a introdução, três para a discussão de ideias e outro para a conclusão. A dissertação, então, sendo um todo dotado de sentido, será um tipo relativamente estável de enunciado. Relativamente estável porque, como dito, o texto refletirá um estilo, um

tema, e um modo composicional que poderão, e provavelmente irão, variar de pessoa para pessoa. Enquanto um escritor, por exemplo, pode introduzir seu texto com dados históricos da segunda guerra mundial e um vocabulário referente a essa época, outro poderá, ao invés de dados históricos, introduzir o texto contando uma pequena anedota referente à mesma época e com um vocabulário mais atual para tratar do mesmo assunto. E enquanto o número de linhas dos parágrafos de um desses escritores pode ser sete, o outro poderá ser quatro, por exemplo.

No entanto, como bem ressalta Fiorin, o destaque sobre o conceito de Bakhtin, que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, é justamente no termo “relativamente”,

pois ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança, o que quer dizer que não há nenhuma normatividade nesse conceito (FIORIN, 2008, p. 64).

E acrescenta dizendo que

Não só cada gênero está em incessante alteração; também está em contínua mudança seu repertório, pois à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido. Como o aparecimento da internet, novos gêneros surgem: o chat, o blog, o mail, etc. A epopeia desaparece e dá lugar a novos gêneros. (FIORIN, 2008, p.65)

Bakhtin também faz uma distinção entre gêneros primários e gêneros secundários. A distinção entre eles “trata-se de uma distinção que dimensiona as esferas de uso da linguagem em processo dialógico interativo” (MACHADO, 2010, p. 155). Assim como destaca Fiorin,

gêneros primários são os gêneros da vida cotidiana. São, predominantemente, mas não exclusivamente, orais. Pertencem à comunicação verbal espontânea e têm relação direta com o contexto mais imediato. São, por exemplo, a piada, o bate-papo, a conversa telefônica... E o mail, o bilhete, o chat... (FIORIN, 2008, p. 70)

E os secundários

Pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada, a jornalística, a jurídica, a religiosa, a política, a filosófica, a pedagógica, a artística, a científica. São preponderantemente, mas não unicamente, escritos: por exemplo, o sermão, o editorial, o romance, a poesia lírica, o discurso parlamentar, a comunicação científica, o artigo científico, o ensaio filosófico, a autobiografia. (FIORIN, 2008, p. 70)

O gênero primário também pode ser componente do secundário, porém ele perderá “sua relação imediata com a realidade dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Os gêneros secundários absorvem e digerem os primários, transformando-os. Essa transformação ocorre porque eles perdem sua relação com o contexto imediato e sua vinculação com os enunciados concretos dos outros. (FIORIN, 2008, p. 70).

Assim também podem os gêneros hibridizar-se, como continua Fiorin. Eles “podem valer-se de outro secundário no seu interior ou podem imitá-lo em sua estrutura composicional, sua temática e seu estilo.” (FIORIN, 2008, p. 70).

Bakhtin ainda ressalta que sem os gêneros do discurso a comunicação seria quase impossível, já que são eles que organizam nossa fala (BAKHTIN, 1997). E pondera que a “eficiência de uma pessoa em um determinado gênero se dá por sua experiência nesse gênero.” (BAKHTIN, 1997, p. 302)

Como já tratado acima, o enunciado, estritamente ligado a algum gênero do discurso, sempre manifestará uma atitude responsiva ativa do interlocutor. O sujeito, ao deparar-se com um enunciado, sempre estabelecerá uma “resposta”, uma atitude: de concordância ou discordância, de indiferença, de simpatia ou antipatia, etc.

Toda compreensão é cheia de resposta, podendo ser a atitude responsiva ativa, além de imediata, muda ou retardada: “a pessoa pode demorar para compreender e “agir” sobre certo enunciado.” (BAKHTIN, 1997, p. 290). Dessa maneira, toda compreensão responsiva é um início e uma preparação para uma resposta (BAKHTIN, 1997). Isso implica que os “ouvintes são participantes ativos da comunicação verbal, e não passíveis” (BAKHTIN, 1997, p. 320).

Conclui-se que quando um locutor enuncia algo, ele já pressupõe que o interlocutor tenha algum conhecimento sobre o enunciado, fazendo que esse enunciado não seja o primeiro locutor e sim um “respondente”. (BAKHTIN, 1997). É o caso de quando alguma criança comete algum erro em casa e sabe que a mãe a abordará de alguma forma. A criança então produz todo um discurso para se desculpar com base no que ela pensa que a mãe poderá falar (“sei que minha mãe pensará isso, então direi aquilo, e se ela disser “X”, eu direi “Y”; se ela disser “W”, eu direi “Z”; etc.)

Posto isso, centremo-nos, por fim e enfim, nos três componentes do gênero discursivo que evidenciam sua instabilidade, ou seja, no estilo, no tema e no modo composicional.

O estilo, para Bakhtin, está ligado à individualidade do enunciado e a sua unidade de base é o gênero, tanto que Bakhtin considera que “quando há estilo, há gênero” (BAKHTIN, 1997, p. 286). Porém, sendo o estilo a individualidade do enunciado, esse conceito, como escreve Brait (2010), pode parecer um contrassenso, já que para Bakhtin faz-se impossível

não pensar em relação social e nas várias vozes que compõem um enunciado. Ou seja, um enunciado sendo a síntese de vários outros enunciados, como poderia ele ter uma individualidade?

Como ressalta a autora, é justamente na interação, na constituição de um enunciado através de vários outros, que haverá o estilo:

o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa. (BAKHTIN apud BRAIT, 2010, p. 83).

Ou seja, o estilo existe porque existe interação social. Levando em consideração a historicidade, o meio social e o cultural, o estilo sempre demonstrará as condições de uma sociedade. A singularidade de um estilo, porém, varia de pessoa para pessoa se pensarmos que mesmo referindo-se a uma mesma época, a uma mesma cultura e uma mesma sociedade, as interações sociais serão sempre diferentes.

Lembremo-nos, por exemplo, da fábula de Esopo *A Raposa e as Uvas* (2013) e também da de La Fontaine. Ambas narram a mesma diegese: grosso modo, uma raposa que ao avistar uma videira cheia de uvas tenta, sem sucesso, apanhar os frutos e reclama, por final, que “as uvas estavam verdes”. Se comparadas, a fábula de La Fontaine adota um estilo mais poético, tanto que é feita em versos. A de Esopo, em prosa, não se detém à elaboração de uma poética, entretanto: sua preocupação é, antes, passar um ensinamento, uma moral. A de La Fontaine também possui esse ensinamento, claro, mas antes com uma preocupação estética.

Podemos pensar, dessa maneira, que cada um dos autores teve influências, ou que há em si ressonâncias, de lugares diferentes, de sujeitos diferentes. Seus modos de escrita em função dos círculos de interação a que eles se submeteram serão sempre uma refração das suas diversas e diferentes relações. Seus estilos são síntese de toda a interação social e cada um deles “inscreve-se na língua e nos seus usos historicamente situados” (BRAIT, 2010, p. 83)

O estilo

depende do tipo de relação existente entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal, ou seja, o ouvinte, o leitor, o interlocutor próximo e imaginado (o real e o presumido), o discurso do outro, etc. Mesmo no caso dos gêneros altamente estratificados, sua diversidade deve-se ao fato de eles variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros. (BRAIT, 2010, p. 89)

O tema, por sua vez, é o sentido da enunciação completa. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação; ele deve ser único; é individual e não reiterável (BAKHTIN\VOLOCHINOV, 2009). Ele “varia de acordo com a situação histórica concreta em que é pronunciado [...]” (BAKHTIN\VOLOCHINOV, 2009, p.133) e também varia devido aos elementos não verbais da situação, no enunciado. Como pondera Bakhtin/Volochinov, sem os elementos da situação, o tema é de difícil compreensão (BAKHTIN\VOLOCHINOV, 2009). Assim, “somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema” (BAKHTIN\VOLOCHINOV, 2009, p. 134)

Porém, ao lado do tema existe também a significação, a qual compreende os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos (BAKHTIN\VOLOCHINOV, 2009).

A música composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos *Debaixo dos caracóis dos seus cabelos*⁶ pode ser um exemplo desses conceitos. A música composta como uma solidariedade a Caetano Veloso, que foi exilado em Londres por questões políticas durante a ditadura brasileira, é tomada por alguns ouvintes, os quais não têm conhecimento de sua origem, como uma música de viés romântico, que fala sobre a paixão de um homem por uma mulher, e não como de viés político, embora lírica. E da mesma forma, para cada ouvinte, a música evoca talvez sentimentos diferentes, memórias diferentes, sentidos diferentes. Dessa forma, percebe-se que a música em si possui um significado que é a cada momento reiterável, mas que é também a cada enunciação detentora de um tema diferente.

Cereja diz que

enquanto a significação é por natureza abstrata e tende à permanência e à estabilidade, o tema é concreto e histórico e tende ao fluido e dinâmico, ao precário, que recria e renova incessantemente o sistema de significação, ainda que partindo dele. [...]. (CEREJA, 2010, p. 202)

E voltando-se mais para a definição desses dois termos, diz que a significação

é um estágio inferior da capacidade de significar, e o tema, um estágio superior da mesma capacidade. A significação existe como capacidade potencial de construir sentido, própria dos signos linguísticos e das formas gramaticais da língua. É o sentido que esses elementos historicamente assumem, em virtude de seus usos reiterados. É, portanto, um estágio mais estável dos signos e dos enunciados, já que

⁶ Disponível em: <http://musicando.com.br/cifras/pdfs/Debaixo%20dos%20caracois.pdf> Acesso em 03 de novembro de 2015.

seus elementos, como fruto de uma convenção, podem ser utilizados em diferentes enunciações com as mesmas indicações de sentido. (CEREJA, 2010, p. 202)

Enquanto o tema

é indissociável da enunciação, pois, assim como esta, é a expressão de uma situação histórica concreta. Como decorrência, é único e irrepetível. Participam da construção do tema não apenas os elementos estáveis da significação mas também os elementos extraverbais, que integram a situação de produção, de recepção e de circulação. Dessa forma, o instável e o inusitado de cada enunciação se somam à significação, dando origem ao tema, resultado final e global do processo da construção de sentido. O sistema de significação, entretanto, não se configura como fixo e biunívoco: o tema se incorpora à significação, de modo que o sistema é sempre flexível, mutável, renovável. (CEREJA, 2010, p. 202)

Assim, o enunciado comporta tema e significação, sendo eles indissociáveis.

Já o modo composicional, como Fiorin escreve de modo sucinto, “é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo” (FIORIN, 2008, p. 62) E exemplifica:

sendo a carta uma comunicação diferida, é preciso ancorá-la num tempo, num espaço e numa relação de interlocução, para que os dêiticos usados possam ser compreendidos. É por isso que as cartas trazem a indicação do local e da data em que foram escritas e o nome de quem escreve e da pessoa para quem se escreve. (FIORIN, 2008, p. 62)

Enfim, temos assim que o enunciado, constituído de tema, estilo e modo composicional, os quais são indissociáveis, estará sempre ligado a um gênero do discurso. Consequentemente, ao falarmos utilizamo-nos sempre de gêneros, ou seja, todos os enunciados são ordenados por uma “forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo” (BAKHTIN, 1997, p. 301)

Assim também será um enunciado uma única palavra isolada se proferida com entonação, já que a entonação pertence ao enunciado, e não à palavra. (BAKHTIN, 1997). Logo, também,

orações interrogativas, exclamativas e exortativas funcionam como enunciados completos e pertencem a um gênero determinado. (BAKHTIN, 1997, p. 311)

Outro índice constitutivo do enunciado é o fato de ele ter um “destinatário, dirigir-se a alguém” (BAKHTIN, 1997, p. 325) – índice que é imprescindível para que ele exista.

Nesse sentido, questões sobre gêneros são importantes para nosso trabalho para pensarmos o típico comentário em sua relação discursiva. Noções sobre o estilo, o modo composicional, o tema, o enunciado constituído, o diálogo constituído, as condições de

resposta, nos servem para pensarmos como o comentário se comporta e se adequa em seu contexto de realização.

O diálogo que ele estabelece com outros enunciados reflete e refrata o ato ético do sujeito, que é a responsabilidade deste quando enuncia. Ao fazê-lo, percebemos, pelo cotejamento, características que define o comentário e o seu dizer. A enunciação do sujeito é tomada em seu contexto mais imediato, entendendo, com isso, sua realidade e não sua virtualidade, ou seja, não a tomando como hipótese. O enunciado é real e contextualizado. Suas características provêm desse aspecto e só assim podemos entendê-lo como o enunciado que se faz.

O acabamento que trazemos nos serve ao propósito de olharmos para essa constituição do enunciado, uma vez que nos interessa suas fronteiras. O acabamento que o sujeito dá em sua enunciação nada mais é do que uma resposta a do outro. É preciso compreender para responder e quando se responde é porque houve o acabamento necessário percebido pelas fronteiras que são os indícios de cada ato singular.

Através desses atos singulares minimizados no dizer dos sujeitos é que percebemos o contínuo entre os enunciados no *site* PdH. Contínuo que é também estabelecido em função da relação do sujeito com o suporte computador, possibilitando-o enunciar da maneira como o faz. Enuncia-se, pois, com as ferramentas digitais, virtuais, que lhe são concedidas. Enuncia-se, pois, pelo letramento digital.

Tanto esse letramento, quanto o suporte, quanto as noções de gênero, de acabamento, de ato ético, são imprescindíveis para a análise que fazemos a seguir.

4. ANÁLISE

O site www.papodehomem.com.br, nosso *corpus*, foi criado em 2006 por Guilherme Nascimento Valadares na intenção de promover discussões com diferentes perspectivas de posicionamentos, de conhecimentos, para que seja possível que haja homens possíveis.

Quer dizer: o estereótipo de homem que não chora, que é intransigente, que possui as soluções na ponta da mão, que tem um conhecimento amplo e consegue sobreviver perante todas as inospitalidades dos ambientes cai por terra. Quando se diz “homens possíveis”, para o PdH, trata-se de entender o homem como um ser normal que possui dificuldades e que precisa de um guia. Trata-se de um homem-homem⁷.

O **novo homem** chora.

Aceita perder, sorri, erra, se emociona, perde o controle, abaixa a guarda.

É mente aberta, camarada, reconhece que não é o melhor, apoia o amigo, goza o amigo, tem inveja do amigo, ama o amigo.

Peita ser vulnerável, assume o lado mulherzinha, amarga mostrar os sentimentos, tem orgulho de ser imperfeito, vai atrás do que quer, larga tudo, quer tudo. Passa creme, passa pomada, passa roupa, lava louça, cozinha como o Atala.

Sai com a namorada e o filho do outro relacionamento a tiracolo, adora cachorros, adora crianças, adora ajudar, adora gourmet, adora tendências, adora o espelho, se adora.

Anda de SUV (vai de ciclofaixa no fim de semana), usa calça colorida e tira um sabático na Índia.

Opa, parece que chegou a vez do **homem-homem**.

Figura 3 – Homem-homem

O site não se direciona particularmente ao público masculino, embora haja a tendência em função do nome. Tampouco se trata de um site cujo objetivo é discutir assuntos héteros⁸.

⁷ Ler *Homem-Homem* em <http://papodehomem.com.br/homem-homem>

⁸ Ler *Papo de homem não é papo de héteros* em <http://papodehomem.com.br/papo-de-homem-nao-e-papo-de-hetero/>



Diálogos assim são ótimos para ilustrar confusões comuns.

Masculino não significa hétero.

É possível ser gay, masculino e, por exemplo, lutar MMA. O que você chupa ou deixa de chupar não define, por si só, o quão masculino ou feminino você é.

Figura 4 – Papodehomem não é papo de hétero

Inclusive, já fazemos aqui a nota de que não é essa questão que nos interessa no trabalho: as vozes sociais que perpassam o *site* nos servem apenas de curiosidade, mas não de objeto científico. Como dito, é curioso: a cada segunda-feira se posta um artigo de ensaio fotográfico (atualmente; há tempos, era comum o uso de vídeos), cuja coleção chama-se *Bom*

*dia*⁹, por exemplo. Nela, mulheres que se interessem devem entrar em contato com os produtores do PdH e requerer um ensaio, para o qual é destinado um fotógrafo em particular. No entanto, há um tempo, homens também vêm sendo fotografados. Não apenas homens participam das discussões, tampouco só eles escrevem os artigos. Mulheres também o fazem.

Quando se diz “homens possíveis”, entende-se, na verdade, acima de tudo, homem no sentido genérico do termo: ser humano. Homem e mulher.

“Possíveis” porque se entende, também, que sejamos capazes de evoluir, progredir a partir de discussão. Isso se torna possível através dos comentários.

Se o PdH traz como motivação os artigos publicados, todo o resto se desenvolve abaixo do texto, onde os internautas têm lugar para colocar suas opiniões, para concordar, discordar etc. É ali que muito do diálogo é possível, uma vez que a leitura na internet se faz principalmente sozinho. Para Guilherme Nascimento, o comentário é um lugar onde podemos dar voz e concretude às relações¹⁰.

Mas, além disso, de que se trata no *site* PdH?

Sendo o *site* um lugar para o desenvolvimento pessoal, nele encontram-se todos os tipos de assuntos, desde cultura até questões sociais e pessoais. Artigos como *17 filmes para assistir em março*, *Meu filho tem síndrome de Prader-Willi: como falar sobre isso me ajudou a lidar com medos*, *Como fazer refrigerante de laranja, passo a passo*, *Tatuagem: o acervo incrível de referências do @blackworkers*¹¹ exemplificam um pouco o viés do *site*.

Agrupadas em temas, séries e colunas, é possível encontrar coleções de textos relacionados a *Cultura e arte*, *Homens possíveis*, *Mecenas*, *Igualdade de gênero*, *Feminismo*, *Mundo*, *23 dias para um homem melhor*, *Trabalho e negócios*, *Como fazer*, *Eu ouvi para*

⁹ Ver <http://papodehomem.com.br/colecoes/bom-dia>

¹⁰ Ler *O poder de um comentário* em http://www.papodehomem.com.br/o-poder-de-um-comentario?track_slug=como-cultivar-melhores-conversas-na-web

¹¹ Respectivamente: <http://papodehomem.com.br/17-filmes-para-assistir-em-marco>; <http://papodehomem.com.br/filho-sindrome-prader-willi-falar-sobre-lidar-medos-ted>; <http://papodehomem.com.br/como-fazer-refrigerante-de-laranja-passo-a-passo>; <http://www.papodehomem.com.br/tatuagem-o-acervo-incrive-de-referencias-do-blackworkers>.

você, *Mulheres que você deveria conhecer*, *Prisões*, *Adão*, entre outras.

Papo de Homem

Coleções Percursos Nossa visão Contato Anuncie

que você procura?

Coleções

Agrupamos nossos papos em temas, séries e colunas

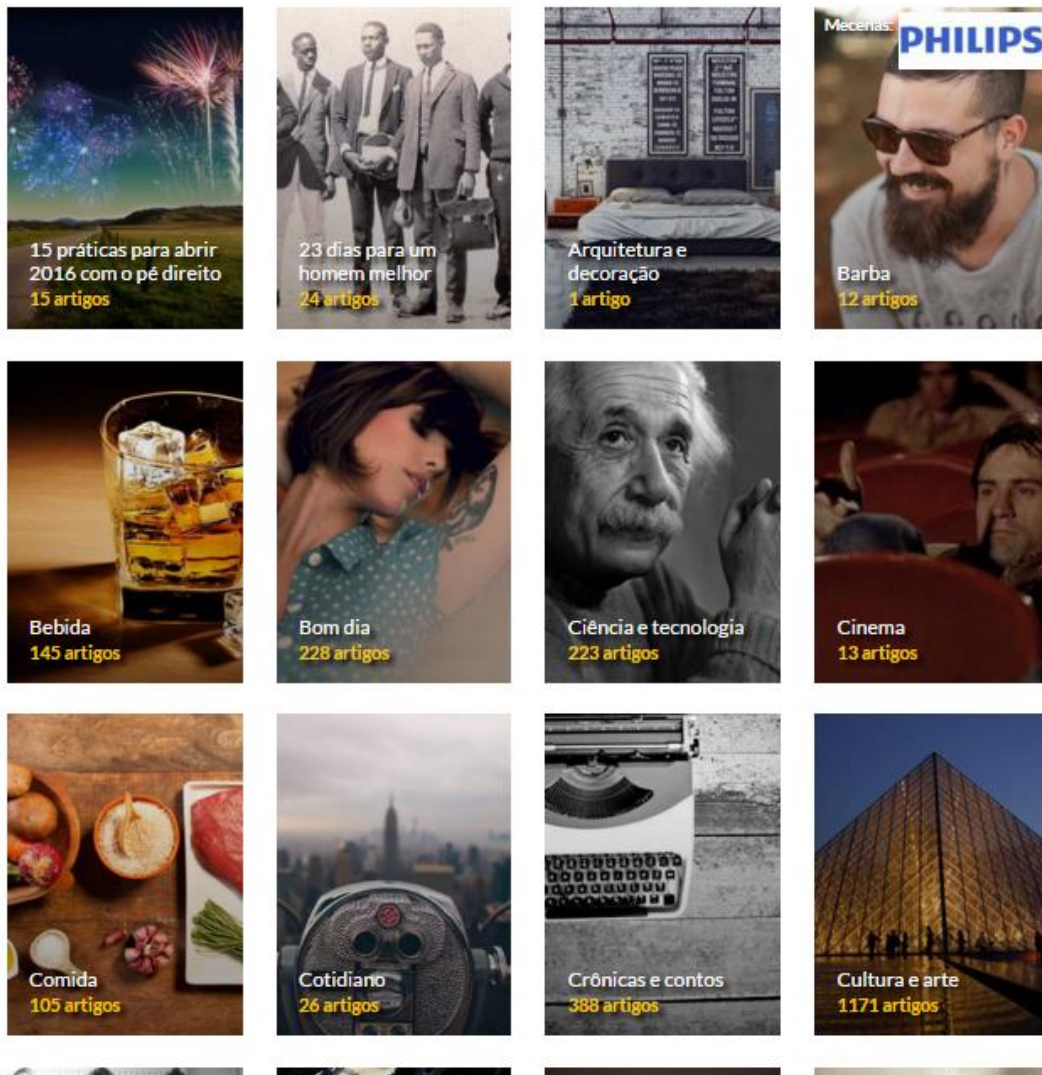


Figura 5 – Coleções

Além disso, os próprios editores sugerem roteiros de textos e conversas para melhor aprofundamento, como: *Para entender política; O que o PapodeHomem realmente faz?; Como cultivar melhores conversas na web?; Para lembrar da morte; Para começar a meditar; Disfunção erétil: como lidar? etc.*

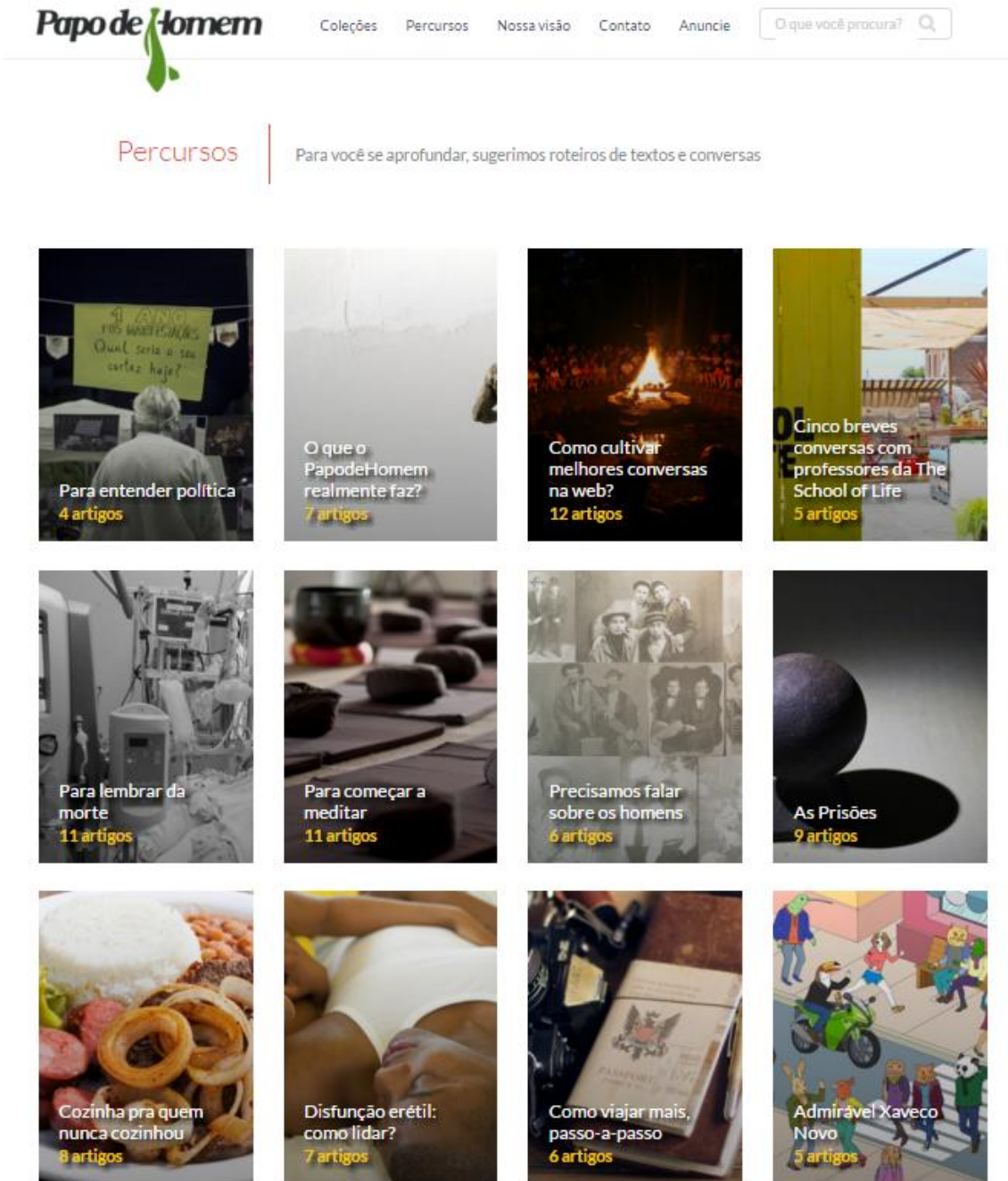


Figura 6 – Percursos

Os textos são escritos por uma gama de escritores que não necessariamente se fecha (há autores que fazem parte do corpo editorial e autores que não fazem parte).

A frequência com que se publicam artigos no *site* é de dois por dia. Grande parte é relacionada à atualidade, mas outra é atemporal, como a que se refere a listas de filmes, de músicas, à culinária, entre outros.

Essa questão da atualidade leva a uma nota: o *site* possui patrocinadores, marcas vinculadas. Um mecenato, na verdade¹². Isso quer dizer que quando um patrocinador apoia

¹² Ler *Os Mecenas e o PdH* em <http://www.papodehomem.com.br/os-mecenas-e-o-pdh>.

um artigo, conseqüentemente há um discurso, uma voz, por trás que promove ou reforça uma tendência, um posicionamento. Um caso é o artigo *Arruma essa barba, rapá: como modelar a barba de maneira real e estilosa*¹³, patrocinado pela Philips, como ilustrado a seguir.

Não sei qual é frequência que você costuma lavar o cabelo, mas barba é obrigação para todos os dias. O lado bom é que, hoje em dia, tem um montão de produtos próprios e específicos, mas se você quiser se safar com o bom e velho shampoo não tem nada de errado nisso. Condicionador também dá um grau legal.

Só, por favor, não ache que sabonete pode ser solução. Ele vai retirar toda a hidratação dos pelos e ainda vai ressecar seu rosto.

E aí, qual foi a dica que deixei passar batida? Ajude seus amigos barbudos ae, velho!

* * *

Sobre barba

Como deixar a barba crescer: o passo-a-passo e o emocional

Os tipos de barba, do mundo real ao Instagram: 5 relatos de caras como você e eu

A primeira barba de um homem (ou o que a gente nunca mais esquece)

Mecenas: Philips



Figura 7 - Mecenas

Desde 2014, há uma expansão de atividades e interesses em relação ao famoso “barba, cabelo e bigode”. As barbearias, por exemplo, voltaram a ser moda, principalmente nas redes sociais, como o *instagram*. Assim, quando temos o artigo aludido acima patrocinado por uma empresa que também produz aparelhos de barbear, supostamente há uma influência no discurso.

¹³ Ler *Arruma essa barba, rapá: como modelar a barba de maneira real e estilosa* em <http://www.papodehomem.com.br/arruma-essa-barba-rapa-como-modelar-a-barba-de-maneira-real-e-estilosa>

Essa pincelada sobre o *site* PdH torna-se necessária a nós para uma melhor compreensão do estudo que aqui fazemos. A partir dela podemos pensar nossas ideias já antes colocadas e agora dar maior sentido.

No *site*, colocamos em foco a relação do sujeito com a escrita e nossa reflexão sobre ela é com o propósito de olhar para o comentário em sua relação histórica, cultural e social, relação que o sujeito no PdH estabelece entre escrita e suporte computador.

Tomando o comentário não apenas sob a perspectiva da escrita, mas também da leitura, refletimos sobre os dois vieses como práticas. Práticas letradas em um mundo virtual que possuem características particulares, podemos dizer.

Práticas que fazem circular enunciados de sujeitos não legitimados. Enunciados que às vezes estão à margem.

Mas quando olhamos para o comentário, consideramos que nele o sujeito que está “deslocado” encontra um lugar onde pode ser notado, ouvido, lido. Não se tratará de apenas o autor desse texto, desse enunciado, em um artigo, tornar-se evidente. Aquele que comenta também tem a sua vez. Isso contribui para que o sujeito tenha “acesso à informação”.

Por meio de o que o internauta traz em seu comentário, é possível ter acesso a outros saberes sobre determinado assunto a que se remete o texto comentado:

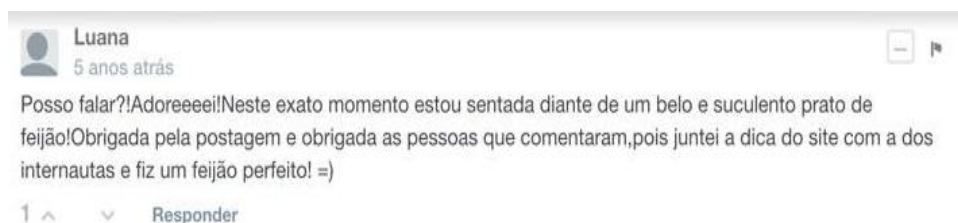


Figura 8 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Através desse comentário, Luana nos mostra pelo menos dois fatos interessantes: primeiro, um suposto percurso de leitura, no sentido de que ela se beneficiou de outros comentários para o propósito de cozinhar; segundo, a importância do ato de escrita dos outros internautas.

Se anteriormente refletimos sobre a escrita traçando um “percurso” pelo qual consideramo-la um objeto, uma ferramenta, de que o sujeito faz uso e, mais adiante, entendemo-la como um ato responsável, é com o intuito de olharmos para os comentários como *um* “lugar” em que o sujeito se manifesta responsabilmente.

A partir dele, poderemos perceber um valor que é circunscrito em um contexto social, cultural e histórico; perceberemos uma prática contextualizada, em diálogo com outros sujeitos. Olharemos, pois, para as refrações.

Para isso, como já dito, cotejaremos os enunciados. Olharemos para eles lhes dando contexto para que possamos, a partir de comparações, evidenciar pontos que são importantes para este estudo. É cotejando que nos detemos nos cinco tutoriais na introdução já mencionados e seus respectivos comentários, pois lá encontramos características que nos permitem, mais substancialmente, defender a hipótese da continuidade dialógica que propomos.

Esses tutoriais se encontram em anexo e insistimos que o leitor se detenha a eles por um momento para que se possa com eles ter uma ideia melhor da configuração estabelecida entre texto comentado e comentários. Na verdade, para que esse intuito seja estabelecido, trazemos apenas nos Anexos 4 e 5 a página integral do *site*, visto que os comentários dos demais são muito extensos em quantidade e a sua reprodução se torna inviável. Deixamos a possibilidade de que o leitor acesse as outras páginas integrais virtualmente a partir dos links que disponibilizamos também na introdução.

A partir da seleção dos enunciados, dividimos a seguinte análise em três momentos. O primeiro se destina a uma análise quanto a questões de escrita e leitura na internet a partir do comentário, evidenciando aspectos de letramento e oralidade, os quais nos são interessantes para pensarmos em questões de estilo, modo composicional e tema. O segundo se destina a uma análise relacionando o comentário com o suporte de texto computador. Aqui olhamos para as possibilidades que o suporte providencia ao sujeito e como este se desenvolve de maneira letrada no ambiente virtual. Por fim, o terceiro momento se destina à reflexão sobre os comentários estabelecendo um contínuo dialógico entre si e entre o texto comentado.

4.1. Escrita e leitura: práticas a partir do comentário

Os aspectos analisados a seguir, assim como a reflexão que os encobre, tomam como propósito evidenciar características que nos ajudarão a pensar o contínuo entre os enunciados. Os aspectos estilísticos, temáticos e composicionais, que aqui é base, nos servem para pensarmos nos fazeres dos sujeitos, os quais dialogam e nos permitem corroborar a ideia de continuidade dialógica, e que são tomados perante o suporte computador mais adiante.

Iniciamos este trabalho por reflexões sobre práticas de escritas e assim tomaremos a frente também nesse momento.

Se antes refletimos sobre a escrita não como um objeto por si só dotado de tecnologia e sim como uma ferramenta que o sujeito utiliza, entendemos a prática de leitura e escrita dos comentários como um ato ético do sujeito. Este é responsável pela sua escrita, pela sua leitura; ele possui um dever para com essas práticas.

Uma das singularidades que podemos perceber como uma das características que mais se vincule ao comentário é o aspecto da oralidade – e poderíamos até julgar sê-lo por o tratarmos semelhante a um gênero primário, mais vinculado ao cotidiano. Interessante é que, mesmo quando há fortes indícios de letramento, mesmo assim esse aspecto se apresenta.

Entretanto, o fazer do sujeito não se trata apenas da oralidade. Alguns dos pontos aqui citados referentes a Komesu (2010) estão presentes, como já aludidos acima: abreviações, emoticons, rebus, uso não convencional de pontuação, assim como de acentuação e de grafia. Isso nos interessa perante uma prática de escrita singular, mesmo que não particular ao comentário.

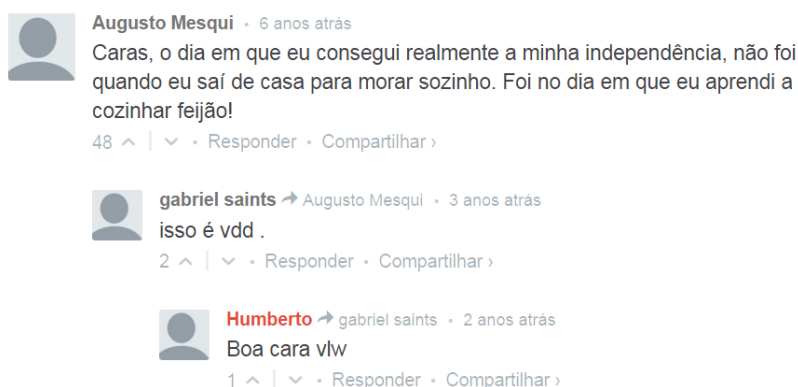


Figura 9 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Podemos ver a responsabilidade de Gabriel Saints, na figura 9, quanto à abreviação: o internauta, ao invés de escrever *verdade*, utiliza-se apenas de *vdd*, em que se apresenta apenas a letra inicial de cada sílaba da palavra integral. Já pelo comentário de Humberto, notificamos singularidade não apenas pela abreviação *vlw*, mas também pelo uso não convencional de pontuação: esperava-se que o internauta utilizasse vírgula após *Boa* e ponto após *cara* e *vlw*. Ambos assumem, portanto, um estilo de escrita típico da internet.

Na figura 10, além disso, temos a não utilização de acento e o emoticon:

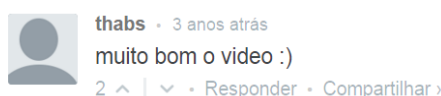


Figura 10 – Comentário de *Receita de hambúrguer do MEATS: como fazer o hambúrguer mais matador de todos* (Anexo 5)

No caso, Thabs, em relação à palavra *vídeo*, deveria, conforme a convenção, acentuar a primeira sílaba, por se tratar de uma paroxítona não terminada em *a*, *e* ou *o*. No final, o

internauta utiliza um emoticon, ou seja, a utilização de pontos representando uma emoção: dois pontos seguidos de parêntese simbolizando uma expressão facial de felicidade.

Esses aspectos, assim como o rébus e a grafia não convencional já acima apresentados em comentários do site www.papodehomem.com.br, evidenciam um modo de dizer similar dos sujeitos e que até denominamos como um *internetês*.

Mas também percebamos que ao lado desse modo de dizer, encontra-se, ainda, uma responsabilidade “convencional”. Podemos perceber isso a partir da figura 11.

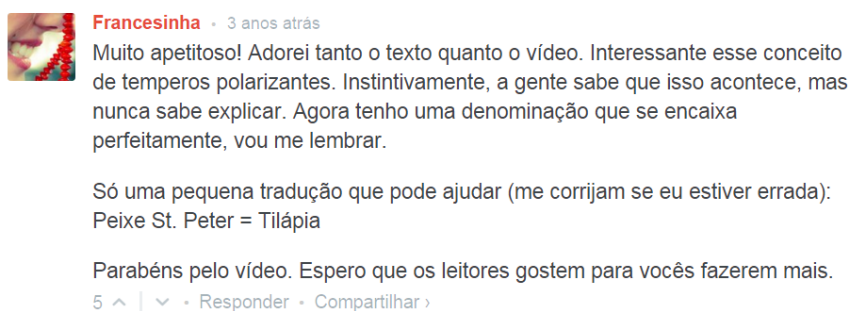


Figura 11 – Comentário de *Como fazer ceviche, passo-a-passo* (Anexo 4)

Aqui, Francesinha não se vale, por exemplo, de abreviações, nem mesmo ao utilizar o pronome *vocês*, o qual, na internet, é comumente representado por “vcs”. Em relação à pontuação, pode-se dizer que em *Muito apetitoso!*, Francesinha marca, através do ponto, o fim de uma avaliação degustativa quanto ao prato (ou mesmo quanto ao texto, metaforicamente), para, em seguida, iniciar uma avaliação sentimental quanto ao texto e ao vídeo. Após o ponto dessa segunda oração, Francesinha posiciona-se quanto ao conceito de temperos polarizantes. Nota-se, aqui, uma preocupação e uma adequação à pontuação.

No mesmo sentido, o uso de palavras como *vídeo*, *denominação*, *só*, *tradução*, *parabéns* e *vocês*, um agir do sujeito que é ortograficamente correto segundo a norma.

Quanto à oralidade, lembremo-nos de Ong (2006), que considera o uso da conjunção introdutiva *e* nas orações como característica da fala. Na figura 12, por exemplo, Marcelo Martins apresenta dois aditivos *e* em seu comentário que introduzem orações: “*e* quando vi quase secou a água” e “*e* os grãos de cima não cozinharam direito”.

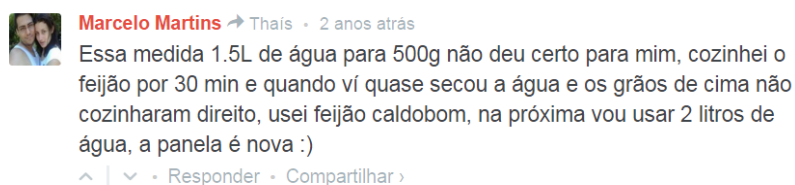
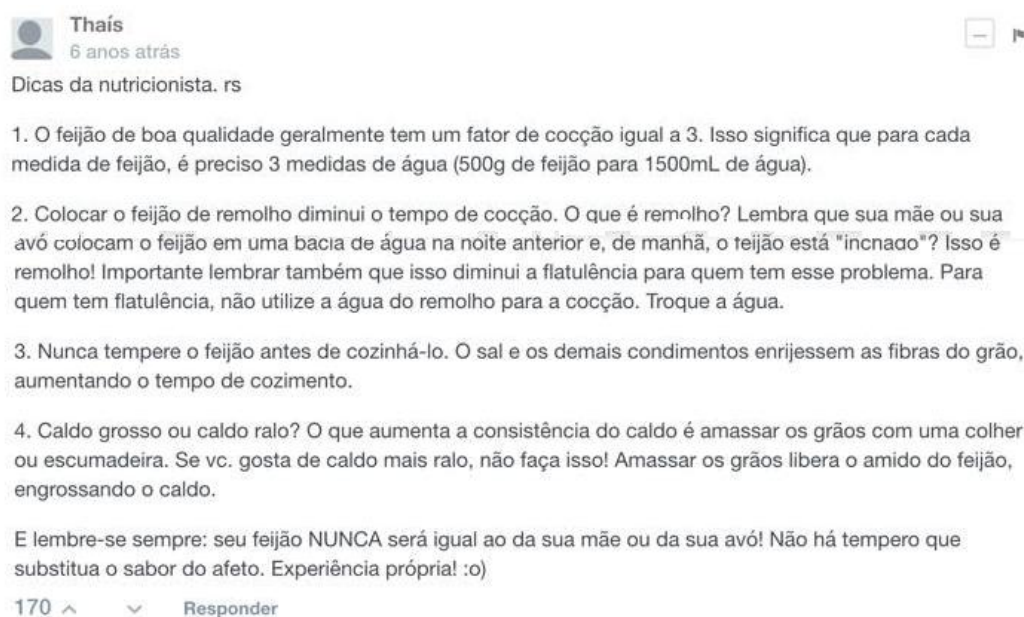


Figura 12 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Da mesma forma, podemos olhar para a proximidade com a realidade da qual Ong também considera como própria da fala, como discutido acima. Se para ele o homem fala sobre aquilo que lhe é real, palpável, conhecido, nesta figura temos Marcelo Martins falando sobre uma eventualidade que ocorrera consigo. Trata-se, pois, de um mundo que lhe é próximo, de um acontecimento ao qual ele está inserido: sua experiência ao preparar feijão e não ser bem sucedido perante a medida de água.

Além disso, por oposição ao letramento, temos indícios de oralidade quando analisamos as não convenções no comentário: em “e quando vi...”, seria possível a utilização de ponto final antes de iniciar a oração temporal ao invés da conjunção *e*; a sequência “usei feijão caldobom” poderia vir entre aspas, uma vez que soa quase como uma informação à parte; e, logo depois de *caldobom* e de *água*, o ponto final seria talvez mais adequado, já que se trata de um novo tópico frasal.

Por outro lado, temos comentários também que indiciam graus maiores de letramento dos autores e, ainda assim, apresentam sinais de oralidade:



Thais
6 anos atrás

Dicas da nutricionista. rs

1. O feijão de boa qualidade geralmente tem um fator de cocção igual a 3. Isso significa que para cada medida de feijão, é preciso 3 medidas de água (500g de feijão para 1500mL de água).
2. Colocar o feijão de molho diminui o tempo de cocção. O que é molho? Lembra que sua mãe ou sua avó colocam o feijão em uma bacia de água na noite anterior e, de manhã, o feijão está "incnado"? Isso é molho! Importante lembrar também que isso diminui a flatulência para quem tem esse problema. Para quem tem flatulência, não utilize a água do molho para a cocção. Troque a água.
3. Nunca tempere o feijão antes de cozinhá-lo. O sal e os demais condimentos enrijessem as fibras do grão, aumentando o tempo de cozimento.
4. Caldo grosso ou caldo ralo? O que aumenta a consistência do caldo é amassar os grãos com uma colher ou escumadeira. Se vc. gosta de caldo mais ralo, não faça isso! Amassar os grãos libera o amido do feijão, engrossando o caldo.

E lembre-se sempre: seu feijão NUNCA será igual ao da sua mãe ou da sua avó! Não há tempero que substitua o sabor do afeto. Experiência própria! :o)

170 ^ v Responder

Figura 13 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Veja-se que Thais, ao escrever seu comentário, utiliza bem a pontuação, fazendo uso do ponto final em término de período e fazendo retomadas a partir de pronomes anafóricos, como “*Isso* significa que para cada medida de feijão...”. Ela utiliza também a ênclise, como em “Nunca tempere o feijão antes de *cozinhá-lo*” para retomar *feijão* e termos técnicos, como *cocção*.

A oralidade está presente, por sua vez, quando Thais escreve “*NUNCA*” em caixa alta: a autora parece querer destacar a entonação como dando ênfase à palavra. Ainda, há, logo no

começo do comentário, marca de uma risada evidenciada por “rs”, o que projeta um tom descontraído às palavras iniciais da autora e que, por si próprio, remete-se à oralidade por tratar-se de uma vinculação ao aspecto sonoro da fala.

Thais ainda exerce um tom descontraído, e também informal, através da utilização da abreviação “vc”, ao invés de *você*, e da utilização de emoticon no final do comentário, “:o”.

Além disso, não se percebe redundância, que segundo Ong (2006) seria um aspecto mais vinculado à fala: Thais não retoma, não se faz prolixa em seu comentário. Entretanto, a internauta evidencia aspectos do mundo vital humano que a cerca, quando comenta sobre um assunto que lhe é “concreto”, palpável, conhecido. (A questão aqui não se trata de qualificações entre a fala e a escrita, entre a oralidade e o letramento; trata-se apenas de evidências que caracterizam os comentários.)

Esses pontos destacados refletem um fazer e uma singularidade do sujeito. Não estamos olhando detidamente para cada sujeito em si, obviamente, pois a extensão da análise seria enorme, mas, a partir de alguns e de sua responsabilidade perante seus comentários, conseguimos já particularizar sujeitos. Essas noções de oralidade e letramento, dentro do espaço virtual que é o *site* PdH, reflete um sujeito cujo letramento dialoga com a situação mais imediata: o seu dever se vincula a um lugar que lhe proporciona responder de maneira mais formal ou informal; com maior oralidade ou com maior letramento evidenciados. Thais, Marcelo Martins, Francesinha, Thabs, Gabriel Saints e Humberto evidenciam uma atitude responsável ao se utilizarem de uma enunciação que é produto de seu contexto imediato: como leitores, percebem as características que o *site* possui e percebem que podem enunciar como fazem. Consciente ou inconscientemente, eles refletem esse dever e não possuem álibi.

Eles, ao responderem, demonstram uma compreensão do evento singular que é o *site* PdH, que é a página cujo tutorial e comentários se encontram. Ao fazê-lo, adotam um tom emotivo-volitivo que “orienta e afirma realmente o conteúdo-sentido” (Bakhtin, 2010, p. 87) da situação. Esse tom, compreensão e resposta, através de sua enunciação, reflete a singularidade do sujeito.

Uma singularidade que pode ser tomada como estilo. Dentro da perspectiva bakhtiniana, o estilo é quando há evidências de um grupo social a partir de um sujeito em particular no discurso. Sendo ele, como já citado,

pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa (BAKHTIN *apud* BRAIT, 2010, p. 83),

podemos categorizar, ao menos, dois grupos: um, mais preocupado às convenções e outro menos.

Além dessas singularidades, podemos olhar também para outras que se relacionam aos aspectos estilísticos que os sujeitos evidenciam nos comentários: tratam-se de características que evidenciam um modo de dizer vinculado à internet que se relaciona à instabilidade, à diversidade. Relaciona-se ao modo composicional e ao tema.

O modo composicional, ou a configuração do enunciado, também possui variação, e podemos determinar pelo menos dois: comentários que se apresentam com apenas um parágrafo e comentários que se apresentam com mais de um. O que isso evidencia seja talvez uma preocupação estética com o enunciado, pensando em questões de letramento.

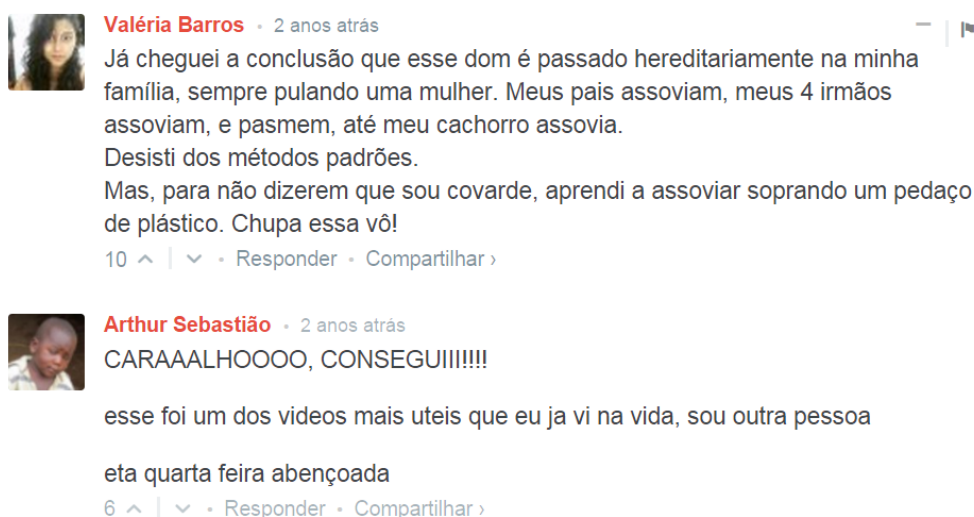


Figura 14 – Comentário de *Aprenda a assoviar como seu avô* (Anexo 2)

No caso, Valéria Barros e Arthur Sebastião se valem de três parágrafos para comporem seu enunciado: Valéria de maneira mais longa e Arthur mais sucinto. Entretanto, ambos se preocupam em separar em “tópicos”. Aprendemos, pois, na escola, que um texto deve ser dividido para melhorar sua coesão, sua coerência.

Já na figura 15, a preocupação em relação à paragrafação não é notada:

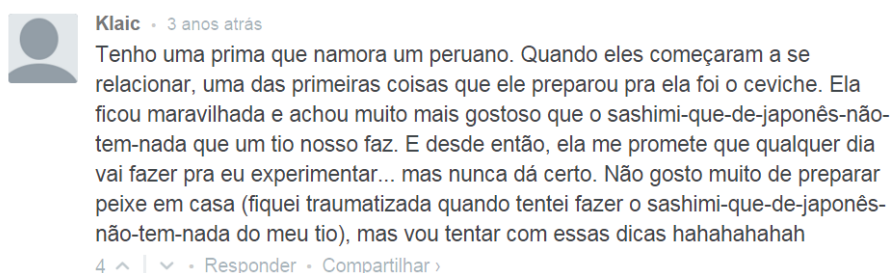


Figura 15 – Comentário de *Como fazer ceviche, passo-a-passo* (Anexo 4)

Klaic nos possibilita perceber o aspecto da oralidade: como se tudo fosse dito em um fôlego apenas. Podemos pensar o seu dizer em três divisões: 1) *Tenho uma prima que namora um peruano. Quando eles começaram a se relacionar, uma das primeiras coisas que ele preparou pra ela foi o ceviche. Ela ficou maravilhada e achou muito mais gostoso que o sashimi-que-de-janponês-não-tem-nada que o tio nosso faz;* 2) *E desde então, ela me promete que qualquer dia vai fazer pra eu experimentar... mas nunca dá certo;* e, 3) *Não gosto muito de preparar em casa (fiquei traumatizada quando tentei fazer o sashimi-que-de-japonês-não-tem-nada do meu tio), mas vou tentar com essas dicas hahahahahah.* Mas a não ocorrência desse processo leva-nos a considerar uma não preocupação com a norma nesse aspecto, com aquilo que é julgado correto ou não.

Talvez apenas em grau menor Klaic não evidencie essa preocupação em seu comentário, pois se o fizesse, teríamos talvez as três divisões propostas acima, assim como os comentários da figura 14. Poderíamos pensar na estrutura de sempre uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. Menor ou maior grau de evidência de letramento.

Ainda podemos considerar um terceiro comentário, em que o internauta não se utiliza de pontuação, mas, em contrapartida, utiliza-se de paragrafação:

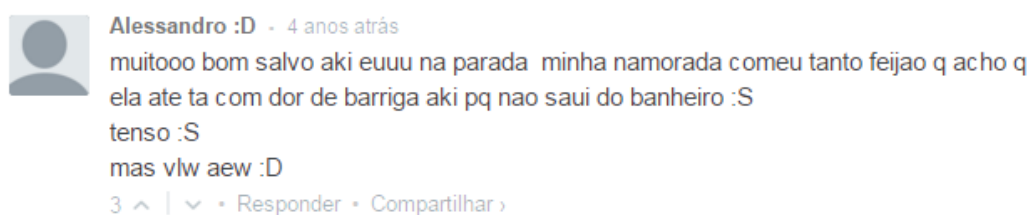


Figura 16 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo1)

Podemos ver que Alessandro, no comentário acima, não utiliza vírgulas ou pontos finais, ou mesmo outros, como pontos de exclamação, como seria esperado. Se reescrevêssemos, poderíamos ter algo como: *Muito bom! Salvou, aqui, euuu, na parada. Minha namorada comeu tanto feijão que acho que ela até está com dor de barriga aqui, porque não saiu do banheiro :S. /Tenso :S./ Mas valeu, aew :D.* Não apenas a pontuação é algo evidente, mas também a forma escrita das palavras. A extensão de *muito*, de *euuu*; a abreviação de *que*, por *q*, de *está*, por *ta*, de *aqui*, por *aki*, de *porque*, por *pq* e de *valeu*, por *vlw*; a falta de acentuação em *feijão*, em *ta*; o uso de letra minúscula em início de parágrafo. Esses detalhes nos levam a considerar oralidade presente no seu dizer: não há preocupação com a norma e tende a uma representação da fala, em que os aspectos esperado na escrita não aparecem.

Além desses três tipos, consideremos também aqueles que os sujeitos apresentam em partes as mesmas características dos textos comentados: vídeos ou imagens, por exemplo. É, pois, um modo de dizer do sujeito para com a configuração do enunciado.



Figura 17 – Comentário de *Como fazer ceviche, passo-a-passo* (Anexo 4)



Figura 18 – Comentário de *Como fazer ceviche, passo-a-passo* (Anexo 4)

Nesses dois casos, William Rufino e Francisco de Assis Rocha utilizam a imagem e o vídeo como modo composicional, caracterizando um modo de dizer particular à internet.

Difícil imaginar outro lugar onde em comentário essa mescla entre texto verbal e não verbal se daria.

Quanto ao tema, o internauta, na maioria das vezes, vincula-o diretamente ao texto comentado: traz em seu cerne uma significação em diálogo. Por vezes, ele também se afasta do ponto comum.

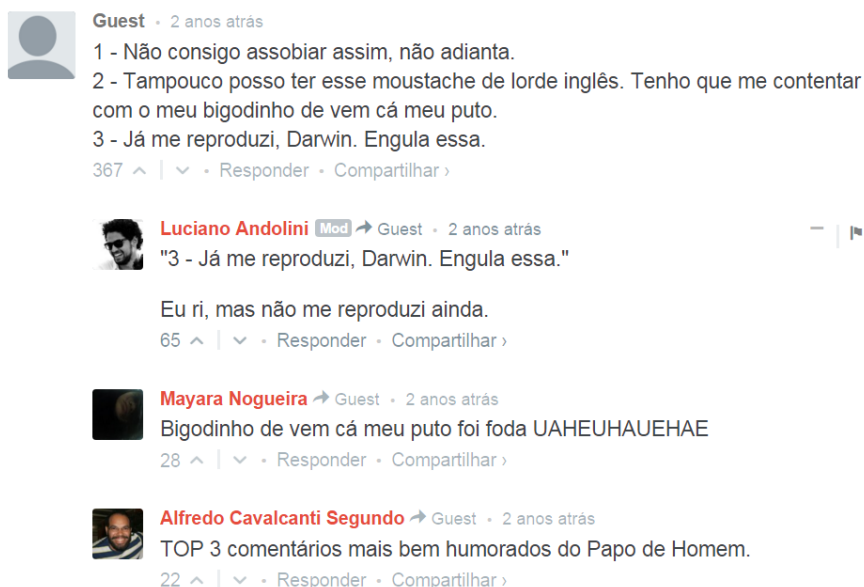


Figura 19 – Comentário de *Aprenda a assoviar como seu avô* (Anexo 2)

No caso, o internauta “Guest” (*convidado*, em inglês), que recebe esse codinome por não se cadastrar ao *site*, vincula tematicamente seu comentário ao texto comentado ao dizer que não consegue praticar a ação estipulada. O texto comentado, que o precede, ensina aos internautas por meio de vídeos e imagens (conferir anexo 2) como assoviar, o que corrobora o diálogo temático. Além disso, “Guest”, no segundo tópico, mantém diálogo com a imagem do sujeito que aparece em vídeo e imagem do artigo: uma pessoa bem aparentada que ostenta um bigode. Luciano, por sua vez, responde “Guest” quando se refere ao seu terceiro tópico, mas faz pouco perante o tema principal do artigo, que diz respeito à prática do assovio. Alfredo, por sua vez, parece ser o que mais se distancia, uma vez que faz, na verdade, uma observação quanto ao aspecto humorístico do comentário de “Guest”.

Entretanto, mesmo em casos mais simples, podemos perceber a cumplicidade de tema estabelecida pelos sujeitos:

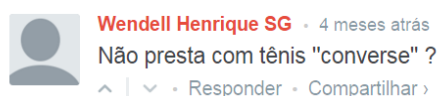


Figura 20 – Comentário de *Como engraxar e dar brilho aos seus sapatos, passo-a-passo* (Anexo 3)

No caso, o texto comentado trata de técnicas a respeito de engraxar sapato (Anexo 3), e o comentário, por sua vez, responde tematicamente a ele quando o internauta pergunta se as mesmas técnicas servem para tênis “converse”.

Essas responsabilidades a respeito do modo composicional e ao tema juntam-se às outras antes colocadas como atitudes singulares dos sujeitos. Veja-se que o diálogo com o vídeo e a imagem também demonstram um existir evento, em que se compreende o enunciado abarcado pelo contexto do *site* e o responde emoliticamente.

Essas evidências são algumas sobre as quais já refletimos em pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPESP, fazendo estudos também relativos a comentários nos *sites* www.lourencoelourival.com.br e www.naterradapadroeira.blogspot.com.br, e que nos é também importante aqui. Em relatório elaborado (ANDRADE, 2013), notamos ocorrências parecidas, mas não tão diversificadas. Lá, os comentários pareciam possuir um nível maior de padronização.

Em todo caso, essas ocorrências demonstram uma maneira de leitura, já que a exteriorização de um enunciado demanda a compreensão de outros. Além delas, podemos nos deter em outros pontos que também mostram certa atitude de leitura dos sujeitos.

Zabubo
10 meses atrás

Vou relatar como faço feijão:

- 1) Põe de molho na véspera.
- 2) Para cada porção de feijão, 3 de água.
- 3) Cozinhe o feijão depois do molho, em panela de pressão por uns 30 min (200g de feijão). Não coloque sal, nada, apenas feijão e água.
- 4) Em uma panela separada, enquanto o feijão cozinha prepare o tempero base:
 - 1 cebola média bem picada
 - Alho à vontade (eu uso uns 5 dentes)
 - Óleo de soja (até cobrir o fundo da panela)
 - Pimenta do reino

Coloque todos os ingredientes acima em uma panela e deixe refogar mexendo sempre até que a cebola fique transparente e o alho comece a dourar.

Neste momento o feijão já deve estar totalmente cozido. Elimine a pressão da panela, destampe e com o

[ver mais](#)

0 ^ v Responder

Figura 21 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Tomamos como leitura comentários em que os sujeitos complementam o texto, adicionam informações, pois é uma leitura possível: o sujeito não apenas emite um simples valor sobre o texto, mas contribui para com os outros internautas. Acima, Zabubo relata-nos sua receita e seu modo de fazer aos moldes mesmo de uma receita, indicando os ingredientes e o modo de preparo, o que se aproxima do texto comentado.

E como resposta ao comentário de Zabubo, há o de Tamiris:

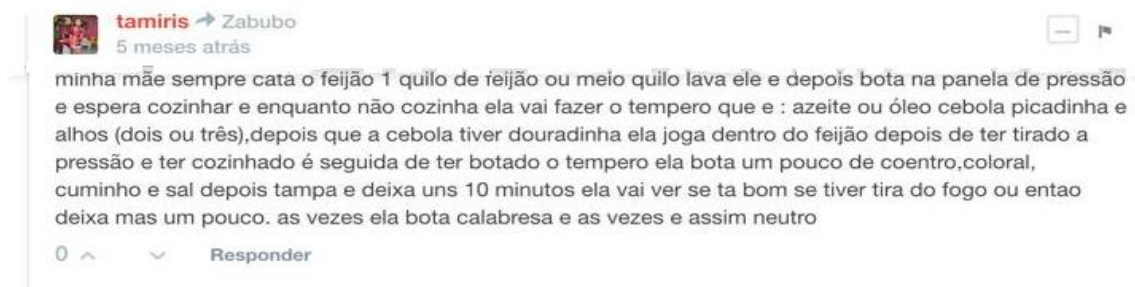


Figura 22 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Aqui, Tamires também complementa tanto o texto comentado como o comentário de Zabubo, pois também traz um modo de fazer, particular de sua mãe. Mas a questão é que, como resposta complementar a um comentário e por consequência ao texto de Alessandro, seu comentário sinaliza uma trajetória de leitura: quando ela responde em seus moldes traça-se uma leitura, um fazer, um diálogo com os outros enunciados. Percebe-se que ela ao menos leu as informações antecedentes para compor seu comentário.

Se responder ativamente é compreender um enunciado outro, a leitura apresenta-se, a cada momento, evidenciada pelos comentários. Mesmo para os comentários que se vinculam pouco tematicamente ao texto comentado, eles o fazem com outros enunciados, como também mencionado acima. Ainda assim, trata-se de uma leitura.

Outro aspecto que nos evidencia esse processo são os *likes*. Cada internauta tem a possibilidade de *gostar* ou *não gostar* de um comentário e essa sua atitude é evidência ao final do comentário por setas. Se ele opta pela seta cujo sentido é para cima, significa uma concordância; se opta pela seta cujo sentido é para baixo, significa discordância.

No caso do comentário de “Guest”, na figura 19, há 367 likes: evidência de uma cumplicidade dos demais internautas. Evidência, na verdade, de uma resposta ativa, indicador de leitura.

A partir de todas essas características, novamente podemos fazer algumas considerações relativas às reflexões sobre a escrita com que iniciamos este trabalho.

Como vimos, a escrita já foi sinônimo de civilidade, de instrumento de precisão e de poder, assim como o lugar daquilo que é correto. A partir desse viés, o prestígio vinculado a ela torna mais acessível o discurso daqueles que dominam a sua prática.

Entretanto, olhamos para os comentários, em seus aspectos de oralidade e fala, como uma brecha nesse sintagma. Claro que o que mais se destaca é a própria escrita, pois é a forma mais viável com que um sujeito discursa no ambiente digital, mas a oralidade que neles aparece também nos dá margem para pensarmos que aquele grupo social que antes não tinha

seu discurso circulando pela falta de prestígio de seu modo de escrever agora possui uma oportunidade.

Nesse sentido, encaramos os comentários como um lugar para os discursos à margem. Trata-se, pois, de concepções antes não aceitas, de uma escrita “estranha”, “bizarra” que agora repercute (mas não sem embate). Trata-se, pois, de certa visibilidade.

Trata-se também de uma nova prática, de uma prática diferente, ao menos, pois é necessário saber se adequar ao ambiente digital. Ao comentar no *site* www.papodehomem.com.br, por exemplo, há que se fazer de uma maneira mais informal, ou, quando formal, dosando-a. A oralidade, por exemplo, é quase uma via de regra. Mas trata-se de um modo de fazer, pelo que pudemos notar. Seria estranho, por exemplo, nos casos analisados, se se comentasse de maneira completamente formal, evidenciando um texto filosófico.

Essas características, como o uso de uma linguagem mais vinculada à internet (o internetês), a partir da utilização de rébus, de emoticons, de abreviação, do uso não convencional de pontuação, de acentuação, como o uso de fotos e vídeos para a composição do comentário, são características que já nos levam a pensar em um contínuo dialógico. Consideramos que, na relação entre os enunciados e os textos comentados, elas evidenciam particularidades comuns, embora singulares, e que dialogam discursivamente entre si. Não podemos deixar de considerar, com isso, a influência que o suporte computador provoca no dizer do sujeito, uma vez que essas características se vinculam, a nosso ver, ao letramento digital.

4.2. Suporte de textos e o comentário na internet

O computador permite que o sujeito se encontre em um lugar, em um contexto, que lhe é possível e que lhe demanda um dizer particular. No *site* PdH, por exemplo, as evidências antes mostradas são reflexos e refrações de um sujeito que enuncia em seu contexto mais imediato e que, para isso, se adequa a outros enunciados. Esse contexto mais imediato, que é o *site* PdH e que é também a virtualidade em que este se encontra, promove a possibilidade de o sujeito estar *online*, por exemplo, de ele utilizar *hiperlinks*, como as imagens e vídeos, de haver uma atemporalidade, entre outros aspectos que veremos a seguir e que influenciam no seu modo de dizer.

Os sujeitos estarem *online*, através do computador, lhes permite estabelecer maiores interações e atividades que antes talvez fossem menos corriqueiras e possíveis. Podem eles se utilizarem de ferramentas diferentes. É o que consideramos, grosso modo, quando nos deparamos com comentários, como das figuras 17 e 18, ou, então, da figura 23, a seguir, em que se apresentam imagens e vídeos:



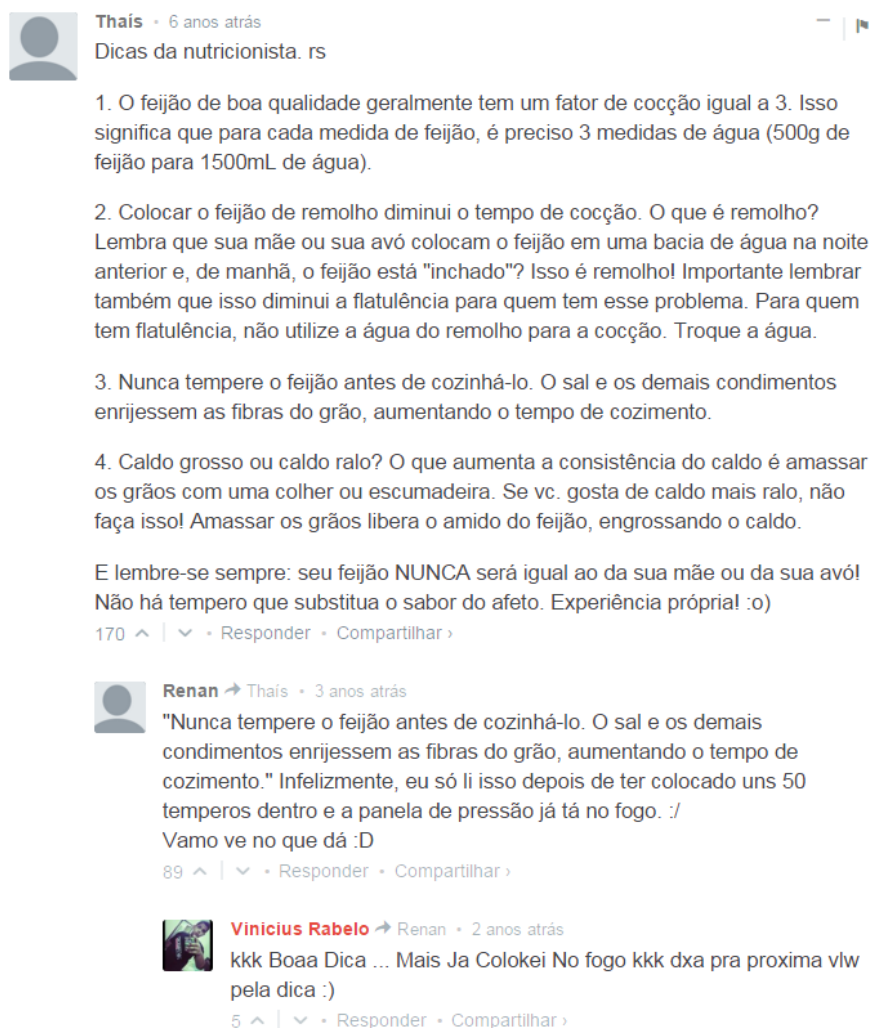
Figura 23 – Comentário de *Como engraxar e dar brilho a seus sapatos, passo-a-passo* (Anexo 2)

Vemos que o sujeito utiliza tal recurso como forma de interação, como forma de escrita. Interessante pensar que, considerando o comentário semelhante a um gênero primário, um gênero do cotidiano, ele é elaborado pelo sujeito de tal forma. Marcuschi (2001) traz já reflexões sobre uma continuidade entre a fala e a escrita em gêneros textuais que podemos aproveitar: existem textos que possuem, digamos assim, gradações de um aspecto e de outro, concomitantemente. Da mesma forma, nesses comentários, o sujeito utiliza-se de processos que não são possíveis de se utilizar na fala, fazendo deles até mesmo um gênero híbrido, um gênero que abarca outras características. O fato de o internauta poder estar *online* contribui para esse processo.

O *hiperlink*, como visto, é praticamente um direcionamento: a partir dele o sujeito acessa outros lugares, outras informações, que são depositados na rede, na *World Wide Web*. Uma vez *online*, é possível acessá-los. E estando *online*, é possível manter uma relação síncrona com outras pessoas, com outros enunciados.

No caso das figuras citadas, o sujeito poder dizer, a partir de vídeo ou imagem, é uma possibilidade mais acessível, lhe garante maior repercussão e lhe é mais viável por estar na rede. Comentar através de um vídeo nos parece algo notável.

Além disso, ter as informações guardadas em rede contribui para uma relação diferente entre os sujeitos e os enunciados. Quando acessamos o *site* PdH, temos acesso a qualquer texto que já foi postado, assim como a qualquer comentário, sejam eles de 3 ou 4 anos atrás. E, quando o fazemos, estabelecemos uma relação próxima a uma relação atual, vivida naquele momento. A temporalidade torna-se pequena nesses ambientes: o tempo não é tão relevante.



Thais · 6 anos atrás
Dicas da nutricionista. rs

1. O feijão de boa qualidade geralmente tem um fator de cocção igual a 3. Isso significa que para cada medida de feijão, é preciso 3 medidas de água (500g de feijão para 1500mL de água).
2. Colocar o feijão de molho diminui o tempo de cocção. O que é molho? Lembra que sua mãe ou sua avó colocam o feijão em uma bacia de água na noite anterior e, de manhã, o feijão está "inchado"? Isso é molho! Importante lembrar também que isso diminui a flatulência para quem tem esse problema. Para quem tem flatulência, não utilize a água do molho para a cocção. Troque a água.
3. Nunca tempere o feijão antes de cozinhá-lo. O sal e os demais condimentos enrijessem as fibras do grão, aumentando o tempo de cozimento.
4. Caldo grosso ou caldo ralo? O que aumenta a consistência do caldo é amassar os grãos com uma colher ou escumadeira. Se vc. gosta de caldo mais ralo, não faça isso! Amassar os grãos libera o amido do feijão, engrossando o caldo.

E lembre-se sempre: seu feijão NUNCA será igual ao da sua mãe ou da sua avó! Não há tempero que substitua o sabor do afeto. Experiência própria! :o)

170 ^ | v · Responder · Compartilhar >

Renan → Thais · 3 anos atrás

"Nunca tempere o feijão antes de cozinhá-lo. O sal e os demais condimentos enrijessem as fibras do grão, aumentando o tempo de cozimento." Infelizmente, eu só li isso depois de ter colocado uns 50 temperos dentro e a panela de pressão já tá no fogo. :/ Vamo ve no que dá :D

89 ^ | v · Responder · Compartilhar >

Vinicius Rabelo → Renan · 2 anos atrás

kkk Boa Dica ... Mais Ja Colokei No fogo kkk dxa pra proxima vlv pela dica :)

5 ^ | v · Responder · Compartilhar >

Figura 24 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Veja-se, na figura 24, que Thais escreveu seu comentário há 6 anos; Renan, que a responde, há 3; e, Vinicius, que responde Renan, há 2. Quando os dois últimos respondem, há um sentido atual, eles não demonstram preocupação com o tempo. “Vamo ve no que dá :D” e “ dxa pra próxima vlv pela dica” sinalizam uma certa intimidade com o outro e também soam como uma resposta de conversação. Esse aspecto aproxima-se de uma situação imediata, diminuindo o tempo entre um comentário e outro e entre a interação entre um sujeito e outro. Os internautas estabelecem uma relação síncrona.

Além disso, temos a partir do estado *online*, a abrangência. Imaginemos quantos sujeitos têm acesso a esses comentários. Na figura acima, por exemplo, o comentário de Thais

recebeu 170 likes. Ou seja, pessoas de vários lugares acessaram o *site* e leram-na. O mesmo com o comentário de Renan: 68 likes. E, em menor escala, com o de Vinícius: 5.

A questão é que a quantidade maior de leitores que leu seus comentários o fez por estar na rede, o que lhe propicia maior visibilidade. É certo que um enunciado qualquer pode ser visto independente do lugar e da hora por determinadas pessoas, mas quando na *internet* consideramos haver a potencialização, já aludida: há agora uma facilidade maior de se aparecer, de se mostrar perante o outro.

Assim, o suporte tem sua importância à medida que pensamos naquilo que ele propicia ao sujeito. Agora, é possível uma nova *performance*, é possível agir de maneira diferente, e isso emite valores. A começar apenas pelo fato de poder o internauta comentar ou visualizar um texto a partir de um outro lugar, seja em casa, no trabalho, e ter uma visibilidade não apenas local, ou seja, de seu enunciado repercutir “geograficamente” e “temporalmente”, consideramos uma *performance* outra. E quando, a partir disso, o seu modo de dizer se modifica (considerando o modo de dizer fora desse suporte), há de ser notável: é possível o internauta comentar sem antes seu texto passar pelo crivo de um corretor, de um editor; é possível ele recortar pedaços de um texto e modificá-lo; é possível adicionar informações.

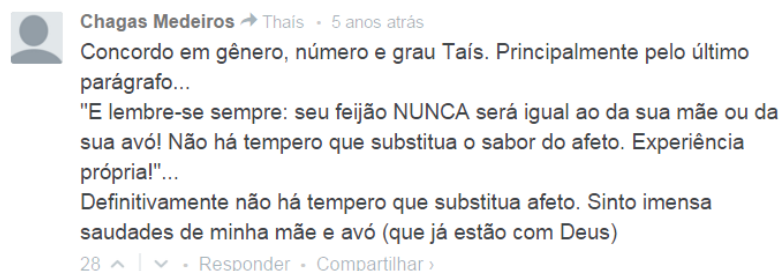


Figura 25 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Na figura 25, de forma mais explícita, temos esse “recorte” de um texto aderido ao texto de outro internauta. Chagas Medeiros copia o texto de Thais, praticamente citando-o e complementa com sua opinião. Os próprios comentários soam como uma adição ao texto comentado.

Relembremos Chartier (2002), aqui, ao depararmos-nos com esse sujeito perante seu enunciado maleável que pode ser recortado, colado, copiado; perante seu enunciado aberto em que o sujeito pode intervir em seu conteúdo. Para Chartier, o texto eletrônico permite essas ações ao sujeito, o que reflete um agir do sujeito que lhe confere singularidade. Com essa singularidade, o sujeito se mostra autoral e condicionado a uma autoria: lhe é possível uma autonomia em seu enunciado; lhe é possível tomar espaço dentro do contexto do *site* PdH de maneira mais livre, sem o antes passar pelo crivo de algum editor.

Levemos em consideração que essas ações se situam dentro de um contexto histórico, cultural e social. Ou, mesmo antes, representam esses contextos; delimitam-no. Afinal, trata-se de um sujeito com outras tecnologias: seu tempo agora é diferente de quando a comunicação se restringia de maneira mais singular, menos híbrida, como na época em que a televisão foi o auge, ou o rádio. (Sim, consideremos que a televisão teve sua inovação, assim como o rádio, e que também havia a mescla, mas, comparativamente, em menor escala.) Pelos comentários acima, temos um sujeito que é capaz de mesclar, que tem a oportunidade de agir; não precisa ser apenas mais um telespectador, por exemplo.

Consequentemente, isso define o comentário, em particular. A maneira como o sujeito promove sua enunciação produz sentido e, ao mesmo tempo, se produz sentido para ela. Trata-se de um sujeito que não precisa mais se deslocar; que não precisa mais deitar-se sobre o pergaminho para lê-lo; que não precisa mais de um editor, de um corretor para publicar seu texto. Não se trata mais de um escritor a tinta e papel que, caso cometa algum erro, perde outra parte de seu trabalho.

Tem-se, agora, uma agilidade maior: é possível consertar, caso se queira, instantaneamente, uma ortografia equivocada; o acesso a informações é disponibilizado na rede, como em revistas eletrônicas das próprias universidades; lê-se a partir do simples rolar da barra ao lado através do *mouse*; a publicação do texto se dá em segundos.

Se voltarmos ainda à questão dos componentes do suporte e quais as suas simbologias, suas representações, ainda poderemos avançar um pouco.

Se antes o ouro era destinado a situações importantes, relacionadas a questões religiosas, e destinadas a pessoas importantes, assim como o metal e a pedra eram praticamente uma moeda de troca, a julgar pela sua “popularidade”, podemos hoje também fazer correlações com o computador.

Se pensarmos que o computador é uma porta de acesso para muitas pessoas, pois permite-lhes adentrar lugares inacessíveis, tenhamos noção também que o seu acesso também pode ser restrito. Camadas mais baixas da sociedade nem mesmo conhecem esse aparato e, dessa forma, continuarão sem voz no mundo digital.

Mesmo que ele permita, através do comentário, os discursos à margem tornarem-se evidentes, não se trata, na verdade, de evidenciar pessoas que estão à margem. O dizer apresenta-se como um ato de poder. Enuncia quem também tem prestígio, quem tem, pelo menos, a possibilidade de fazê-lo. Quem diz, por exemplo, não é o menino de rua que se sustenta com o trabalho no semáforo, mas uma pessoa que detém um poder aquisitivo mais elevado, que se engaja no contexto midiático. Enuncia quem possui um letramento digital.

Percebamos que existe um fazer enunciativo da internet e que o sujeito precisa se adequar de modo a agir conforme a situação mais imediata que é o mundo virtual. Olhamos há pouco para características estilísticas, composicionais, temáticas, características sobre oralidade e letramento que se vinculam ao fazer do sujeito que se encontra perante um suporte que lhe permite maleabilidade, que lhe permite ser atemporal, assíncrono. Essas características refletem um sujeito letrado digitalmente. Quando pensamos em sujeitos que estão à margem e enunciam-na rede, consideramos sujeitos que não fazem parte do corpo editorial do *site* PdH, por exemplo, e que agora, através do comentário, podem evidenciar sua opinião de maneira mais direta.

Pensamos, então, as ações dos sujeitos enunciativos na internet dentro da perspectiva de prática social como letramento, como engajamento ao tempo e espaço determinados. Mais uma vez, destacamos que não entendemos o sujeito como um todo poderoso, mas antes como alguém que tem uma singularidade através de seu ato, de sua responsabilidade. A partir disso é que queremos olhar para as possíveis continuidades entre os enunciados.

Continuidade que é também proveniente por mais essas questões há pouco colocadas. O fato de o sujeito poder estar *online* e poder atravessar lugares a partir dos *hiperlinks* e os conciliar com os enunciados de outro sujeito; de poder repercutir seu enunciado a uma gama maior de outros sujeitos e fazer com que os dizeres se abranjam; de poder estabelecer uma relação assíncrona e permitir que os enunciados sejam tomados, na hora da leitura, em um momento sempre presente; de poder, de um lugar qualquer da realidade, enunciar na virtualidade e permitir que o espaço não seja uma barreira para o acesso ao enunciados; e, de poder dizer com certa liberdade de expressão, pensando nas considerações de Chartier (2002), nos permite considerar uma continuidade dos enunciados, pois são, essas, características que ajudam a diminuir suas fronteiras.

4.3. O contínuo dialógico entre comentários e textos comentados

Quando olhamos para o comentário, não enxergamos nele uma estabilidade aparente. Mesmo que tenhamos trazido até aqui características comuns presente nele, o tomamos como instável à medida que em alguns casos, como será colocado à frente, sua configuração se dá de maneira diversa. Nesse sentido, entendemos o comentário no *site* PdH como um turno de dizer do sujeito e não exatamente como um gênero discursivo. Ele é como um espaço a ser

preenchido por algum enunciado, o qual, nesse momento, evidencia um gênero. Mas o comentário em si se apresenta como turno para que se dê prolongamento ao tutorial, ao texto comentado, tomando a relação entre os dois como um contínuo dialógico.

O contínuo dialógico – que se trata da enunciação que estabelece diálogo com outra enunciação, não apenas no discurso, mas também no estilo, no tema, no modo composicional –, estabelecido entre o texto e seus comentários, começa a tomar forma a partir da similaridade entre características que destacamos, tanto em relação ao modo como os sujeitos escrevem na internet quanto em relação ao que o suporte lhes permite. Essas duas relações são inseparáveis, a nosso ver: o sujeito produz um enunciado que tem função social nesse contexto, no *site* PdH. Ele enuncia na intenção de responder ao outro e para isso se utiliza das ferramentas que lhe são concedidas.

A partir disso, podemos pensar em um contínuo proveniente das formas de acabamento dadas pelos autores dos tutorias e pelos próprios internautas que comentam.

Pensemos, assim, no autor que se coloca à parte, de fora, para, através de seu leitor, dar acabamento à obra, para criar aquilo que este vê, aquilo a que este responderia. Pensemos, pois, em internautas que possuem dificuldade ao cozinhar e que buscam facilidades através da internet. Um enunciado que responde a essas dificuldades, antes de mais nada, reflete essa visão do outro, essa visão de fora, pois o autor não o produz senão para o outro.

É o caso do recorte do tutorial sobre *Como fazer feijão, passo a passo* abaixo (ver texto integral em anexo I):



3. Tampe e ligue em fogo alto. A partir do momento que a danada começar a fazer o famoso: chiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!, conte 30 minutos e desligue o fogo. Aguarde um tempo para a pressão sair. Não vai abrir logo a panela porque vai dar m...

4. Na hora em que abrir a panela, pegue um grão e tente amassar. Se conseguir com facilidade, está cozido. Se não, volte para cozinhar mais um pouco.

Figura 26 – *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Em “A partir do momento que a danada começar a fazer o famoso: chiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!, conte 30 minutos e desligue o fogo.”, podemos ver um autor que vê através da dificuldade de uma pessoa que, cozinhando feijão, não sabe ou tem dificuldade quanto ao tempo, quanto às

etapas do processo. O autor coloca-se fora de seu campo de atividade, de sua consciência, e olha através dos olhos de outro.

Ao fazê-lo, estabelece um diálogo; ele responde ao outro, responde a uma expectativa. Responde, ainda, a um terceiro interlocutor, a um terceiro sujeito que, assim como ele, está extralocalizado, mas que talvez não seja o interlocutor direto de sua obra, de seu enunciado. Mas ainda assim um sujeito que se depara com o enunciado e também responde a ele, que também lhe dá um acabamento.

Pressupondo esses interlocutores, o autor assume um estilo: uma linguagem mais informal, com certo decoro, que apresenta algo de oralidade. Percebemos tais características ao alongar a vogal de “chi”, para, através de uma onomatopeia, retratar a situação real. Ainda, em “Não vai abrir logo a panela porque vai dar m...”, percebe-se que não lhe é permitido falar palavrão, ou palavras ofensivas. Percebemos que essas marcas evidenciam uma preocupação com o outro: é preciso dizer de uma forma com a qual o leitor se identifique; diz-se de maneira pela qual será aceito pelo outro.

Temos aí interlocutores dando certo acabamento ao enunciado, em forma de resposta, possível na memória do futuro, determinando uma singularidade, um estilo ao autor. Uma singularidade dialógica. A imagem dos sujeitos outros que constituem o autor são incertas, são suposições, são instáveis, e isso faz que este refrate valores. Sua atitude, seu ato ético, é sempre uma ressignificação: constituído por outrem, mas sob seus já formados valores.

Em outra perspectiva, o acabamento é evidenciado pela resposta do outro quando lhe é permitido enunciar. Quando um enunciado permite a outro se realizar, o primeiro foi temporariamente acabado: a compreensão é esse sinalizador. Se se compreende, emite-se um acabamento, o qual lhe permite a atividade responsiva ativa.

Os comentários evidenciam esse acabamento, pois mostram a compreensão, a internalização, do leitor. Quando este comenta, é porque se fez seu turno no diálogo; deu ele acabamento ao discurso do outro e, agora, tem o momento de resposta.

Vejamos o seguinte comentário em relação ao recorte da figura 27.



Helga Maria · 6 anos atrás

Poizê, dicas adicionais (ou só reforçar algumas já faladas):

1) Cozinhar feijão gasta tempo e gás, então cozinha (sem tempero nenhum) tudo de uma vez e separa em potinhos pro freezer;

2) No passo 3. da receita acima tampe a panela e deixa o feijão em fogo alto ATÉ FAZER O CHIIIIIIII (ou seja: "pegar pressão"), aí ABAIXA O FOGO e mantém aí por uma meia hora. Na hora de checar bota debaixo de água corrente, sobe a tampinha e deixa a pressão sair, Aí abre a tampa. Checa o feijão, se estiver MUITO duro volta pra pressão, senão vai fazendo com a tampa aberta mesmo. E ATENÇÃO: Vai mexendo com a panela pra fazer os grãos de cima irem pra baixo porque os debaixo já cozinham;

3) A Thaís (#10) está certíssima em tudo; :)

4) O feijão da foto (que fica marrom SÓ DEPOIS) é o carioca;

5) Realmente falou alho nessa receita hehehehe. :)

2 ^ | v · Responder · Compartilhar

Figura 27 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

Quando Helga Maria enuncia esse comentário, o entendemos como uma fronteira, como um ponto de acabamento, pois temos, inclusive, outro autor e outro enunciado, em relação ao tutorial.

Mas esse acabamento, essas fronteiras, ao mesmo tempo estabelecem um contínuo. Mesmo que o turno de resposta de cada sujeito seja um delimitador, o estilo, modo composicional, o próprio diálogo dos enunciados, a noção de autor, inebriam os limites.

Já de início, o internauta diz em seu comentário “adicionar” dicas. Adicionar a alguma coisa precedente, ou seja, ao artigo sobre como fazer feijão ou a outros comentários que também trazem informações sobre. De imediato, estabelece um diálogo, um contínuo. Depois, ainda, na dica 2 do comentário, a internauta retoma o passo número 3 da receita e até retoma a onomatopeia “Chi”. Adiante, na “dica” 3, a internauta retoma a veracidade de Thais, que pressupostamente também comentou o artigo. Em 4 ela retoma a foto utilizada pelo autor do texto comentado e em 5 retoma outros comentários, os quais advertem o autor sobre a falta de alho na receita.

Quanto ao estilo de Helga, também percebemos certa oralidade, certa informalidade. Esta, por exemplo, aparece em “Na hora de checar bota debaixo da água corrente”, por meio de *checar* e *botar*, ou mesmo pelo conectivo *aí* em “Aí abre a tampa”. Quanto à oralidade, percebemo-la nas palavras destacadas por letras maiúsculas, utilizadas para chamar atenção, equivalendo-se a um tom mais forte utilizado na fala.

Além disso, na dica 2, ela adota o mesmo tom injuntivo da receita: “Tampe a panela”, “deixa em fogo”, “abaixa o fogo”, etc. Mesmo processo utilizado no texto comentado.

Quanto ao tema, as figuras 26 e 27 retratam o mesmo (como fazer feijão), mas cada uma a sua maneira. A divergência que há entre eles em relação à significação, ao sentido decodificado, reforça o paralelo. Considerando que um internauta que comenta é um leitor em busca de informação, a receita serve-lhe de conteúdo para sua resposta. Ambos tratam do mesmo assunto, embora reconfigurados: enquanto um responde, antes, à necessidade de como fazer feijão, o outro, tratando sobre o mesmo, procura, antes, responder a dúvidas complementares, como qual o tipo de feijão utilizado na foto, ou como se Thais está certa.

A partir da figura 28 e 23 (que recolocamos abaixo) também podemos estabelecer paralelos:



Link Youtube

De qualquer forma, resumi aqui o passo-a-passo, para facilitar a compreensão

Figura 28 – *Como engraxar e dar brilho a seus sapatos, passo-a-passo* (Anexo 3)



Figura 23 – Comentário de *Como engraxar e dar brilho a seus sapatos, passo-a-passo* (Anexo3)

O recorte do tutorial sobre *Como engraxar e dar brilho aos seus sapatos, passo-a-passo* representado na figura 28, no caso, evidencia um modo de dizer através de vídeo, assim como o comentário da figura 23. Ambos tratam sobre como engraxar sapatos. Temos novamente um estilo similar, um tema e um modo composicional: consideramos um contínuo, pois esses enunciados se comportam de maneira similar dialogicamente.

O sujeito que comenta a partir do vídeo dá acabamento ao texto comentado através de sua resposta análoga, aproximada. Se antes o autor imagina um leitor que terá uma melhor compreensão do enunciado utilizando-se de um vídeo, e para isso coloca-se na posição do outro, aqui temos essa confirmação: o comentarista não apenas compreendeu e corroborou o acabamento do colunista devido a uma suposta compreensão do enunciado ao comentar, mas, antes, por utilizar-se também de um vídeo ao fazê-lo.

Mas além dessas fronteiras minimizadas e de haver semelhanças nos fazeres, o comentário e o texto comentado, quando tomados separadamente, evidenciam limites que apagam a continuidade entre eles, no sentido de tomá-los como um amálgama. Mesmo que os tomemos sempre na relação dialógica e que saibamos cada um dos enunciados faz parte de uma gama maior de enunciados, como podemos ver nas próprias páginas do *site* PdH, pois o enunciado é concreto, devemos também olhar para eles de forma particularizada, uma vez que cada enunciado possui um autor e uma singularidade.

Ao fazermos esse exercício, destacamos, então, além de comentários que possuem certa continuidade, comentários de outras naturezas. Nesse sentido, categorizamos quatro tipos: 1) comentários em que o sujeito elogia/critica o autor ou em que ele se volta para o

autor de maneira mais particular; 2) comentários em que o sujeito não se dirige a um interlocutor definido; 3) comentário em que o sujeito estabelece continuidade dialógica, de acordo com o aqui estabelecido; e 4) comentário em que o sujeito responde a outro comentário.

Respectivamente, denominamos esses comentários: comentários de elogio/crítica; comentários sem interlocutor definido; comentários de continuidade dialógica; comentário de comentário.

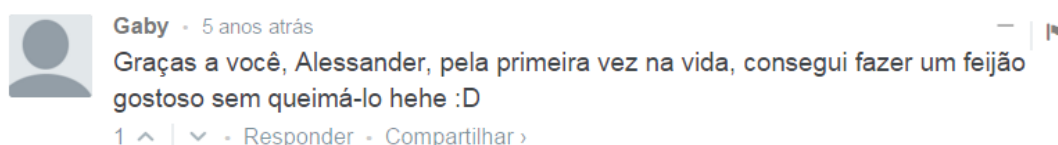


Figura 29 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo 1)

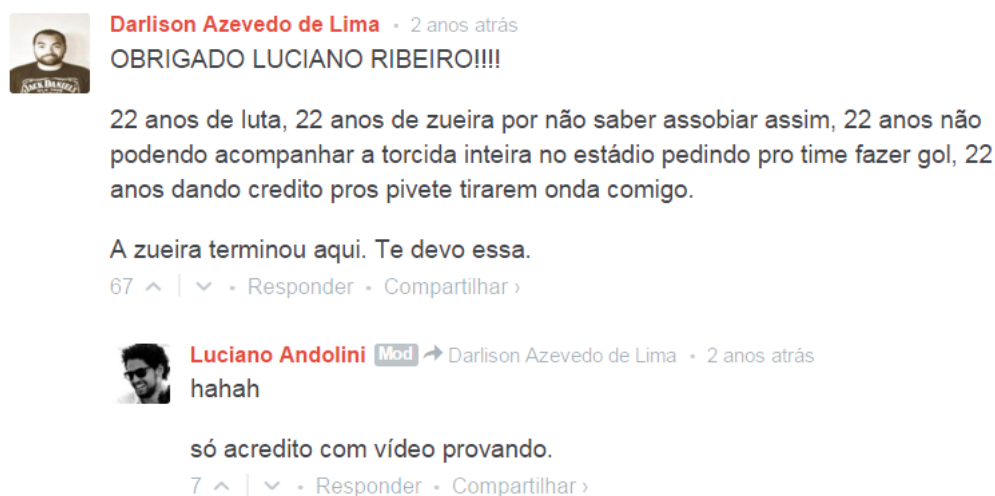


Figura 30 – Comentário de *Aprenda a assobiar como seu avô* (Anexo 2)

Quanto aos comentários de elogio/crítica, consideramos como tal aqueles que se o sujeito se volta para o autor do texto de alguma forma, agradecendo-o, elogiando-o, mencionando-o, repreendendo-o, julgando-o, criticando-o, etc, mas que se dirige a ele de alguma forma mais direta e particular. No caso das duas figuras acima, temos Gaby voltando-se a Alessandro de maneira agradecida pelo sucesso do preparo da comida. Darlison, por sua vez, agradece Luciano também por ter tido sucesso ao tentar assobiar.

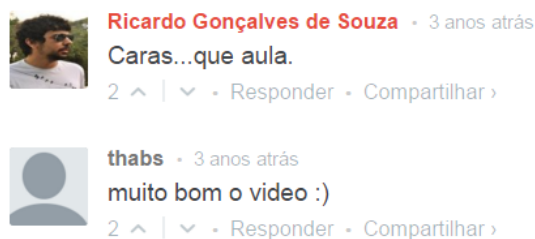


Figura 31 – Comentário de *Receitas de Hamburger do MEATS: como fazer o hambúrguer mais matador de todos* (Anexo 5)

Na figura 26, temos dois exemplos de comentários sem um interlocutor indefinido, em que os internautas fazem um apontamento, mas não se destina a um interlocutor específico. Entendemos que há, sim, um interlocutor, mas ele não está marcado. Todo enunciado se destina a alguém, é uma resposta a outro sujeito, mas é ele um sujeito dialógico, em potencial. Pelas características enunciativas, poderíamos supor esse sujeito, mas não um sujeito em particular, como Luciano Andolini, autor do tutorial *Aprenda a assoviar como seu avô*, ao qual esses dois comentários respondem. Nesse sentido, entendemo-los como comentários em que o internauta não estabelece um interlocutor definido.

Os comentários de continuidade, que são os com que já viemos trabalhando, possuem uma similaridade com o texto comentado.

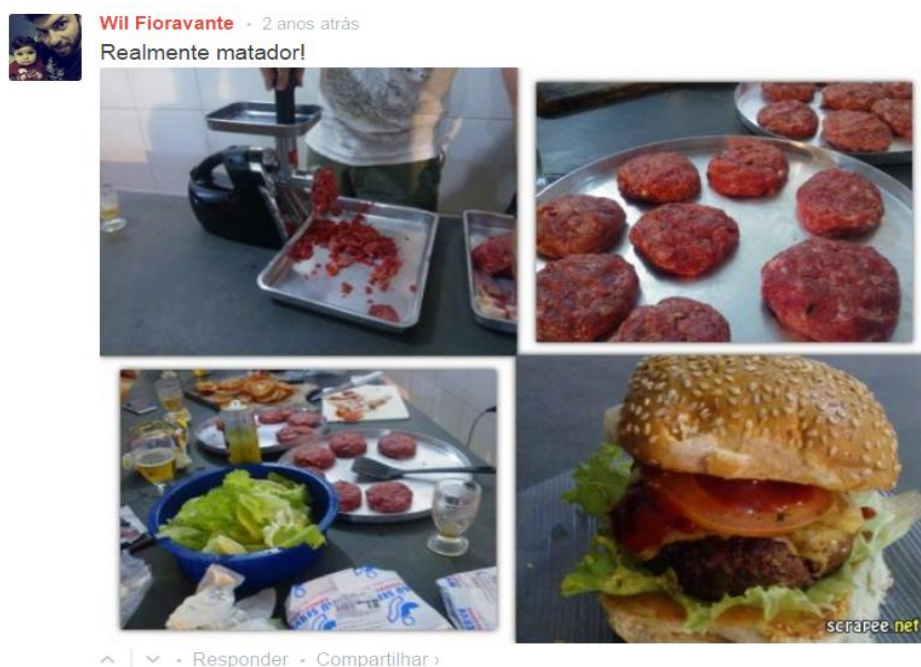


Figura 32 – Comentário de *Receitas de Hamburger do MEATS: como fazer o hambúrguer mais matador de todos* (Anexo 5)

Neste, da figura 32, temos um fazer parecido com o tutorial *Receitas de Hamburger do MEATS*: o sujeito se utiliza de vídeo ou fotos e, além disso, adiciona

informação. Will Fioravante, ao utilizar-se de fotos, demonstra o processo pelo qual produziu seu hambúrguer, trazendo quase que uma demonstração também de como fazer. Nesse sentido, ele se aproxima do texto pelo modo de dizer, pelo estilo, e pelo tema.

Por fim, aproveitamo-nos da resposta de Luciano a Darlison (figura 33) para contemplarmos o comentário de comentário, que se trata justamente de comentário que tem por objetivo responder diretamente a outro internauta, e não ao próprio artigo. Luciano, por exemplo, responde diretamente a Darlison, ao mencioná-lo agradecendo-o. Percebemos que, inclusive, esse tipo de comentário vem deslocado para a direita, como marca de resposta a um interlocutor. Se por ventura houvesse mais uma resposta e ela se restringisse a esse último comentário de Luciano, o comentário viria mais uma vez deslocado, como o exemplo a seguir:

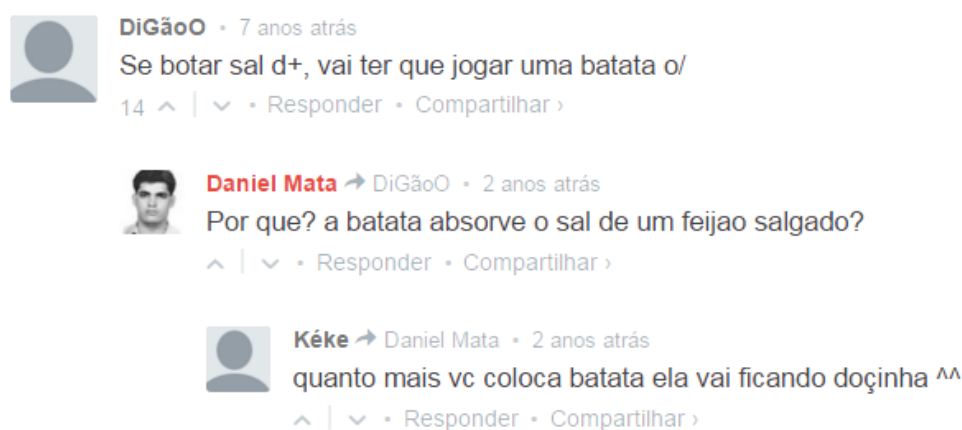


Figura 33 – Comentário de *Como fazer feijão, passo-a-passo* (Anexo1)

A resposta de Digãoo é uma resposta ao tutorial sobre como fazer feijão e por isso mantém a posição normal alinhada à esquerda o máximo possível. Daniel Mata, ao responder Digãoo, e por não fazer um comentário direto ao texto comentado, possui seu comentário deslocado à direita, sinalizando uma resposta a outro comentário. Além desse deslocamento, o próprio comentário sinaliza essa ação através da seta entre o nome dos internautas: o nome que está à esquerda diz respeito a quem responde e o que está à direita, a quem é respondido. No caso de Keké, ao responder Daniel Mata, seu comentário é novamente deslocado para evidenciar que ele se relaciona ao comentário de Daniel. Caso seu comentário fosse uma resposta a Digãoo, manteria o mesmo posicionamento que o de Daniel apresenta.

O comentário de comentário, na verdade, não se trata de uma tipologia, mas de uma funcionalidade. Sua função é a relação que ele mantém com outro comentário de maneira

mais direta e que é marcada pelo deslocamento das respostas. Nele, não há restrição em ser um comentário de continuidade, de elogio/crítica ou de sem interlocutor definido; há abertura para a desenvoltura de qual for. Como dito, trata-se de um aspecto funcional, que é comentar outro comentário de modo marcado.

Essa categorização dos comentários tem uma intenção didática, inclusive por trazermos exemplos prototípicos. Entretanto, ao mesmo tempo em que o sujeito enuncia um comentário de continuidade, pode apresentar-se também como um comentário de comentário, por exemplo.

Em todo caso, essa análise mais particularizada nos é interessante porque, quando a projetamos para a página em que os comentários e o texto comentado se encontram e os entendemos como um enunciado em sua concretude, ela nos leva a considerar cada vez mais a continuidade entre os enunciados.

Isso porque, agora, queremos considerar que a relação entre os sujeitos que comentam e que escrevem os textos comentados – os tutoriais, no caso – trata-se basicamente de uma situação de conversação. É como se os internautas no site PdH estivessem conversando entre si e construindo um diálogo.

A partir de algumas ideias da Análise da Conversação (Marcuschi, 1986; Dionísio, 2009), podemos fazer aproximações com o que encontramos no site.

Para a Análise da Conversação, características básicas constitutivas da conversação é a interação entre, pelo menos, dois falantes; a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução numa identidade temporal; envolvimento em uma interação centrada (Marcuschi, 2009). A regra geral básica, por sua vez, é: “fala um de cada vez” (Marcuschi, 2009, p. 19)

Vejamos que no site PdH, na página de um tutorial, há a interação entre o autor do texto comentado e os internautas. Nem sempre essa interação é prolongada, no sentido de eles manterem uma situação de pergunta e resposta, ou resposta e resposta. Por vezes, o autor do tutorial, em seu turno, produz apenas o artigo comentado, como mote de discussão, e o internauta comenta de maneira simples e única de modo a não dar prolongamento à conversa. Mas, pelo simples fato de haver pelo menos um enunciado de cada um, já consideramos uma interação entre sujeitos.

A troca de falantes é necessária para que não se restrinja a um sujeito apenas o dizer e, assim, tenhamos, na verdade, um monólogo. Pela troca, estabelece-se o diálogo, a conversa, pois dois sujeitos, ou mais, interagem. No site, o mesmo ocorre: temos o autor do texto

comentado e os internautas que o respondem impossibilitando tomarmos os enunciados como um monólogo. É mais do que evidente a troca de sujeitos perante os turnos de conversa.

A presença de uma sequência de ações coordenadas trata-se justamente dessa alternância entre os sujeitos. Cada um, ao dizer, estabelece um turno. É preciso que o sujeito espere o outro terminar o seu dizer para, então, dar sequência à conversa, coordenando a enunciação. Em uma conversa fora da virtualidade, podemos pensar em sobreposições de fala, em que dois falantes falam ao mesmo tempo; no mundo virtual, isso não acontece: como cada sujeito produz seu enunciado de um local e um momento particular, inicialmente afastado de qualquer outro enunciado, seu dizer nunca será concomitante a outro. Ao menos se pensarmos no processo de leitura. Pode ser que dois sujeitos produzam ao mesmo instante cada um um enunciado, mas quando publicados e lidos, há uma linearidade e uma sequência coordenada.

A execução numa identidade temporal é interessante, pois, na página do texto comentado e dos comentários, a relação entre os sujeitos é assíncrona. Não é preciso, como em uma situação fora da virtualidade, estar situado no mesmo momento para que haja a conversa. Essa necessidade se dá uma vez que os enunciados dentro da fala não são “gravados”; eles se desfazem quase que ao mesmo tempo em que são verbalizados. No site, por se tratar de escrita, o dizer permanece: é um lugar em que o agir do sujeito é gravado e o qual se tem acesso a qualquer momento. Assim, a identidade temporal é um sempre agora.

O envolvimento em uma interação centrada trata-se da interação entre sujeitos a partir de um tema comum. Conversa-se, pois, sobre algo. Entretanto, em cada turno, nem sempre o sujeito corresponde ao tema central da conversa, havendo fugas. Hora ou outra, o sujeito enuncia uma informação à parte, faz algum adendo, traz uma colocação adjacente ao tema, etc. Mas, mesmo assim, quando tomada a conversa tomada em sua plenitude, trata-se de um bloco conversacional, apenas, de uma situação única. O mesmo acontece com os comentários a partir das quatro categorias que estipulamos anteriormente. Prototipicamente, o sujeito se mantém centrado ao tema quando enuncia um comentário de continuidade; quando enunciado outros, como o comentário resposta, como o comentário de elogio e que a compatibilidade temática é distante, o processo é análogo. É como se fossem digressões. Entretanto, dentro da concretude do enunciado, todos juntos formam uma única cadeia, uma única conversa. O que corrobora ainda mais a continuidade entre os enunciados.

Por fim, o aspecto geral a que se vincula a conversação e que também é análogo ao que encontramos no site PdH é a situação de que cada sujeito enuncia um por vez, estabelecendo turnos de fala. Isso é interessante porque, quando pensamos em turnos, não se estabelece um modo de dizer estabilizado. Em um turno, o sujeito pode enunciar uma poesia,

uma receita, uma crônica, uma piada, ou algum outro gênero discursivo. Aqui, no nosso caso, por exemplo, a figura 8 mostra Thais utilizando-se de um gênero discursivo que tomamos como dica, em que ela dá informações adicionais que previnem o leitor. No caso da figura 15, Zabubo utiliza-se do gênero receita para enunciar seu comentário. Na figura 27, Will Fioravante utiliza-se de uma sequência de imagens para demonstrar o seu processo culinário, o que consideramos como gênero tutorial.

Essas características dos comentários e do texto comentado permitem-nos fazer o paralelo com uma situação de conversação, o que corrobora a nossa ideia de contínuo. Dentro da concretude dos enunciados, eles são tomados como um amálgama em que no processo de leitura de um sujeito é possível estabelecer uma continuidade dialógica.

Não apenas isso, mas também a reflexão sobre as noções de acabamento, de fronteiras, de composição dos enunciados é o que nos permite perseverar e dar fundamentação a essa ideia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, anteriormente, podemos agora responder aos nossos objetivos inicialmente propostos. Nossa conclusão partirá de suas respostas para que possamos dar fechamento a esse trabalho que foi colocado em progresso desde o início.

Recolocamos a seguir os objetivos para que se possa ter um melhor acompanhamento:

- O objetivo principal dessa pesquisa é refletir sobre a possibilidade de um contínuo entre os enunciados postados no PdH nas práticas de escrita e leitura dos internautas. Assim, refletiremos sobre as seguintes questões: a) é possível argumentar que há um contínuo entre os enunciados de forma que as fronteiras entre eles sejam minimizadas?; b) o que se pode inferir sobre as práticas de escrita e leitura a partir da relação dos enunciados?; c) qual a influência do suporte material na relação entre os enunciados e nas práticas de leitura e escrita?; d) o que se pode dizer sobre o gênero discursivo comentário e sua configuração?

Nesse sentido, começamos por aquilo que nos propomos dizer sobre o gênero discursivo comentário e sua configuração.

Raras as vezes que consideramos e tratamos o comentário como um gênero discursivo, pois já o tomávamos como um turno do dizer, na verdade, e não como um gênero propriamente dito. Utilizamos noções sobre gêneros do discurso, segundo ideias do círculo de Bakhtin, para podermos, a partir delas, refletirmos sobre sua configuração, mas percebemos que, no *site* PdH, a sua configuração não se estabelece como gênero e sim como um turno de fala. Inclusive trazemos pontos referentes à Análise da Conversação que nos foi útil a essa ideia.

Quando olhamos para ele como um turno, levamos em consideração a sua função social. O comentário no *site*, dentro de sua realidade, dentro de seu acontecimento, tem como propósito responder a um enunciado, mas ele não possui uma estabilidade que o defina como gênero. Ele aparece como um espaço a ser preenchido pelo internauta e, dentro desse espaço, o que há são diferentes tipos de enunciados, cada qual podendo apresentar um gênero discursivo diferente.

A influência que o suporte material promove a isso é a abertura de novas possibilidades de dizer. O sujeito possui, agora, maior liberdade na sua enunciação e faz com

que a instabilidade de seu enunciado se defina, nos comentários, a cada momento como um enunciado diferente.

Um enunciado diferente que reflete as condições do sujeito. O internauta agora pode estar *online* e com isso ter acesso a um mundo mais amplo de atividades e por ele ser acessado. Ele é capaz de ultrapassar barreiras temporais e geográficas que antes, sem a virtualidade, sem o digital, não lhe era possível. Sua relação com a escrita e com a leitura é modificada a partir do letramento que se estabelece nesse novo contexto. É preciso se adequar a um linguajar, em particular, que é o internetês, que é o uso de emoticons, de rébus, de nova formatação ortográfica, etc.

É possível agora o sujeito comentar através de um vídeo – algo que consideramos particular a essa prática de escrita digital. É possível ele acessar outros lugares de um mesmo lugar de maneira mais rápida e cômoda através dos *hiperlinks*.

Essa prática de escrita e leitura reflete o sujeito que exerce uma responsabilidade perante seu ato. Ele é responsável por aquilo que enuncia; não é livre de um dever. Assim a escrita não é tomada como uma entidade, como um objeto por si próprio desenvolvedor. Há um sujeito que responde ativamente e que exerce um tom emotivo-volitivo em seu enunciado, evidenciando uma escrita que é objeto dentro de uma situação real em que ele a utiliza. Essa situação real e essa utilização da escrita é o que podemos tomar como ponto de partida para o letramento do sujeito desse novo contexto. Apenas a relação real entre eles permite que o sujeito seja o vetor de uma maneira de dizer.

Essa maneira de dizer é o que nos possibilita a afirmar a continuidade dos enunciados no *site* PdH, a afirmar a continuidade dialógica presente. O comentário, tomado como turno de fala, ou melhor, turno de enunciação, dá lugar a uma grande gama de enunciados em que os aspectos estilísticos, temáticos e composicionais se mesclam e dialogam. Tomados os enunciados (os que se apresentam nos comentários e os textos comentados) em sua concretude, representam um grande amálgama em que as fronteiras de cada um são minimizadas. Mesmo que haja suas diferenças particulares, suas instabilidades, elas são inebriadas quando tomadas em conjunto.

Quando olhamos para os aspectos neste trabalho colocados, nosso intuito é de entender que os enunciados e também os gêneros discursivos, conseqüentemente, só existem dentro da sua real função social. O comentário, por exemplo, é tido em instituições de ensino como um gênero fechado e que deve haver determinadas maneiras de o fazer. A partir da análise e do *site* PdH, vemos que sua configuração pode ser muito diversa e é, na verdade, lugar de outros enunciados (assim o consideramos). Isso porque não olhamos para os

enunciados fora de sua real situação, de seu real contexto. Olhamos, além disso, para a sua estabilidade e para a sua instabilidade, que são promovidas pela singularidade dos sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: *Bakhtin: outros conceitos-chave*. (org. Beth Brait). 1 Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

ANDRADE, Felipe Sousa de. *Análise discursiva de comentários de internautas em sites sertanejos: reflexões sobre identidade e representação escrita de produção cultural de tradição oral*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Araraquara, 2013.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O espelho. In: _____. *Obra completa*. VI 2. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

BAKHTIN\VOLOCHINOV. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 13ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

BRAIT, Brait. Estilo. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. (org: Beth Brait). 4 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2010.

BRAIT, Brait.; Melo, Rosineide de. Enunciado\enunciado concreto\enunciação. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. (org: Beth Brait). 4 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2010.

CEREJA, William. Significação e tema. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. (org: Beth Brait). 4 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2010.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução: Reginaldo de Moraes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

_____. *Os desafios da escrita*. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

COSCARELLI, Carla Viana . Entrevista: Uma conversa com Gilles Fauconnier. . Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, Belo Horizonte, v. 5, n.2, p. 291-303, 2006.

CURCINO, Luzmara Ferreira. *Velhos novos leitores e suas maneiras de ler em tempos de textos eletrônicos*. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 41, p. 1013-1027, 2012.

ESOPO. *Fábulas Completas*. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. Ilustrações de Eduardo Berliner e Apresentação de Adriane Duarte. São Paulo: Cosac Naify, 2013,

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 1ª ed. 3ª impressão. São Paulo: Ática, 2008.

GATELY, Iain. *Tobacco: a cultural history of how an exotic plant seduced civilization*. New York: Grove Press, 2001.

GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento..* São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

KOMESU, Fabiana. *Gêneros do discurso e a atividade de escrita nas páginas eletrônicas pessoais da Internet*. Estudos Linguísticos (São Paulo), São Paulo, v. XXX, 2001.

_____. Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B.. (Org.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. 1ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, v. 1, p. 87-108.

_____. *Internetês para interneteiros: (velhas) questões sobre escrita*. Estudos Linguísticos (São Paulo), v. XXXVI, p. 100-1007, 2007.

KOMESU, Fabiana ; ARROYO, Raquel Wohnrath. *Do papel para a tela: aspectos enunciativos no reconto infantil*. Revista Colineares, v. 01, p. 70-85, 2014.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Irene. *Gêneros Discursivos*. In: Bakhtin: conceitos-chave. (org: Beth Brait). 4 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. DLCV. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB), João Pessoa, v. I, n.1, p. 9-40, 2003

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001

MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ONG, Walter Jackson. *Oralidade y escritura: tecnologias de la palabra*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

OLSON, David Richard. *O Mundo no Papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo, SP: Ed. Ática, 1997

OLSON, David. Richard.; TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

THOMAS, Rosalind. *Letramento e oralidade na Grécia antiga* (Tradução Raul Fiker). 1ª ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

Anexo 1

Como fazer feijão, passo-a-passo



Alessander Guerra
Como fazer, Dr. Cook, Comida

 Tweetar 137

256
COMENTÁRIOS

Nossos atuais Mecenass:

PHILIPS

Em primeiro lugar é bom esclarecer que todo esse texto é apenas uma sugestão. Lembrando que, em cada canto do Brasil e do mundo, há um tipo diferente de feijão.

E ele pode ser mais ou menos duro, de maior ou menor tamanho, enfim, de melhor ou pior qualidade. Dica prática: procure sempre informar-se sobre um feijão que dê bom caldo. Se o ingrediente for ruim, não há cozinheiro que salve.

Vamos lá!

Cozinhando o feijão

1. Pegue um pacote de 500g de feijão – abra, espalhe tudo e escolha os que vão para a panela. Jogue fora aqueles grãos que não estiverem bons.
2. Pegue uma panela de pressão e encha com 1 litro e meio de água. Coloque o feijão escolhido.

Salvou? | Foto por Flavio Massari



3. Tampe e ligue em fogo alto. A partir do momento que a danada começar a fazer o famoso: chiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!, conte 30 minutos e desligue o fogo. Aguarde um tempo para a pressão sair. Não vai abrir logo a panela porque vai dar m...
4. Na hora em que abrir a panela, pegue um grão e tente amassar. Se conseguir com facilidade, está cozido. Se não, volte para cozinhar mais um pouco.

Pra ficar mais fácil, agora ligue o fogo sem tampar a panela. Assim você tem como ir testando o ponto.

O caldo

Bom, agora que o feijão já está cozido é hora de temperar e engrossar o caldo.

1. Pique bem 1 cebola média.
2. Fatie 1 lingüiça calabresa e depois corte cada fatia em 4 pedaços.
3. Pegue outra panela, forre o fundo com azeite e leve para aquecer. Coloque a cebola e refogue mexendo por 1 minuto. Acrescente a lingüiça e continue mexendo por mais uns 2 minutos.
4. Aí é só virar isso tudo na panela de pressão que está com o feijão. Misturar e cozinhar mais um pouco em fogo baixo sem tampa, até engrossar o caldo. Uns 10 minutos, mais ou menos.
5. Para salgar, assim que colocar o tempero na panela e misturar, ponha 1 colher de sopa rasa de sal. Misture e prove. Se achar que precisa de mais um pouco, coloque, mas sempre de pouco em pouco. Porque sal você põe, mas não tira de jeito maneira.

Vai dar feijão pacas! Dá pra comer no dia e congelar o resto na quantidade de porções que desejar.

Alternativa: feijão sem panela de pressão

Muita gente morre de medo de usar panela de pressão, não tem em casa ou simplesmente nunca usou uma na vida.

Sabendo disso, gravamos um vídeo com o chef Renato Carioni, do

Nenhum SIM 12:00 papodehomem.com.br 100%

excelente restaurante *Cosi*, no qual ele ensina a fazer esse mesmo feijão aqui explicado, mas sem usar a polêmica panela.

O método de preparo é basicamente o mesmo, a única diferença é que você vai precisar deixar o feijão de molho na água da noite para o dia e o tempo de cozimento será um pouco maior. Vale a pena ver o vídeo e anotar as dicas preciosas.



Link Youtube

* * *

Nota 1: aproveite para fazer a refeição completa! *Aprenda também a fazer arroz e como passar um bife delicioso.*

Nota 2: esse se tornou um dos textos mais lidos do PdH, são mais de 600.000 visitas acumuladas em cinco anos. Se foi útil pra você, veja *a lista que preparamos com nossos artigos mais significativos de todos os tempos.*

publicado em 05 de Julho de 2009, 22:34



Alessander Guerra

Dono do **Cuecas na Cozinha**, gosta de cozinhar e receber os amigos. Em volta do fogão, acompanhados de uma boa bebida, compartilhamos a melhor das experiências.

Nossos atuais Mecenados:



★ Puxe uma cadeira e comente, a casa é sua. Cultivamos diálogos não-violentos, significativos e bem humorados há oito anos. Para saber como fazemos, leia [nossa política de comentários](#).

Sugestões de leitura



Anexo 2



Aprenda a assoviar como seu avô



Nossos atuais Mecenaz:

PHILIPS

É dessa forma que se chama um táxi nos filmes. É assim que o Zorro chama o Tornado. É assim que se chama um cachorro com estilo. E, provavelmente, era assim que o seu pai chamava quando queria que você voltasse do futebol na rua.

Acho que existe toda uma linhagem de assoviadores que deve remeter aos primórdios da caça, quando éramos nômades. Eu acredito nisso.

Há alguns dias tivemos um embate no QG e separamos o mundo entre aqueles que sabiam assoviar poderosamente alto usando os dedos e o resto, que assoviava frouxo e baixinho.



Por acaso, encontramos este guia, feito pelos primos gringos do **Art of Manliness**, ensinando a fazer o assovio classudo.

Nós queremos que você esteja no topo da cadeia alimentar do assovio, por isso estamos compartilhando o vídeo e as instruções ilustradas.

PUBLICIDADE



Agora é só fazer bonito.

Aprenda a assoviar como os antigos



[Link Youtube](#) | No vídeo o Brett McKay ensina a fazer também só com uma mão

Abaixo vai um pequeno resumo ilustrado, para você pegar os detalhes da coisa.

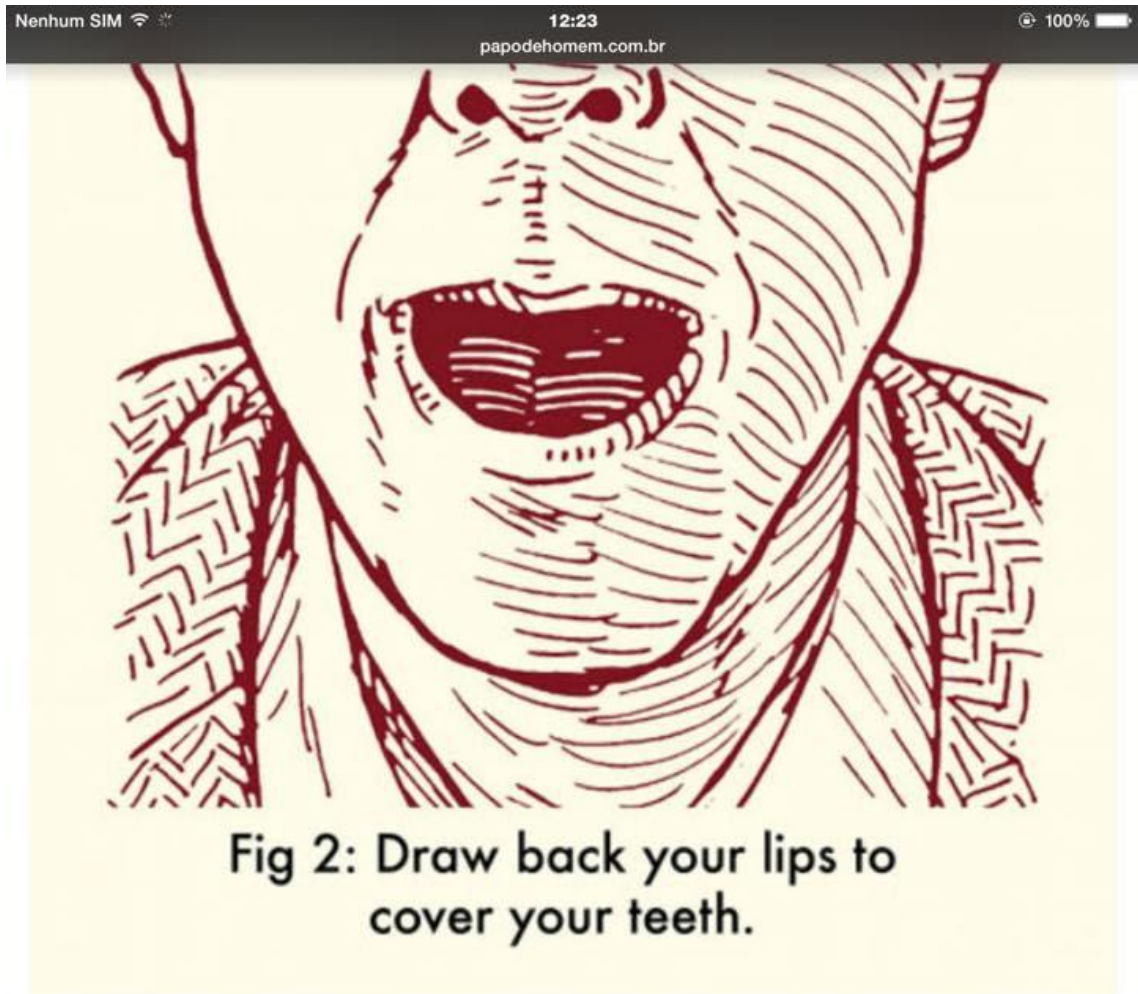




Fig 1: Form an "A" shape with your index and middle fingers using both hands.

Faça um "A" usando os dedos indicadores e do meio das duas mãos





Coloque seus lábios para trás, para cobrir seus dentes





Coloque a língua atrás da boca





Sopre pelo buraco entre os dois dedos indicadores

O cara do Art Of Manliness disse que precisou de mais ou menos uns quarenta minutos em dois dias de treino até assoviar dignamente. O Jader conseguiu bem mais rápido.

Eu sou trouxa e nem consegui, mas sigo tentando.

publicado em 21 de Agosto de 2013, 09:04



Luciano Ribeiro

Editor do PapodeHomem, tem um amor não correspondido pela música. Volta e meia grava pelo [Na Casa de Ana](#). Está no [Twitter](#), [Facebook](#) e [Google+](#).

Nossos atuais Mecenass:



★ Puxe uma cadeira e comente, a casa é sua. Cultivamos diálogos não-violentos, significativos e bem humorados há oito anos. Para saber como fazemos, leia [nossa política de comentários](#).

Sugestões de leitura



Anexo 3

Como engraxar e dar brilho aos seus sapatos, passo-a-passo



Luciano Ribeiro
Cultura e arte, Como fazer

Curtir Compartilhar 240
 Tweetar 11

13
COMENTÁRIOS

Nossos atuais Mecenass:

PHILIPS

O **Bruno Passos** escreveu há algum tempo **um excelente texto explicando quais os cuidados devemos ter com os nossos sapatos** para mantê-los sempre com aquela cara de novo e bem conservado.

Um dos pontos reforçados por ele foi a respeito da limpeza e do brilho, que pode ser renovado quando você engraxa seus calçados.

"Lembre-se que a primeira etapa aqui é passar um pano úmido em todo o sapato, então, passe uma escova com vigor, principalmente onde o couro dobra ao andar, pois é nesta parte que fica depositado a maior parte dos resíduos de pó.

***Atenção:** evite utilizar sabão na limpeza. Normalmente terão resíduos químicos que vão alterar a cor e danificar o material que está sendo limpo. Engraxar é uma ação que só deve ser realizada após o calçado estar completamente limpo, caso contrário, você só irá camuflar a sujeira e não aumentar a vida útil dos seus sapatos.*

A graxa deve ser colocada em um pano liso (camiseta velha de algodão é uma ótima pedida), depois passada de maneira circular, assim você obtém um resultado uniforme e sem oscilações de cor ou brilho. A função da graxa não é só fazer brilhar, mas também hidratar o couro e evitar que ele resseque."

Brett McKay, do Art of Manliness, fez um vídeo ensinando, passo-a-passo, como engraxar seu sapato e deixá-lo com aquele brilho e polimento perfeitos que vão dar aquele ar de cuidado e atenção aos detalhes à sua apresentação.

O vídeo está em inglês, mas os passos são explicados de forma bastante visual. Pode dar o play que o idioma não vai ser um problema.

PUBLICIDADE





Link Youtube

De qualquer forma, resumi aqui o passo-a-passo, para facilitar a compreensão enquanto você assiste ao tutorial.

Os materiais que ele usa são:

- Uma escova de sapatos
- Uma meia (eu usaria uma flanela)
- Graxa para sapatos

Vamos aos procedimentos:

1. Remova toda a sujeira com a escova





Escove o sapato com bastante força, para deixá-lo livre de lama ou poeira

2. Aplique a graxa à meia ou flanela



Tome o cuidado de não exagerar

Nenhum SIM

12:30

100%

papodehomem.com.br

3. Aplique a graxa em círculos e em pequenas quantidades



Lembre-se de cobrir todo o sapato. Atenção aos detalhes

4. Escove o sapato com força





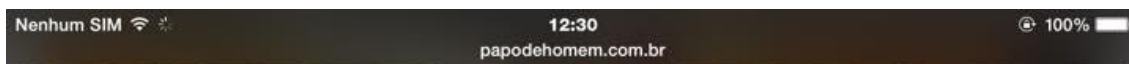
O calor da fricção faz o sapato ficar com mais brilho

5. Intensifique o brilho com calor



Sopre ar quente e esfregue rápido e forte usando a escova





papodehomem.com.br



Você também pode usar uma caixa de engraxate para dar um brilho extra, esfregando bem rápido com um tecido

E aí, quais truques vocês teriam a compartilhar para deixar seus sapatos engraxados e brilhantes como novos?

publicado em 29 de Setembro de 2013, 19:37



Luciano Ribeiro

Editor do PapodeHomem, tem um amor não correspondido pela música. Volta e meia grava pelo [Na Casa de Ana](#). Está no [Twitter](#), [Facebook](#) e [Google+](#).

Nossos atuais Mecenass:



Nenhum SIM 12:30 papodehomem.com.br 100%

★ Puxe uma cadeira e comente, a casa é sua. Cultivamos diálogos não-violentos, significativos e bem humorados há oito anos. Para saber como fazemos, leia [nossa política de comentários](#).

Sugestões de leitura



Nenhum SIM 12:31 papodehomem.com.br 100%

Garotas com armas
Jader Pires 18

13 Comentários Papo de Homem Entrar

Recommend 1 Compartilhar Ordenar por Melhor avaliado

Participe da discussão...

Lucas Chini
2 anos atrás

Dica de ex-militar (ou como aprendi no serviço militar obrigatório no ano de 2009, onde os coturnos são engraxados diariamente - e depois durante o dia várias vezes polido- e ainda faço nos meus sapatos de segurança, como trabalho agora na indústria):

- Limpar a sujeira como explicado antes
- No lugar de usar a meia de algodão use uma escova de dentes macia para espalhar a graxa no sapato.
- Deixar a graxa ali uns dez minutos descansando, e no sol se possível.
- Agora sim passar a escova até ter certeza de que a graxa ficou muito bem espalhada e uniforme.
- Dica de ouro: no final para lustrar/polir use uma meia calça (aquela velha da sua senhora, tia, mãe, avó...) é o melhor tecido pra se fazer isso, ou o que dá mais brilho.
- Um outro macete pra quando o estado do sapato já é parecido com um de quem trabalhou na roça, é depois de passar a graxa, "velar" o couro, ou seja, queimar a graxa no couro com uma vela acesa, passar a chama bem perto dele mesmo. Ou usar um secador de cabelos, um soprador térmico, qualquer coisa, e depois repetir os outros passos.

Faço isso até hoje, e me mantenho sempre no cargo de "o cara do chão de fábrica com os sapatos mais bonitos" hehe. Abraços!

25 Responder

Aguiar → Lucas Chini
2 anos atrás

não curto usar escova de dentes ou a escova de sapatos para engraxar, pois podem arranhar levemente o sapato. Não influencia muito à distancia, mas olhando de perto da pra ver as marcas.
eu prefiro usar um pano, amarrado por cima da propria escova.

tem umas espumas de silicone que também ajudam, depois de engraxado, a dar brilho e proteger.

0 Responder


Nenhum SIM 19:22 92% papodehomem.com.br

Filipe
2 anos atrás

Técnica testada e aprovada!

Na foto que anexeí dá pra perceber a diferença entre a bota engraxada (pé direito) e a que apenas limpei com escova(pé esquerdo)...

Ocultar



14 Responder

Mateus Manhani
2 anos atrás


Adorei esse post, vou usar essa dica pro próximo final de semana!!

Obrigado Luciano

3 Responder

Wellington
um ano atrás

[Engraxando coturno](#) - youtube.com





Aqui tem uma boa dica que eu uso e recomendo!

2 ^ v Responder

 **Wendell Henrique SG**
3 meses atrás

Não presta com tênis "converse" ?

0 ^ v Responder

 **Beethoven Mawherik**
um ano atrás

Alguem poderia me falar onde posso comprar botas como essa da matéria?

0 ^ v Responder

 **leo**
2 anos atrás

Não só as dicas são legais, mas também o canal no You Tube.

0 ^ v Responder

 **Pepe**
2 anos atrás

Casca de banana... Para um brilho rápido, mas não muito durável.

0 ^ v Responder

 **W. W. Barros**
2 anos atrás

Uma dúvida: tenho um sapato de couro que gosto muito, mas subestimei o clima seco de Brasília e

Nenhum SIM 19:23 papodehomem.com.br 92%

apareceram rachaduras no couro. Há alguma maneira de elimina-las?

0 ^ v Responder

 **Alexandre Minetto** → W. W. Barros
2 anos atrás

O couro, depois de rachado, já era.
É como se fosse um tecido que rasgou...

E pro próximo, use hidratantes para couro. Tem uns pra bancos automotivos, que servem, afinal, couro é couro, independente aonde esteja.

Só não use hidratante para pele de pessoa em couro animal. Alguns deixam o couro esbranquiçado.

0 ^ v Responder

 **arvro** → Alexandre Minetto
2 anos atrás

Pros meus sapatos, o óleo Baby Johnson tem funcionado bem... ele é só parafina e cheirinho de criança...

0 ^ v Responder

 **Matt Az** → W. W. Barros
2 anos atrás

Em sapatarias geralmente vendem um produto pra sapatos e botas de couro q serve para hidrata-los, custa mais ou menos 10 reais ^^

0 ^ v Responder

Bem-vindo ao novo
Papo de Homem

Toda terça enviamos um email com nosso melhor conteúdo.

Não se preocupe, não vamos enviar spam.

Anexo 4

Nenhum SIM 12:15 papodehomem.com.br 100%

Papo de Homem Coleções Percursos Autores Contato Anuncie

Targifor+C RECARREGA SUA DISPOSIÇÃO. ASSISTA O VÍDEO

BR-TAR-15.06.02 16.06.15

Como fazer ceviche, passo-a-passo

Rodrigo Cambiaghi
Guias práticos, Comida, Como fazer
[+]

Tweetar 20 **32** COMENTÁRIOS

Nossos atuais Mecenass:

PHILIPS

Certa vez um chef de cozinha me contou um conceito interessante que ele chamava de "temperos polarizantes". São temperos fortes, quase impossíveis de passar despercebidos pelo nosso paladar. A consequência é que as pessoas os adoram ou detestam. Exemplos clássicos são a **anis**, **coentro**, **curry**, pimentas mais fortes, **cominho**, cebola crua, **wasabi** e por aí vai.

O ceviche é um prato que tradicionalmente leva três temperos polarizantes: coentro, cebola crua e pimenta. Costuma ser amor à primeira garfada ou ódio.

Eu, pessoalmente, me apaixonei pelo ceviche quando comi pela primeira vez em 2011 e até hoje tenho desvendado cevicherias por qualquer cidade ou país que passo.

Tradicionalmente é um prato peruano lá da época dos Incas, de uns 2.000 anos atrás, mas se popularizou bastante em toda América Latina, principalmente na Colômbia, Equador, Chile e México.

A base do ceviche é um peixe branco cru, marinado em suco cítrico acompanhado de algum tubérculo, à partir daí é possível fazer milhões de variações. A receita abaixo é do Chef Dagoberto Torres, do **Restaurante Suri**, de São Paulo – um dos meus restaurantes favoritos diga-se de passagem.

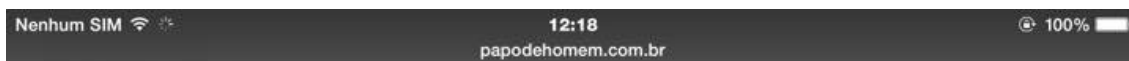
PUBLICIDADE



Os ingredientes:

Para preparar o ceviche clássico você vai precisar de:

- Um peixe branco fresco limpo (Corvina, Pescada, St.Peter, Porquinho);
- Sal;
- Pimenta dedo de moça picada (sem sementes);
- Coentro fresco (não use aqueles desidratados de saquinho);
- Milho cozido;
- Limão Taiti;



- Gelo;
- Cebola Roxa;
- Molho de pimenta;
- Água;
- Batata doce cozida.

Como é um prato servido praticamente cru, tudo deve ser extremamente fresco, quanto mais fresco, melhor. Tenha um cuidado especial na escolha peixe. Ele é o elemento principal do ceviche.

Não existe quantidade exata para cada ingrediente, e esse é o pulo do gato e grande desafio, todos os ingredientes são naturais e portanto eles podem variar o sabor conforme a safra, o limão pode estar mais suave, a pimenta mais picante, a cebola mais ardida.

Portanto é importante ir provando aos poucos para equilibrar os sabores.

Modo de preparo





[Link Vimeo](#) | [Link Youtube](#) | [Assine nosso canal no Youtube](#)

Algumas dicas:

- Corte a cebola roxa e deixe ela de molho na água gelada, assim ela perde um pouco do ardido.
- Coloque os potes que você servirá o ceviche no freezer.
- Da mesma maneira, quando estiver preparando ceviche, coloque uma pedra de gelo para refrigerar o peixe.
- Se você vai preparar ceviche pela primeira vez faça uma porção pequena é mais fácil de balancear os sabores.
- É possível eliminar o coentro da receita caso você deteste, mas é como bolonhesa sem molho de tomate, tente colocar nem que seja 2 folhinhas.
- Sinta-se à vontade para colocar camarão, lula, mariscos, vieiras e outros frutos do mar.

Agradecimentos especiais ao Chef Dagoberto Torres do Suri, por nos receber; ao Paulo Leierer do canal [O Que Tem Pra Hoje](#), pela ajuda com a câmera; e à [Luiza Castro](#), pela aula de Final Cut e correção de cor do vídeo.

Nenhum SIM

12:18

100%

papodehomem.com.br



Rodrigo Cambiaghi

Gerente de atendimento e curador do **Apimentadas** - Resolve problemas e acalma pessoas surtadas. Se acha diferente por não acompanhar futebol e gostar mais de mostarda do que de ketchup, é apaixonado por comida latino-americana e ceviche. Para mais informações consulte seu terapeuta.

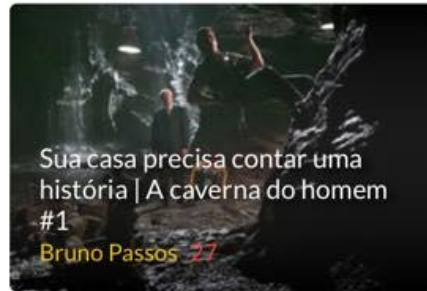
Nossos atuais Mecenass:



★ Puxe uma cadeira e comente, a casa é sua. Cultivamos diálogos não-violentos, significativos e bem humorados há oito anos. Para saber como fazemos, leia [nossa política de comentários](#).

Sugestões de leitura





32 Comentários

Papo de Homem

1 Entrar ▾

Recommend 2

Compartilhar

Ordenar por Melhor avaliado ▾

Participe da discussão...



Francisco De Assis Rosa

3 anos atrás



Farei esse fim de semana.


Um dos meu pratos favoritos, mas será a primeira vez que farei.
Já tinha visto a receita aqui tbm <https://www.youtube.com/watch?...>

Nenhum SIM 12:19 papodehomem.com.br 100%




desejem-me boa sorte, hahah

Ocultar

Ogrostronomia - Ceviche






8 ^ v Responder

 **André Tamura** → Francisco De Assis Rosa 3 anos atrás  




Boa sorte @Francisco De Assis Rosa ! Na dúvida em acertar as receitas, deixe todos com bastante fome! Sempre gostam.

3 ^ v Responder

 **Guilherme Nascimento Valadares** → Francisco De Assis Rosa 3 anos atrás  

Francisco, adorei esse canal que indicou! excelente.

2 ^ v Responder

 **Francesinha** 3 anos atrás  

Nenhum SIM 12:20 papodehomem.com.br 100%

Muito apetitoso! Adorei tanto o texto quanto o vídeo. Interessante esse conceito de temperos polarizantes. Instintivamente, a gente sabe que isso acontece, mas nunca sabe explicar. Agora tenho uma denominação que se encaixa perfeitamente, vou me lembrar.

Só uma pequena tradução que pode ajudar (me corrijam se eu estiver errada):
Peixe St. Peter = Tilápia

Parabéns pelo vídeo. Espero que os leitores gostem para vocês fazerem mais.

5 ^ v Responder

Lucas Alcardi → Francesinha
3 anos atrás

Correto, trata-se da mesma espécie de peixe.

1 ^ v Responder

Rodrigo Cambiaghi → Lucas Alcardi
3 anos atrás

É a mesma espécie, são bem parecidos mas não é o mesmo peixe!
A tilápia tem bem mais espinhos.

0 ^ v Responder

Fabio de Abreu-e-Lima → Francesinha
3 anos atrás


Cherie, o que popularmente parece diferenciar ambos é o tipo de criação. A tilápia 'saint peter' é a de cativeiro, alimentada por ração. ;)

0 ^ v Responder

William Rufino → Fabio de Abreu-e-Lima
2 anos atrás

na verdade St peter é uma espécie de tilápia....


[Ocultar](#) — loucosporpesca.com.br



Nenhum SIM 12:20 papodehomem.com.br 100%


Ela é uma tilápia branca/rosa diferente da rendalli que é a tilápia mais comum. ou a do nilo etc.. ;)

0 ^ v Responder

 **Klaic**
3 anos atrás


Tenho uma prima que namora um peruano. Quando eles começaram a se relacionar, uma das primeiras coisas que ele preparou pra ela foi o ceviche. Ela ficou maravilhada e achou muito mais gostoso que o sashimi-que-de-japonês-não-tem-nada que um tio nosso faz. E desde então, ela me promete que qualquer dia vai fazer pra eu experimentar... mas nunca dá certo. Não gosto muito de preparar peixe em casa (fiquei traumatizada quando tentei fazer o sashimi-que-de-japonês-não-tem-nada do meu tio), mas vou tentar com essas dicas hahahahaha

4 ^ v Responder

 **Fabio**
3 anos atrás


No Japão eu dividia um apartamento com um peruano e ele me apresentou alguns pratos da culinária de seu país, o ceviche foi um deles. Em Kawasaki, próximo a estação, sentido Tsurumi, tem um restaurante peruano ótimo. Vale a pena conferir.

3 ^ v Responder

 **Cesar Tozzi**
3 anos atrás

Aprendi a fazer em Lima. Curso de um dia na cobertura de um prédio - <http://www.skykitchen.pe/> - <http://www.tripadvisor.com.br/...> - sugiro muito.
E como tudo no Peru, sempre cabe uma negociação nos preços.


1 ^ v Responder

 **Guilherme Nascimento Valadares** → Cesar Tozzi
3 anos atrás

que massa esse Sky Kicthen, Tozzi!


aprendeu outros pratos além do ceviche por lá? teríamos um puta prazer em publicar um relato com sua experiência.

0 ^ v Responder

 **Cesar Tozzi** → Guilherme Nascimento Valadares
3 anos atrás

É um curso de algumas horas. Aprendi o ceviche, papas a huancaína e um arroz com pollo. Posso tentar escrever alguma coisa e mandar para vocês.

0 ^ v Responder

 **André Tamura**



André Tamura

3 anos atrás



Ceviche entra no Top 5 de pratos favoritos. Já fiz com vários peixes, minha esposa gosta mais de Salmão. Para o meu paladar, cebola normal e limão tahiti funcionam muito bem.

✖ Ocultar



1 Responder



Artur

3 anos atrás



O cara do larica total fez esse prato tb.

1 Responder



Guilherme Nascimento Valadares

3 anos atrás




Coisa linda ver esse seu artigo, Cambi! Hei de testar esse passo a passo, assim que dominar a receita das batatas selvagens(que em breve publico aqui...).

E agradecimento imenso ao Paulo Leirer. Recomendo a todos que conheçam o trabalho dele com o projeto <http://www.oquetemprahoje.tv/> !


1 Responder

Nenhum SIM 12:20 papodehomem.com.br 100%

 **Pitel**
3 anos atrás


Cade o Loro José?

1 ^ v Responder

 **Helcio Furlan**
3 meses atrás


Eu morei 9 meses no Equador. Comia ceviche quase todos os dias. No shopping Quicentro, em Quito. Na praça de alimentação tem a cevicheria: Los Cebiches de la Rumiñahui ... uma delícia.

0 ^ v Responder

 **rodrigo rigo**
um ano atrás


Olá, como calculo a quantidade de ingredientes por pessoa. Por exemplo, para 7 pessoas quais as quantidades?
Obrigado!

0 ^ v Responder

 **rodrigo rigo**
um ano atrás


Olá, como calculo a quantidade de ingredientes por pessoa? Por exemplo, vou receber 7 pessoas em minha casa, quanto de peixe e demais preciso?

0 ^ v Responder

 **Pedro Schmitz**
um ano atrás


Já faço há um tempo, é muito bom. Com o passar do tempo fui adaptando a receita ao meu gosto. Faço com peixe, cebola roxa, pimenta, um pouco de cebolinha e pouco limão.

0 ^ v Responder

 **Pedro Schmitz**
2 anos atrás

E gengibre! Gengibre faz toda a diferença.

0 ^ v Responder


 **Pedro Schmitz**
2 anos atrás

Costumo fazer com cebola roxa, pimenta dedo de moça, sal e pouquíssimo limão. Fica muito bom.

Depois de pronto boto um pouco de azeite de oliva na porção individual.


0 ^ v Responder

Nenhum SIM 12:20 papodehomem.com.br 100%

 **bamboo**
2 anos atrás

Gracias!


0 ^ v Responder

 **cibulska**
3 anos atrás

"Como fazer um Cheviche"? Veja o vídeo do "Bom dia, Valentina Piras" que você aprende? rs

Produção, o vídeo do artigo está errado...

0 ^ v Responder

 **Fabio de Abreu-e-Lima**
3 anos atrás

Belos texto e vídeo, Rodrigo!


Essa receita original do chef Dagoberto me inspirou a aprimorar o chevice que costumo preparar.

Fiquei surpreso ao ler que coentro fresco está na lista dos temperos polarizantes. Seu sabor limonóide perfumado é a meu ver indispensável para saborear um prato com peixe branco.

Recomendo um 'pisco sour' para acompanhar ;)


Valeu!

0 ^ v Responder

 **Marcelo Barbosa**
3 anos atrás


pq insistem em chamar tilápia d saint peter?!

0 ^ v Responder

 **Rafael Oliveira**
3 anos atrás

Pra mim um tempero polarizante é orégano. Acho terrível e sinto que ele domina o sabor do prato onde está inserido..

0 ^ v Responder

 **Ricardo Gabriel**
3 anos atrás

Dicas extras: coloque gengibre, bata numa coqueteleira com mais limão e filtre ao final, sirva numa taça tipo martini

0 ^ v Responder

Nenhum SIM 12:21 papodehomem.com.br 100%

Guilherme Nascimento Valadares → Ricardo Gabriel
3 anos atrás

fala, Ricardo. não entendi bem.

a ideia é pegar o próprio caldo do ceviche e transformar num drink?

0 ^ v Responder

Carlos → Guilherme Nascimento Valadares
2 anos atrás

O caldo do ceviche é chamado de "LECHE DE TIGRE" leite de tigre... é bom demais, nós, os peruanos, gostamos muito!

0 ^ v Responder

BON JOVI
3 anos atrás

Já experimentei esse prato. Realmente ele é muito bom.

0 ^ v Responder

TAMBÉM EM PAPO DE HOMEM O QUE É ISSO?

Quatro sites que vão te ajudar a não compartilhar uma notícia falsa
10 comentários • 17 horas atrás

Fábio Barbosa de Araújo — Sou fã do E-farsas.
Sempre que vejo um novo hoax entro lá pra checar.

Rayssa Leal: a fada skatista que chamou a atenção do Tony Hawk
2 comentários • 20 horas atrás

Luciano Andolini — Que coisa linda ela andando de skate vestida de fada. haha

Visualizar o privilégio | Exercícios de empatia, 10
97 comentários • 2 dias atrás

Lucas Natan — Pode parecer chover no molhado, mas eu acho que reconhecer os nossos privilégios é um dos passos mais importantes ...

Por trás dos arrastões do Rio
110 comentários • 2 dias atrás

Diogo Cordeiro da Silva — "Roubar celular por necessidade..." Eu pensava que água, abrigo, comida e esse tipo de coisa que fosse ...

Assinar feed Adicione o Disqus no seu site Privacidade **DISQUS**

Bem-vindo ao novo
Papo de Homem

Toda terça enviamos um email com nosso melhor conteúdo.

Digite seu email... **Cadastrar**

Não se preocupe, não vamos enviar spam.

Papo de Homem Sobre nós
Política de comentários
Mídia Kit
Fale com a gente

Por aí
papodehomem
@papodehomem
@papodehomem

© 2006 - 2014 Papo de Homem

Anexo 5



Receita de hamburguer do MEATS! Como fazer o hamburguer mais matador de todos



Rodrigo Cambiaghi
PdH Vídeos, Como fazer, Comida [+]

Curtir

Compartilhar

1,6 mil

Tweetar

43

39

COMENTÁRIOS

Nossos atuais Mecenass:

PHILIPS

Ao contrário do que a maioria deve imaginar, a ideia de gravar um tutorial de como fazer uma receita de hamburguer suculento com bacon não partiu de nenhum ogro do PapodeHomem, mas sim de uma dama.

A Talita Alves -- nossa cliente, leitora, amiga do PapodeHomem e colaboradora **do Factóide** --, Inspirada **pelo tutorial do Ceviche** que a gente fez, nos sugeriu a pauta de fazer um vídeo mostrando como fazer um hamburguer foda. Pra

Nenhum SIM 12:32 papodehomem.com.br 100%

completar, ajudou ainda a fazer a ponte com o Paulo Yoller, chef e sócio do restaurante Meats.



Paulo e seu pequeno império de carne, pães e bacon

As hamburguerias se proliferam

Nenhum SIM 12:32 papodehomem.com.br 100%

Nos anos 80, houve o "boom" das pizzarias em São Paulo. No começo dos anos 90 foram as padarias e churrascarias. No ano 2000, a bola da vez eram os rodízios de sushi e temakerias.

PUBLICIDADE



De 2010 pra cá, está rolando **a explosão dos botecos chiques e burgeruérias.**

Claro que, nesse momento em que pipocam negócios "iguais", surge uma série de restaurantes picaretas. Mas a seleção natural dos consumidores cuida de fechar os picaretas e os modinhas pra restar apenas o que tem de bom mesmo, os restaurantes que conseguem entregar algo realmente de valor pro freguês.

Topei fazer o vídeo com o Paulo Yoller do Meats porque sabia que era um cara que não entrou no jogo pra brincar.

Trabalhou como açougueiro em diversos lugares do mundo, liderou a cozinha do Butcher's Market (outra baita burgeruéria de sampa), montou o restaurante com uma estrutura parruda e equipamentos top de linha -- digna de restaurante da gringa -- e tem por trás os sócios do Le French Bazar dando o respaldo financeiro.

O cara sabe o que está fazendo.

Tarefa do dia: ir no MEATS gravar um vídeo

Chegamos pra gravar a entrevista, a Luiza e eu, numa quinta-feira à tarde, bem no intervalo entre o almoço e o jantar. Restaurante fechado, cadeiras viradas para cima, só uma simpática moça terminando de limpar a cozinha (que fica dentro de um box de aço inox) e um ajudante tirando uma honesta siesta. Montamos os

Nenhum SIM 12:32 papodehomem.com.br 100%

equipamentos, preparamos as câmeras enquanto o Paulo não chegava. Cada minuto de atraso era um minuto a menos de aproveitamento de gravação, uma vez que, dada a hora de reabrir o restaurante, nós passaríamos de convidados a estorvo.

Ele disse que tinha se atrasado porque estava terminando de arrumar seu apartamento, deixando ele apropriado para adotar um cão, ou seja, estava deixando tudo à prova de destruição por dentadas. Uma espera que não durou nem 15 minutos.

Veio até nós um rapaz novo, de pouco mais de 20 anos, boné, bigode... sem a **dolmã**, brotavam pelos braços tatuagens nada *vegan friendly*: um bacon em torno do antebraço, uma vaca dividida pelos tipos de carne e um cutelo em cada braço.

Passada a apresentação inicial, começamos rápido (o restaurante ia abrir para o happy hour e jantar em 2 horas). O Paulo colocou a dolmã e dispensou a **toque blanche**. Ficou de boné mesmo. Fomos para a cozinha enquanto ele me fazia perguntas deliciosas: "qual hamburguer você quer que eu faça? Só uma receita mesmo? Não querem que eu faça a sobremesa nova que eu tô pra lançar?"

Não dava tempo. Sugeri um x-bacon salada básico, da maneira que qualquer ser humano com o mínimo de habilidade na cozinha pudesse fazer em casa.

Gravação rápida, captação ágil de imagens, velocidade, controle pleno. Ele já tinha deixado tudo preparado e esquematizado: a carne pronta pra moer, o pão, os queijos, o bacon, o alface.

Tudo gravado praticamente num take só. O rapaz não se embananou nem pediu pra voltar e fazer de novo. Era tudo muito prático e sem frescuras, do jeito que precisava ser feito.





Link YouTube | "Gordura nunca é demais quando se está falando de hamburguer"

Gravação feita, tudo bonitinho, tudo guardadinho (equipamento, cartões, câmeras, a porra toda).

"Vocês querem um hamburguer?"
-- Paulo

Estômagos saltitando e olhinhos brilhando bem na hora do lanche da tarde.
Bullseye.

Enquanto o Paulo preparava nossos suculentos hamburgueres, papeavamos sobre carne, restaurantes o que ele quer tirar e colocar do cardápio. Ele contou um pouco da sua experiência como açougueiro na Europa e como, lá, ele conseguiu reunir a base do que seria a fórmula do hamburguer que ele faz hoje.

Comemos o hamburguer e provamos 3 tipos diferentes de pimenta que ele tem na cozinha, só coisa boa. Ele ofereceu aquela sobremesa o brigadeiro de colher que estava estudando pra incluir no cardápio do Meats, ainda em fase de teste.

Pode botar na carta, Paulo. Pode botar lá.

Nos despedimos antes que resolvêssemos abrir uma cerveja e ficar para o Happy Hour.

Nenhum SIM

12:32

100%

papodehomem.com.br

O dia foi foda.

Para quem quiser conhecer o Meats

Rua dos Pinheiros 320 - Pinheiros - São Paulo - SP

(11) 2679-6323

publicado em 25 de Abril de 2013, 08:47



Rodrigo Cambiaghi

Gerente de atendimento e curador do **Apimentadas** – Resolve problemas e acalma pessoas surtadas. Se acha diferente por não acompanhar futebol e gostar mais de mostarda do que de ketchup, é apaixonado por comida latino-americana e ceviche. Para mais informações consulte seu terapeuta.

Nossos atuais Mecenass:



★ Puxe uma cadeira e comente, a casa é sua. Cultivamos diálogos não-violentos, significativos e bem humorados há oito anos. Para saber como fazemos, leia [nossa política de comentários](#).